

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DANNY BERGAMI BRAVO



ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O FENÔMENO SEM RELIGIÃO E A GERAÇÃO Z

DANNY BERGAMI BRAVO

RELIGIOSIDADE Z:

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O FENÔMENO SEM RELIGIÃO E A GERAÇÃO Z



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Dr. David Mesquiati de Oliveira

VITÓRIA-ES

2021

**Bravo, Danny Bergami**

Religiosidade Z / análise da relação entre o fenômeno sem religião e a geração Z / Danny Bergami Bravo. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

vii, 79 f. ; 31 cm.

Orientador: David Mesquiati de Oliveira

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

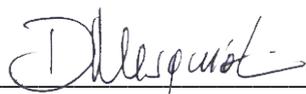
Referências bibliográficas: f. 75-79

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Geração Z.
4. Novas gerações. 5. Sem religião. 6. Fé desinstitucionalizada.
7. Desigrejados. - Tese. I. Danny Bergami Bravo. II. Faculdade Unida de Vitória, 2021. III. Título.

DANNY BERGAMI BRAVO

RELIGIOSIDADE Z: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O FENÔMENO SEM  
RELIGIÃO E A GERAÇÃO Z

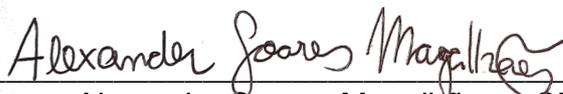
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA (presidente)



Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA



Doutor Alexander Soares Magalhães – CEFET/RJ

## RESUMO

Os impactos causados por uma nova geração não se resumem ao mercado de trabalho ou às abordagens comerciais. Suas características somadas aos valores e anseios específicos impactam seu comportamento social como um todo, inclusive a relação com a religiosidade. Em paralelo, pesquisas do Censo vêm registrando significativo movimento no campo religioso brasileiro, onde fieis passam a buscar a vivência da espiritualidade desvinculados das instituições religiosas estabelecidas. Este estudo, portanto, busca analisar as possíveis relações entre o dois fenômenos. Para isso, o mesmo apresenta uma descrição bibliográfica dos dois grupos, resultante de levantamento daquilo que se tem escrito acerca das temáticas. O ponto de fusão é analisado através de estudo de campo, apresentando pesquisa qualitativa com indivíduos que possuem características dos dois grupos (pertencentes à Geração Z, e adeptos ao movimento sem religião). Como resultado, este estudo sugere uma descrição da forma de fé da nova geração. A chamada Religiosidade Z.

Palavras-chave: Geração Z. Novas Gerações. Sem Religião. Fé desinstitucionalizada. Desigrejados.



## ABSTRACT

*The impacts caused by a new generation can't be summarized by work market or commercial aspects. It characteristics added to it specifics values and necessities cause an impact on it social behavior, including its relation with religion. At the same time, Censo's researches have registered important movement on the Brazilian religious field, where believers are looking for a spiritual living disconnected from stablished religious institutions. Therefore, this study seeks to analyze possible relations between those two phenomenons. To do so, it presents a bibliographic description of both groups, as a result of what has been written about those themes. The fusion point is analyzed by field research, presenting qualitative study with individuals who have characteristics of both groups (belonging to Generation Z and part of no religion movement). As a result, this study propose a description of new generations form of faith. The so called Religiosity Z.*

*Key-words: Generation Z. New Generations. No Religion. Uninstitutionalized Faith. Unchurched.*



## LISTA DE IMAGEM E TABELAS

Imagem 1. Localização e densidade da população sem religião no Brasil.....	39
Tabela 1. Classificação Geracional de 1920-2010 .....	17
Tabela 2. Religiões no Brasil 1872-1991 .....	36
Tabela 3. Religiões no Brasil 2000-2010 .....	37
Tabela 4. Distribuição da população por regiões e religião. ....	40
Tabela 5. Divisão populacional por religião e faixa-etária.....	41
Tabela 6. Identidade Religiosa (EUA - 2018).....	65



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A GERAÇÃO Z .....	10
1.1 Juventude na pós-modernidade .....	10
1.2 Herança Geracional .....	16
1.2.1 Geração X.....	18
1.2.2 Geração Y .....	20
1.3 Características Específicas da Geração Z.....	23
2 O FENÔMENO SEM RELIGIÃO .....	30
2.1 Religiosidade na Pós-modernidade .....	30
2.2 Definição do fenômeno sem religião.....	35
2.2.1 Números estatísticos .....	36
2.2.2 Conceituação teórica.....	42
2.3 Fé Desinstitucionalizada.....	46
3 A RELIGIOSIDADE Z .....	53
3.1 Sobre a pesquisa de campo.....	53
3.2 Fé da nova geração .....	58
3.2.1 Descobertas de campo .....	59
3.2.2 Descrições teóricas .....	63
3.3 Uma perspectiva do futuro da fé.....	66
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS .....	75
APÊNDICES .....	80
ANEXOS .....	82

## INTRODUÇÃO

Sob a titulação de *Religiosidade Z*, este trabalho tem como objetivo descrever a forma de manifestação religiosa da nova geração. Em decorrência dos impactos causados pelo pensamento pós-moderno<sup>1</sup>, busca-se entender como a nova geração interage com o campo religioso e qual o papel da religiosidade na cultura presente e futura.

Nota-se que uma nova geração tecnológica, com valores sociais revolucionários, começa a adentrar o mercado de trabalho dando os primeiros passos rumo ao protagonismo. Porém, a mesma parece possuir características, anseios e comportamento ainda pouco estudados com a devida profundidade. Paralelamente, identifica-se um significativo movimento no cenário religioso brasileiro que pode demonstrar uma nova forma de aproximação do indivíduo com a religiosidade. Por isso, esta pesquisa parte da hipótese da existência de uma relação direta entre as características do grupo sem religião e os anseios da Geração Z. Acredita-se que a forma de expressão religiosa deste crescente grupo coincide com cosmovisão da nova geração. Portanto a pergunta que este estudo buscará responder é se há uma relação direta entre a forma de envolvimento com a religiosidade da Geração Z e os valores defendidos pelo emergente grupo de expressão de fé sem religião.

Para tanto, este trabalho utiliza-se de duas metodologias: os dois primeiros capítulos são fruto de pesquisa bibliográfica. A partir de artigos acadêmicos, livros de pesquisadores da temática e dados estatísticos, busca-se apresentar aquilo que é conhecido sobre os dois grupos em destaque. O capítulo final também se vale de um estudo bibliográfico, mas apresenta como ponto alto uma pesquisa de campo sobre a relação dos dois grupos. A mesma foi feita de forma virtual, através de entrevistas por videoconferências. Com uma amostragem de seis respondentes, esta pesquisa qualitativa foi delimitada principalmente por faixa-etária (nascidos entre os anos 1994-2002) e opção religiosa (adeptos à religiosidade sem religião). As variáveis foram determinadas, respectivamente, por concentrar o grupo caracterizado como Geração Z (descartando os menores de idade), e por acreditar-se poder alcançar dados mais relevantes entre os autodeclarados como sem religião. Um roteiro de questionário foi preparado com 5 perguntas abertas e abrangentes, com o objetivo de provocar o entrevistado a compartilhar o máximo de informações possível.

---

<sup>1</sup> Apesar de não ser objeto de estudo da presente pesquisa, percebe-se que os conceitos da pós-modernidade interferem nos temas estudados, tornando-se, assim, de interesse indireto. Nas páginas seguintes, serão analisados os impactos da pós-modernidade sob o conceito de juventude e de religiosidade. Dada a complexidade do tema, uma melhor compreensão do termo será trabalhada no tópico 2.1.

Por se dedicar a relacionar dois grupos paralelos, o trabalho está estruturado de forma a prover espaço e informação equilibrada de ambos os pontos. O primeiro capítulo se dedica à compreensão da Geração Z. Um estudo bibliográfico sobre a relação entre o pensamento pós-moderno e as características da juventude abre o raciocínio, demonstrando valores contemporâneos das novas gerações. Na sequência busca-se apresentar uma breve descrição do perfil das gerações anteriores à Z (Geração X e Geração Y), dando assim o contexto que resulta nos valores da nova geração. Em seguida a pesquisa passa à análise das características específicas da Geração Z, identificando os principais pilares que já podem ser encontrados na literatura sobre a mesma. Os principais autores de referência a esse capítulo são Sidney Oliveira, Koulopoulos, Keldsen, Allan Novaes, White, Stillman, Peretti e Nogoseke.

O segundo capítulo, em linha expositiva semelhante, busca entender o fenômeno sem religião. Uma apresentação dos impactos do pensamento pós-moderno na religiosidade dá a direção dos fatores que levam ao surgimento de novas formas de manifestação religiosa. Tendo como base o Censo 2010, são apresentados os dados estatísticos que descrevem não apenas a população que declara tal forma de religiosidade, como também possibilitam um levantamento de outras características gerais deste grupo, como idade, geografia, status social, escolaridade, entre outros. Na sequência, analisa-se como pesquisadores lidam com esses dados, podendo assim traçar o perfil do grupo sem religião. A partir desta descrição uma nova pesquisa bibliográfica revela como se manifesta uma fé despreendida de laços institucionais. Para isso, os principais autores consultados foram Camurça, Regina Novaes, Gava, Rivera, Bomilcar e Feitosa.

Finalmente, o terceiro e último capítulo busca encontrar os pontos de intersecção dos dois grupos descritos anteriormente, tendo a pesquisa de campo como tema principal. São apresentados os limites e especificações das entrevistas realizadas demonstrando sua aplicabilidade. As informações percebidas são expostas e analisadas propondo uma comparação com os dados encontrados na literatura sobre a religiosidade da Geração Z, buscando apresentar conclusões sobre o tema. Por fim, tendo em mente as expectativas e os anseios da nova geração de fiéis, a conclusão deste capítulo propõe uma perspectiva do que poderá representar a religião no espaço social no futuro próximo. São apresentadas sugestões às instituições religiosas para a manutenção de sua relevância nesse novo cenário. Para tanto, além das entrevistas em si, foram tomados por base os estudos de White, Gibbs, Danner, Gil e Flick.

## 1 A GERAÇÃO Z

O primeiro capítulo desta dissertação será dedicado ao estudo da denominada *Geração Z*. O objetivo é levantar dados encontrados em livros, artigos e pesquisas acerca desta temática. A construção do raciocínio será feita a partir de três tópicos: (1) Juventude na pós-modernidade; (2) herança geracional; (3) características específicas da Geração Z. Através dos mesmos serão apresentados respectivamente, os impactos do pensamento pós-moderno na juventude, as buscas e anseios deixados e passados pelas gerações anteriores à aqui destacada, além de uma descrição e definição específica do perfil da Geração Z.

### 1.1 Juventude na pós-modernidade

Buscando uma melhor compreensão das características da atual geração, faz-se necessário entender os efeitos que a pós-modernidade<sup>2</sup> pode causar sobre a juventude como um todo. Seria essa uma juventude diferente das *juventudes* anteriores? Numa análise teórica do tema descobre-se que existe divergência entre autores. A começar pela definição da abrangência do grupo em si. O que torna alguém jovem? Quais critérios devem ser considerados para classificar um indivíduo como parte da juventude? Essa não é uma pergunta simples de ser respondida. Embora o senso comum possa quase que instintivamente apontar a questão de faixa-etária, sob a ótica da sociologia, autores como Adriana Gava deixam claro que apenas essa definição “não basta para caracterizar o jovem”<sup>3</sup>. Existe uma crescente compreensão na academia de que a definição de um grupo social passa não só pela data do seu nascimento, mas principalmente pelas experiências vividas ou não por um determinado grupo. Pode-se sistematizar essa ideia dividindo os conceitos necessários para a categorização da juventude em dois critérios: “O critério etário e o critério sociocultural”<sup>4</sup>; sendo ainda necessário se fazer a ressalva de que qualquer definição atribuída à juventude será sempre “imprecisa, pois [esta categoria] abarca elementos de caráter não apenas etários e biológicos, mas, sobretudo elementos socioculturais (que variam de acordo com as diferentes culturas e mesmo no interior de cada cultura)”<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Para maior compreensão da terminologia *pós-modernidade*, ver tópico 2.1.

<sup>3</sup> GAVA, Adriana Silva Fleischmann. *A religiosidade do jovem contemporâneo: Significados e interpretações*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2013. p. 22.

<sup>4</sup> PERETTI, Clélia; NOGOSEKE, Elizabet Terezinha Castaman. *Jovens evangelizando jovens: uma experiência de protagonismo juvenil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 33.

<sup>5</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 31.

Existe um verdadeiro debate no que diz respeito ao critério etário de caracterização das diferentes fases da juventude.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a adolescência como um processo essencialmente biológico que abrange a pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). A juventude teria seu início durante a fase da adolescência, apontando para “o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos”. [...] No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica o “grupo jovem” entre 15 a 24 anos e o Estatuto da Juventude o faz entre 15 a 29 anos.<sup>6</sup>

Já no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lemos que “considera-se criança [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”<sup>7</sup>. Embora esta definição não se prolongue na determinação e detalhamento dos demais grupos, no seu *não-dito* já impacta a abrangência da juventude que seria a categoria subsequente.<sup>8</sup> Cecília Mariz busca sumarizar essa variedade de definições, dizendo que as classificações utilizadas no Brasil variam “dos 14 aos 24 anos, dos 15 aos 25 anos, ou ainda as que a estendem até os 35 anos, ou que a subdividem em ‘adolescência’ (até os 18 anos) e ‘juventude propriamente dita’ (após os 18 anos)”<sup>9</sup>. Assim, percebe-se que “há uma tendência de a juventude cobrir cada vez mais uma faixa etária mais ampla”<sup>10</sup>.

Quando pensamos no critério de definição sociocultural, percebemos que a discussão pode atingir níveis mais subjetivos. Allan Noves analisa que “o fim da juventude aparece relacionado a questões como maioridade civil, status profissional estável, matrimônio, auto sustento e paternidade/maternidade”<sup>11</sup>. David Oliveira e Kenner Terra corroboram acrescentando que:

Jovens são os que não se casaram, não tiveram filhos ou ainda não estão no mercado de trabalho, por exemplo. Deixa-se de ser jovem não quando se alcança determinada idade, mas com o total ingresso no mundo adulto. Vive-se a experiência de ser

<sup>6</sup> NOVAES, Allan. O Jovem na Literatura Acadêmica: Elementos para um estudo da arte dos estudos da juventude. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 246-257, 2018. p. 247.

<sup>7</sup> MALTA, Magno; BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. Brasília: Edições Técnicas, 2009. p. 23.

<sup>8</sup> Vale mencionar ainda que em alguns casos pré-definidos e excepcionais, a lei pode considerar adolescente pessoas entre 18 e 21 anos de idade.

<sup>9</sup> MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo: Juventude e religião. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-273, 2005. p. 260.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Teologia e Integridade*. Vitória: Unida; RELEP; FTL, 2018. p. 65-66.

<sup>11</sup> NOVAES, 2018, p. 247.

jovem enquanto esse ingresso ainda não ocorreu totalmente e já houve o abandono dos papéis infantis.<sup>12</sup>

E é justamente aqui que os novos comportamentos trazidos pela realidade pós-moderna começam a *afetar* a abrangência da juventude de forma mais direta. Gava é quem afirma que “a infância encolheu, e a juventude que agora se inicia com a pré-adolescência, pode chegar à beira dos trinta anos, quando muitos vão assumir o primeiro emprego, o que só vem a acontecer após a graduação, o mestrado e o doutorado”<sup>13</sup>. Ou seja, se o fim da juventude ocorre com a mudança do papel exercido pelo indivíduo com relação à sociedade, o retardamento dessa transição que se tem visto na atualidade resulta em um atraso do fim do período da juventude e em um alargamento da permanência no mesmo. Esta constatação se torna relevante quando analisado o impacto que esta nova postura pode trazer sobre diversas áreas da sociedade, como mercado de trabalho, formação de novas famílias e política.

Implícito nas descrições anteriores está outra característica importante da juventude. Esta é historicamente considerada uma “etapa transitória em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social”<sup>14</sup>. O que teóricos vão definir como “um ‘vir a ser’, ou seja, como um ser ainda incompleto”<sup>15</sup>. Tal composição leva o jovem a possuir um estado frágil. O mesmo ainda está se descobrindo e se formando. “Pode-se dizer que, para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para o jovem o desafio é definir-se diante de si próprio, de seus pares e perante a sociedade”<sup>16</sup>. Assim, ao se estudar a juventude é preciso levar em consideração essa fragilidade da característica específica. Ou seja, se a identidade ainda está sendo construída, as características pilares da juventude também podem passar por alterações. Ainda assim, Gava aponta uma sugestão de alguns fatores que devem ser determinantes para a formação dessa característica distintiva: “A formação da identidade juvenil, depende de uma boa socialização, que deve ser proporcionada e apoiada, pela família, escola, igreja e a própria sociedade de maneira geral”<sup>17</sup>.

Para Clélia Peretti e Elizabet Nogoseke, “a juventude é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo os diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais, religiosos e culturais”<sup>18</sup>. Em outras

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 66.

<sup>13</sup> GAVA, 2013, p. 24.

<sup>14</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 7.

<sup>15</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 42.

<sup>16</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 31.

<sup>17</sup> GAVA, 2013, p. 32.

<sup>18</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 8.

palavras, “a juventude é sempre resultante da realidade em que está imersa”<sup>19</sup>. Assim, a realidade presente leva a juventude a mudar constantemente. Cada grande acontecimento histórico, cada mudança social significativa; tudo afeta o desenvolvimento juvenil, uma vez que o mesmo ainda está formando sua própria identidade. Zygmunt Bauman afirma que “a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento”<sup>20</sup>. Logo, juventude também pode ser entendida como essa incapacidade de permanecer. Parafraseando o sociólogo, este grupo poderia ser definido como uma *juventude líquida*.

Voltando o olhar para a história do desenvolvimento deste conceito, vale destacar que a ideia de juventude “nem sempre existiu como categoria socialmente visível”<sup>21</sup>. Com base nos estudos de Jon Savage, Allan Novaes chega a afirmar que “a juventude é [...] uma invenção cultural”<sup>22</sup>. Juventude é um resultado da busca do mundo moderno. Pierre Bourdieu talvez seja o pai desse conceito. Em suas palavras, “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”<sup>23</sup>. Na sua visão, o conceito de juventude só se faz real quando colocado em oposição à realidade da velhice. Seria uma espécie de contraponto que vem ganhando cada vez mais valor no passar dos anos. A questão principal é que como consequência dessa nova valorização, a juventude tem se estabelecido com características próprias, passando a ganhar assim autonomia e uma consciência sociológica. José Pais busca analisar este novo grupo e suas implicações sociológicas, tanto no campo de estudo quanto na prática. Para ele, “a cultura juvenil requer um espaço social próprio”<sup>24</sup>.

Então o que faz do jovem um grupo social específico? Que característica o descreve em meio ao seu próprio pluralismo na cultura pós-moderna? Fabíola Felix propõe a seguinte sumarização:

Esse jovem é caracterizado pelo desejo de tudo sentir, tudo conhecer, tem uma curiosidade extrema e a certeza de que tudo está a seu alcance, de que está disposto e possibilitado a todas as coisas. Nada é definitivo para ele, tudo pode ser

<sup>19</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 9.

<sup>20</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 92.

<sup>21</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 31-32.

<sup>22</sup> NOVAES, 2018, p. 248.

<sup>23</sup> BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 113.

<sup>24</sup> PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. XXV, p. 139-165, 1990. p. 142.

transformado de acordo com seus anseios e suas necessidades, portanto, tudo é acessível.<sup>25</sup>

Gava completa afirmando que o jovem “tem grande interesse em novidades, é espontâneo, ousado, gosta de exclusividade, é atraído pela diferença, [...] se vê em meio a todos os processos, estando ele próprio também em processo de transformação”<sup>26</sup>. Fazendo alusão à música de Raul Seixas, num mundo líquido em constante mudanças de forma, o jovem se adapta sendo uma verdadeira “metamorfose ambulante”<sup>27</sup>. O que nem sempre será visto com bons olhos pela geração anterior. Muitas vezes esta capacidade de adaptação, e até mesmo esta necessidade do diferente, é interpretada como uma forma de rebeldia. Por isso “questão essencial é a de saber se esse pessimismo que hoje em dia transparece também no discurso científico sobre a juventude não será uma ressonância do discurso que atravessa o olhar das gerações adultas sobre as gerações jovens”<sup>28</sup>. Ou seja, a descrição negativa das revoluções trazidas pela geração atual pode muito bem ser apenas uma indisposição da geração anterior de ceder a transformações drásticas, ainda que para um novo melhor. Alguns pesquisadores vão mais longe, descrevendo essa visão negativa das mudanças juvenis como um rótulo imposto por outros interesses: “A construção do jovem [...] como rebelde sem causa e transgressor no século 20 foi consolidada pela indústria do marketing e do consumo, para além das descobertas científicas”<sup>29</sup>. A ideia é que essa nova categoria social precisava ser descrita com alguma identidade definida. Afinal, esse era um grupo com alto potencial de consumo, e para que seus interesses sejam *atendidos* pelo mercado é preciso que antes sejam claros. Por tanto a indústria passa a definir em muito quem é essa juventude.<sup>30</sup> Como coloca Matheus Pichonelli, é fato que “o jovem é sempre parte de uma geração que vem para abalar”<sup>31</sup>. Ou nas palavras mais sutis de Vlademir Ramos, a juventude contemporânea sempre vai procurar “espaços onde pode externalizar sua identidade”<sup>32</sup>. Mas isso não significa que esse impacto será ruim.

<sup>25</sup> FELIX, Fabíola Angarten. *Juventude e estilo de vida: cultura de consumo, lazer e mídia*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 31-32.

<sup>26</sup> GAVA, 2013, p. 33.

<sup>27</sup> METAMORFOSE ambulante. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas. In: KRIG-HA, BANDOLO! Intérprete: Raul Seixas. Rio de Janeiro: Philips Records, 1 disco sonoro, lado A, faixa 3. (3 min 50s).

<sup>28</sup> PAIS, 1990, p. 144.

<sup>29</sup> NOVAES, 2018, p. 248

<sup>30</sup> NOVAES, 2018, p. 248-253

<sup>31</sup> PICHONELLI, Matheus. Ansiosa, Geração Z Quer Acabar com #TBT e Ter Direito ao Esquecimento. *Tab*, [s.l.], [s.p.], 16 abr. 2019. [online].

<sup>32</sup> RAMOS, Vlademir Lucio. Religião e juventude: entre a felicidade social e a felicidade privada. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 41, 2011. p. 247.

Historicamente, [...] os estudos da juventude começaram tratando os jovens como problema social, em uma abordagem extremamente negativa. Dessa maneira, é preciso superar a abordagem de desvio social e abandonar o caminho fácil do estereótipo da rebeldia sem causa. Estar preso a esse rótulo na compreensão da juventude é reforçar a intolerância em relação às novas gerações e fortalecer a ideia de que eles são incapazes e problemáticos.<sup>33</sup>

Já existem pesquisadores que observam essa *revolução jovem* de um prisma positivo. Allan Novaes é um deles: “Toda nova geração, isto é, os jovens de um determinado momento histórico, ‘não estão completamente enredados pelos *status quo* da sociedade’”<sup>34</sup>. Por isso, “eles demonstram mais sensibilidade às falhas da cultura das gerações anteriores, pois toda geração carrega consigo suas virtudes e vícios”<sup>35</sup>. Assim, a juventude pode cumprir um importante papel de agente de transformação, trazendo crescimento para o mundo deixado pela geração anterior. Na visão do autor, o que costuma ser chamado de *conflito de gerações*, é na verdade uma forma de crítica expressa pela juventude indicando os erros e omissões cometidos pela geração anterior. Por isso, sugere que “é preciso aprender a enxergar o jovem não apenas como herdeiro do conhecimento e da tradição [...], mas [...] como um agente transformador em potencial das dimensões negativas da cultura vigente”<sup>36</sup>. Se bem direcionado, o jovem pode ser a resposta aos problemas mundiais antes insolúveis. A possibilidade de um olhar externo, desprendido das tradições, faz com que o jovem tenha a tendência de “querer reformar a sociedade atual, pois ao integrar-se nela quer transformá-la no que julga ser o ideal, de acordo com sua escala de valores”<sup>37</sup>. De certo ponto de vista, a *rebeldia* jovem faz parte da sua contribuição à sociedade. Protestar e quebrar paradigmas também é uma forma de despertar o status cultural para uma nova conduta. É uma forma de construir ou reformar o código ético social. Talvez esta seja uma compreensão fundamental em busca do equilíbrio na visão do papel do jovem. Ao se assumir a possibilidade de uma reformulação do código de ética, o próprio conceito de rebeldia cai por terra, uma vez que este é um ato de quebra dos padrões pré-estabelecidos pela geração anterior, mas não necessariamente sendo o melhor para a sociedade atual.

Como sujeito ativo o jovem age no mundo e sobre ele, se apropria do social transformando representações, aspirações e práticas, enfrenta determinações sociais dá sentido ao seu mundo e às relações que constrói. ‘O mundo adulto observa com desconfiança essas manifestações juvenis, e seus protagonistas são, de pronto,

<sup>33</sup> NOVAES, 2018, p. 253.

<sup>34</sup> NOVAES, 2018, p. 251.

<sup>35</sup> NOVAES, 2018, p. 254.

<sup>36</sup> NOVAES, 2018, p. 254.

<sup>37</sup> GAVA, 2013, p. 31.

rotulados de ‘rebelde sem causa’, expressão que, no fundo, quer significar ‘sem vinculação com ideais pré-estruturados pelas gerações precedentes’.<sup>38</sup>

Assim faz-se necessário entender que “grupos etários modernos não são geridos pela sociedade adulta, são grupos independentes e espontâneos”<sup>39</sup>, com seus códigos e padrões, com sua cosmovisão e sua ideologia. Entende-se então que um diálogo entre as diferentes gerações possa ser a maior contribuição para o avanço ético e comportamental que a sociedade como um todo busca. Essa relação tensa, demonstra a importância da compreensão dos valores anteriores para que se entenda a geração subsequente. Em outras palavras, a herança geracional é o fator motivador e formador do perfil da próxima geração.

## 1.2 Herança Geracional

A primeira questão que deve aqui ser levantada é: O que é uma geração? Uma possível definição sucinta seria: “Conjunto de indivíduos que viveram um mesmo acontecimento [...], no decurso de um mesmo período de observação”<sup>40</sup>. Já no dicionário de sociologia pode ser encontrada uma análise mais ampla dos significados do verbete *geração*:

Conjunto de indivíduos que apresentam ao mesmo tempo as seguintes características: a) nasceram dentro da mesma curva temporal [...]; b) como tais, são objeto de ações e avaliações sociais particulares, [...] diferentes das outras faixas de idade [...]; c) ocupam [...] uma posição social globalmente semelhante no processo de socialização [...], no mercado de trabalho, no sistema jurídico, econômico e político, na família; d) são expostos [...] a experiências sociais, culturais, psicológicas, semelhantes em seu conjunto [...].<sup>41</sup>

Esta definição ajuda não só a entender o que significa a expressão referida, mas também norteia a forma de caracterização das diferentes gerações. Com base nesta citação, pode-se identificar uma geração a partir de quatro perguntas: (1) Em qual período um grupo de pessoas nasceu? (2) Quais ações específicas deste grupo os diferem dos grupos anteriores? (3) Qual posição e comportamento tal grupo representa no mercado de trabalho, núcleo familiar e demais áreas? (4) A quais experiências sociais, culturais e psicológicas este grupo foi exposto?

Vale ainda destacar que todas essas características se tornam mais facilmente identificadas à medida que o tempo de vida de determinada geração avança. Apenas a título

<sup>38</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 38.

<sup>39</sup> GAVA, 2013, p. 34.

<sup>40</sup> GERAÇÃO. *In*: DICIONÁRIO Geral das Ciências Humanas. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 215.

<sup>41</sup> GERAÇÃO. *In*: DICIONÁRIO de Sociologia. São Paulo: Paulus, 2005. p. 327.

de exemplo, pode-se compreender com maior facilidade o comportamento e a cultura da geração nascida na década de 1940 do que no caso da nascida a partir de 2010. Isso porque os nascidos em 1940 já tiveram tempo de *mostrar* aquilo que são e o que pensam do mundo. Suas características já foram afloradas, enquanto os nascidos a partir de 2010 tecnicamente ainda encontram seus pilares em formação. Em outras palavras, quanto mais jovem é uma geração mais difícil é a precisão na caracterização comportamental e o conhecimento do perfil. Logo, a busca por conhecer a Geração Z traz consigo desafios. Ainda assim, é possível identificar o suficiente para realizar projeções, mesmo que não se possa visualizar a totalidade de sua forma de entender e interagir com o mundo. Pode haver facilidade na compreensão da cosmovisão dos nascidos em 1995, mas com relação ao outro extremo da faixa-geracional<sup>42</sup>, 2015 por exemplo, a descrição de padrões tende ao especulativo. Destaca-se esse problema porque é ele que ressalta a importância do estudo das gerações precedentes. Dessa forma será possível traçar padrões e eventuais reações que a *próxima* geração tende a desenvolver. Ou seja, entende-se que a Geração Z, em grande parte, será resultado das progressões sociais realizadas pelas gerações anteriores.

Para compreensão da linha temporal das gerações, a Tabela 1 apresenta uma disposição didática feita por Sidnei Oliveira. A mesma auxilia na compreensão da sequência geracional desde o último século.

Tabela 1. Classificação Geracional de 1920-2010<sup>43</sup>

GERAÇÃO	PERÍODO Nascidos nas décadas	CENTRO DA GERAÇÃO	CARACTERÍSTICA	PRINCIPAL ANSIEDADE
Belle Époque	1920/1930	75 anos	Idealistas Sonhadores	Disciplina
Baby Boomers	1940/1950	60 anos	Estruturadores Construtores	Revolução
Geração X	1960/1970	45 anos	Céticos Tolerantes	Facilidades
Geração Y	1980/1990	22 anos	Desestruturados Contestadores	Inovações
Geração Z	2000/2010	10 anos	Conectados Relacionais	Equilíbrio?

<sup>42</sup> A questão da faixa-geracional que compreende a Geração Z, será analisada com maior profundidade no tópico 1.3.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, Sidnei. *Gerações: Encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare, 2016. p. 30.

A compreensão é de que toda geração enfrenta crises e dilemas em seu período produtivo. Ao superar essas dificuldades, entende ter formado um mundo *diferente* que será então repassado à sua herdeira, que ciclicamente repetirá o padrão gerando uma constante transformação da cultura e da cosmovisão social. Assim, uma avaliação completa de cada uma das gerações mencionadas acima enriqueceria, não só o presente estudo, mas todo o ramo de pesquisa geracional. Dada a limitação de espaço e tempo da pesquisa, nas linhas seguintes a análise se concentrará nas duas gerações imediatamente anteriores à Geração Z.

Antes, porém, é necessário destacar-se uma limitação nos dados a serem apresentados. Uma breve observação do estado da arte revela a pouca disponibilidade de estudos de cunho acadêmico do tema geracional. Embora o interesse parece aumentar, ainda são poucos os escritos explorando, especialmente, o contexto brasileiro e suas nuances. Assim, o leitor deve considerar que os teóricos encontrados analisam o tema de perspectiva generalista. Portanto, fatores como classe social, situação econômica, e variações geográficas podem apresentar desenvolvimento e características distintas das mencionadas pelos autores. Tendo esta limitação em mente, este estudo passa a descrever as características das gerações X e Y.

### 1.2.1 Geração X

A primeira questão que deve ser entendida se refere à sua titulação. Para Mário Cortella, a nomenclatura *X* não tem um significado especial. Seu surgimento foi por mera casualidade, onde *X* indica algo não definido.<sup>44</sup> Segundo ele, posteriormente o que seria provisório acabou por ser convencionado.<sup>45</sup> David Stillman apresenta outro pensamento. Embora não em completa discordância, ele propõe uma relação do título com a característica deste grupo: “Na matemática, *X* é uma variável e para uma geração se sentindo perdida, o simbolismo pareceu apropriado”<sup>46</sup>. O autor argumenta que esta é uma geração com identidade incerta, tendo passado boa parte de sua vida na sombra do brilho da geração anterior. Por isso, esta também é conhecida como a geração sem identidade.<sup>47</sup>

<sup>44</sup> CORTELLA, Mario Sérgio. Z: Geração do Agora. [Entrevista concedida a] *Núcleo Ativo Digital [YouTube]*, 23 nov. 2014 (0min 51s). [online].

<sup>45</sup> O mesmo ocorre com as gerações subsequentes.

<sup>46</sup> “*In math x is a variable and for a generation feeling lost, the symbolism seemed appropriate*” (tradução livre). STILLMAN, David; STILLMAN, Jonah. *Gen Z @ Work: How the next generation is transforming the workplace*. New York: Harper Business, 2017. *E-book*. p. 23.

<sup>47</sup> NOVAES, Tiago; BERTOLAZZI, Marco Aurélio; ZANANDREA, Gabriela; CAMARGO, Maria Emilia. Geração Z: Uma análise sobre o relacionamento com o trabalho. *In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*

Embora haja divergência quanto à precisão da data, de maneira geral, a geração X pode ser caracterizada como o grupo de nascidos nas décadas de 1960 e 1970<sup>48</sup> (conforme Tabela 1). Este foi o período de grandes revoluções e explosões culturais, “tais como a queda do muro [de] Berlim, a Guerra Fria, epidemia de AIDS, a indústria do entretenimento e suas inovações tecnológicas, [...] movimentos sociais, defendendo direitos iguais para todos”<sup>49</sup>. Observando esse contexto de revoluções, Sidnei Oliveira destaca a popularização da televisão<sup>50</sup> como fator relevante para a formação deste grupo em dois aspectos principais: O primeiro aponta para o que se pode chamar de terceirização do cuidado infantil, onde a mesma se torna a principal fonte de entretenimento familiar<sup>51</sup>, e em outros casos, uma espécie de *babá* ajudando as mães, que começavam a cultura de trabalho externo, na criação dos filhos. Do ponto de vista generalista, esta foi uma geração criada por outras pessoas externas ao contexto familiar.<sup>52</sup> O segundo fator destacado por Sidnei Oliveira, tem que ver com o conteúdo televisivo. O autor menciona sensível influência de apelos publicitários na formação de comportamento consumista nesta geração. Também indica que é esse chamado ao consumo que desenvolve neste grupo a busca por individualidade, levando a uma prematura entrada no mercado de trabalho na faixa de 14-16 anos de idade.<sup>53</sup> Por esta razão, a Geração X também é classificada como madura, experiente, ainda que com pouca educação formal.<sup>54</sup>

Outro fator de destaque em torno das revoluções desse período é a explosão tecnológica no ramo profissional. Esta “foi a primeira geração a se deparar com as alterações dramáticas no local de trabalho, oriundos da revolução tecnológica, e assim, foram os primeiros a possuírem computadores pessoais”<sup>55</sup>. Usando a expressão de Nicholas Carr, a Geração X viveu uma “juventude analógica” para repentinamente entrar na “maturidade digital”.<sup>56</sup> Em suma, a Geração X é formada por indivíduos “conservadores, materialistas e

---

DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO, XVI, 2016, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Programa de Pós-graduação em Administração – UCS, 2016. p. 3.

<sup>48</sup> Tiago Novaes, Bertolazzi, Zanandrea e Camargo, colocam a faixa de natalidade da geração X especificamente entre os anos de 1961-1977, enquanto Stillman sugere 1965-1979. cf. NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 3.; cf. STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 19.

<sup>49</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 3.

<sup>50</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 44.

<sup>51</sup> Stillman chega a apontar que em média um americano da Geração X, até seus 20 anos, já teria assistido 23 mil horas de televisão. cf. STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 36.

<sup>52</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 3.

<sup>53</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 47.

<sup>54</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 4.

<sup>55</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 3-4.

<sup>56</sup> CARR, Nicholas G. *A Geração Superficial: O que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011. p. 19.

[que] possuem aversão à supervisão. Desconfiam de verdades absolutas, autoconfiantes, cumprem objetivos e não prazos, além de serem muito criativos”<sup>57</sup>.

Também se torna relevante a este estudo uma menção do posicionamento religioso desta geração. Segundo pesquisa realizada na Universidade de Michigan, a Geração X é caracterizada como engajada na sociedade envolvendo-se em ações diversificadas, inclusive religiosas. Uma em cada 3 pessoas desta geração é membro ativa de uma comunidade religiosa.<sup>58</sup> Segundo outra pesquisa publicada pelo site *Mind Miners*, 52% da Geração X estão ligados a uma instituição religiosa.<sup>59</sup> A pesquisa destacada em *The Journal for the Scientific Study of Religion* revela que a Geração X é 50-60% mais fiel à sua fé em comparação com a geração anterior.<sup>60</sup> No momento que os X's romperam com as tradições paternas em busca de individualidade, insinuaram um rompimento semelhante com a fé, mas parece que a maturidade desta geração trouxe consigo a busca pelo sobrenatural. Apesar de se concentrarem em uma realidade estrangeira, estes dados podem dar uma dimensão sobre a visão do espiritual desta geração também no contexto brasileiro.

Esta síntese de características se torna ainda mais relevante a este estudo, ao se tomar a observação de Stillman que coloca a Geração X, na maior parte dos casos, como os pais e educadores da Geração Z.<sup>61</sup> E é a soma desses fatores que prepara o contexto social recebido pela geração seguinte.

### 1.2.2 Geração Y

Embora não seja unanimidade<sup>62</sup>, a Geração Y pode ser definida pelos nascidos entre as décadas de 1980 e 1990.<sup>63</sup> Apesar do nome *Y* carregar uma indicação genérica, o *apelido* mais usado – de origem na língua inglesa – traduz o evento marcante na formação desta geração: *Millennials*. O título cunhado por Neil Howe e William Strauss<sup>64</sup>, indica que este é o grupo

<sup>57</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 4.

<sup>58</sup> EFE. As marcas da Geração X. *Gazeta do Povo*, [s.l.], [s.p.], 28 out. 2011. [online].

<sup>59</sup> ALMEIDA, Dani. Millennials: uma comparação com a Geração X. *Mind Miners*, [s.l.], [s.p.], 05 set. 2017. [online].

<sup>60</sup> NICHOLSON, Christie. Generation X Loyal to Religion Than Previous Generation. *Scientific American*, [s.l.], [s.p.], 28 ago. 2010. [online].

<sup>61</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 28.

<sup>62</sup> Tiago Novaes, Bertolazzi, Zanandrea e Camargo, colocam a faixa de natalidade da Geração Y entre os anos de 1978-1992, enquanto Stillman indica 1980-1994. cf. NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 4.; cf. STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 19.

<sup>63</sup> OLIVEIRA, Sidnei. Geração Y: O que os jovens mais precisam nesse momento é de mentores. [Entrevista concedida a] OLIVEIRA, Julyana. *Época Negócios*, [s.l.], [s.p.], 19 mai. 2015. [online].

<sup>64</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 24.

que viveu a troca de milênio no ano 2000 acompanhado de todas as mudanças que o mundo experimentou. Em outras palavras, os Millennials nasceram no século XX, mas cresceram no século XXI. Diferentemente do ocorrido nas gerações antecessoras, a Geração Y não presenciou guerras – não em escala mundial –, convive com o consumo de maneira acessível e globalizado, a tecnologia encontra-se em pleno desenvolvimento e se intensifica a migração do rural para o urbano.<sup>65</sup>

Talvez por consequência dessa *comodidade*, seja perceptível a forma negativa usada por alguns autores para descrevê-la. Hannah Ewens, no portal britânico *Vice*, faz sua projeção do futuro dessa geração da seguinte forma:

Um solteiro de 43 anos cheio de problemas psicológicos, morando numa quitinete minúscula cujo aluguel custa R\$ 2 mil por mês, passando pelos perfis do Tinder obsessivamente e tuitando sobre o último lançamento da [tecnologia ou da moda] para um público de outros *millennials* desesperadamente solitários.<sup>66</sup>

Apesar do tom sensacionalista da fala, não é incomum encontrar projeções semelhantes. Alguns consideram que a geração anterior, desde cedo, entregou *gratuitamente* nas mãos dos Millennials uma realidade relativamente estável. Para esses, a facilidade não ensinou esta geração a lidar com frustrações.<sup>67</sup> Mas é preciso destacar que a visão negativista não é unanimidade. Sidnei Oliveira pondera, quase que em defesa deste grupo, que muitas das críticas atribuídas a essa geração são características dos jovens de todas as gerações.<sup>68</sup> É um processo de desenvolvimento.

Outro fator relevante na formação deste grupo é a popularização da internet. Esta trouxe novas características comportamentais e sociais, como a conectividade, que veio a se tornar uma necessidade básica desta geração.<sup>69</sup> Também é característica marcante o imediatismo. O que Martin Kuhn vai chamar de “cultura do imediato”<sup>70</sup>. Se por um lado isso tornou essa geração impaciente e ansiosa<sup>71</sup>, por outro trouxe mais dinamismo, rapidez no aprendizado, criatividade e eficiência, em termos de resultados.<sup>72</sup> Um terceiro fator a ser

<sup>65</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 30.

<sup>66</sup> EWENS, Hannah. O que vai acontecer quando os millennials crescerem?. *Vice*, [s.l.], [s.p.], 17 out. 2016. [online].

<sup>67</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 83.

<sup>68</sup> OLIVEIRA, 2015, [s.p.].

<sup>69</sup> VIANA, Artur. Geração dos Millennials: Onde vivem, como pensam, como compram e como vendem. *Outbound Marketing*, [s.l.], [s.p.], 2017. [online].

<sup>70</sup> KUHN, Martin. Repousai um Pouco: O sábado e o fenômeno da conexão permanente. In: DORNELES, Vanderlei (org.). *Mundo Virtual: Riscos e oportunidades das novas tecnologias*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

<sup>71</sup> OLIVEIRA, 2015, [s.p.].

<sup>72</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 150.

destacado é a superficialidade na interação com a informação e com o conhecimento. Para Sidnei Oliveira, “o ‘pensamento crítico’ está cedendo lugar à resposta pronta e rápida que se encontra a um clique”<sup>73</sup>. O autor aponta o enfraquecimento de algumas habilidades das gerações anteriores e o surgimento de novas.

No mercado de trabalho seu comportamento também é distinto do que se convencionou anteriormente. Uma das novas inteligências adquiridas por esta geração é o chamado “*multitask*”<sup>74</sup>, ou seja, a capacidade de realizar múltiplas tarefas simultaneamente. De maneira geral, a Geração Y não tem o dinheiro como seu maior foco de vida.<sup>75</sup> No lugar tem anseio por desenvolvimento pessoal, o que a leva a ser uma geração mais dedicada a estudos alcançando maior formação do que seus antecessores. Em média, segundo Sidnei Oliveira, o Millennial só inicia sua jornada no mercado de trabalho por volta dos 21 anos de idade.<sup>76</sup> Por isso, no comparativo com a Geração X, os Millennials têm mais conhecimento, mas menos experiência.<sup>77</sup> Destaca-se ainda sua adaptação a mudanças. Estes buscam constantemente novos desafios<sup>78</sup>, “fazendo do desenvolvimento pessoal uma de suas maiores e mais constantes prioridades”<sup>79</sup>. As mudanças constantes podem ser vistas como sintoma de uma geração ávida por significado em toda e qualquer atividade e que está disposta a pagar o preço por essa busca.<sup>80</sup> Uma pesquisa realizada pela empresa *Future Workplace* nos Estados Unidos, revela que o jovem americano espera ao longo de sua carreira profissional passar por 15 a 20 empresas diferentes.<sup>81</sup> Pode-se sumarizar todo esse comportamento da seguinte forma:

[A Geração Y] é formada por indivíduos ambiciosos, individualistas, instáveis, preocupados com o meio ambiente e práticas saudáveis. São decididos e expressam as suas opiniões sem se preocupar com a relação de poder entre as pessoas. Conseguem realizar diversas tarefas ao mesmo tempo, gostam de desafios; além de conviver bem com a diversidade, aceitam bem as diferenças étnicas, de sexo, religião e nacionalidade.<sup>82</sup>

<sup>73</sup> OLIVEIRA, Sidnei. O Efeito “Geração Millennials”: Fim do pensamento complexo. *Exame*, [s.l.], [s.p.], 01 nov. 2017. [online].

<sup>74</sup> RIO, Vívian; ANDRADE, Lucymara Alves de; BUSSO, Fábio. A Capacidade de Concentração nos Multi Task. *Centro de Pesquisa e Desenvolvimento e Educação Continuada*, Campinas, [s.p.], [s.d.]. [online].

<sup>75</sup> OLIVEIRA, 2015, [s.p.].

<sup>76</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 190.

<sup>77</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 191.

<sup>78</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 154.

<sup>79</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 81.

<sup>80</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 34.

<sup>81</sup> MEISTER, Jeanne. The Future of Work: Job hopping is the 'new normal' for Millennials. *Forbes*, [s.l.], [s.p.], ago. 2012. [online].

<sup>82</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 4.

No que diz respeito à religiosidade, a Geração Y parece ser receptiva. Vivendo em um mundo de plena diversidade, essa geração tem *cabeça aberta* para qualquer forma de crença. Mas é justamente com estes que começa a crescer a *infidelidade religiosa*, por assim dizer, a um sistema ou crença. Esta é uma geração espiritualizada, mas que passa a questionar a instituição religiosa. Em pesquisa realizada em 2015, a Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da PUCRS buscou traçar o perfil do brasileiro da Geração Y. Alguns dados são relevantes a este estudo pois indicam sua posição religiosa: 74,3% dos entrevistados acreditam que a família não precisa ter uma crença definida. Cada indivíduo deve viver com sua filosofia em diversidade e harmonia. Já 32,14% desses se declararam ateus, agnósticos e *sem igreja*.<sup>83</sup> Um número que não pode ser passado por alto e que já indica o caminho que será seguido pela geração seguinte.

### 1.3 Características Específicas da Geração Z

O panorama das gerações anteriores, indica que tipo de *herança* teria recebido a Geração Z, em termos de cosmovisão. Assim, a caracterização desta deve começar com a resposta à primeira pergunta levantada para definição de uma geração: Em qual período este grupo de pessoas nasceu? Parece ser seguro afirmar que a Geração Z compreende os mais novos, seria essa a geração *atual*. A discussão maior concentra-se na definição do ano que marca o início desta geração. Sidnei Oliveira sugere tomar-se como referência o ano 2000, compreendendo assim duas décadas de nascimento.<sup>84</sup> A proposta de Rafael Martins é um pouco mais subjetiva: “Geração Z, [são] os nascidos no fim dos anos 90, virada de século e milênio”<sup>85</sup>. Tiago Novaes, Bertolazzi, Zanandrea e Camargo consideram os “nascidos a partir de 1993”<sup>86</sup>. Stillman sugere como referência o ano de 1995 até os nascidos em 2012.<sup>87</sup> Já James White, Tom Koulopoulos e Dan Keldsen parecem ter visões mais alinhadas entre si: “Ainda existe algum debate sobre as datas exatas, mas essencialmente ela envolve os nascidos após a Geração Y, ou seja, aproximadamente de 1995 até cerca de 2010. É a geração que está

---

<sup>83</sup> FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (FAMECOS) - PUCRS. *Projeto 18/34: Ideias e Aspirações do Jovem Brasileiro sobre Conceitos de Família*. PUCRS, Porto Alegre, [s.p.], [s.d.]. pdf. [online].

<sup>84</sup> OLIVEIRA, 2016, p. 30.

<sup>85</sup> MARTINS, Rafael Malisani. *Conflito Geracional e a Identidade dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia: Negação ou reconstrução da identidade adventista por parte dos jovens*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012. p. 16.

<sup>86</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 1.

<sup>87</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 1.

agora coletivamente abaixo dos 25 anos”<sup>88</sup>; “com o objetivo de desenhar uma linha onde a Gen Z se inicia, nós vamos começar com um período de 10 anos em cada lado do ano de 2005. [...] Então, com a popularização do tópico da Gen Z, você provavelmente verá datas que marcam a Gen Z em várias fontes, que vão variar entre 1995 até 2015”<sup>89</sup>. Para fins de seguimento da pesquisa, este estudo assumirá a premissa de que Geração Z é o termo determinado aos nascidos desde o ano 1995 até 2015, sem negar a subjetividade das linhas de separação.

A nomenclatura dada a esta geração também é outra disputa onde o consenso ainda parece distante. Koulopoulos e Keldsen, referem-se a essa geração como "*The Über Generation*"<sup>90</sup>. Segundo o *The New Oxford American Dictionary*, *über* é um prefixo de origem alemã, que indica um exemplo supremo ou extraordinário de uma pessoa ou objeto.<sup>91</sup> Assim a expressão pode ser traduzida como A Geração Extraordinária. O título Z, está associado à sequência lógica da nomenclatura das gerações anteriores, como já abordado no tópico 1.2. Algumas variações também são encontradas, como “Zs”, “Zees” ou “Zeds”.<sup>92</sup> Outras propostas de títulos são baseadas em características deste grupo. Analisando o atributo da diversidade, Rafael Rossi usa o termo “*plurals*”<sup>93</sup>. João Freire Filho e João Lemos sugerem “Geração Digital”, “Geração On-Line”, “Geração Internet”, “Geração Conectada” ou “Geração Pontocom”.<sup>94</sup> Stillman acrescenta outras tentativas de batismo da geração, como “*9/11 Generation, Digital Natives, Selfies, Centennials, [e] iGeneration*”<sup>95</sup>. Já em outro artigo, Bruce Horovitz – em tom bem-humorado – faz uma lista de outras tentativas frustradas: “*Generation Wii*”<sup>96</sup>; “*Gen Tech*”; “*Net Gen*”; “*Homeland Generation*”;

<sup>88</sup> "There's still some debate on exact dates, but essentially it involves those who were born after Generation Y, so approximately 1995 to around 2010. It is the generation that is now collectively under the age of twenty-five" (tradução livre). WHITE, James Emery. *Meet the Generation Z: Understanding and reaching the new post-christian world*. Grand Rapids: Baker Books, 2017. *E-book*. p. 37-38.

<sup>89</sup> "For purposes of drawing a line of when Gen Z begins, we'll start with a band of ten years on either side of the year 2005. [...] So, as the topic of Gen Z is popularized, you are likely to see start dates for Gen Z in many sources that will span from 1995 to 2015" (tradução livre). KOULOPOULOS, Tom; KELDSEN, Dan. *The Gen Z Effect: The six forces shaping the future of business*. New York: Bibliomotion Inc., 2014. *E-book*. p. 2.

<sup>90</sup> KOULOPOULOS; KELDSEN, 2014, p. 1.

<sup>91</sup> ÜBER. In: THE NEW OXFORD AMERICAN DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 2010.

<sup>92</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 4.

<sup>93</sup> ROSSI, Rafael. A Revolução Digital. In: DORNELES, 2016, p. 21.

<sup>94</sup> FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco de. Imperativos de Conduta Juvenil no Século XXI: A “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, 2008. p. 11.

<sup>95</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 25.

<sup>96</sup> Em referência ao console de videogame.

“*Generation Me*”; “*Multi-Gen*”; “*Post Gen*”.<sup>97</sup> Observando esse embate, Jonah Stillman sugere a indefinição como algo positivo à geração. Para ele, a não rotulação traduz o sentimento de uma geração que não se vê enquadrada em estereótipos ou limites impostos.<sup>98</sup> Tendo isso em conta e sem uma definição conclusiva entre a gama de opções, este estudo opta por referir-se a esta geração doravante como Geração Z ou Gen Z.

Feitas as identificações iniciais, deve-se responder à segunda pergunta para definição de uma geração: Quais ações específicas deste grupo os diferem dos grupos anteriores? Novamente, é digno de nota que são poucos os estudos encontrados sobre as características específicas da Gen Z pelo mundo. Os dados e informações da realidade brasileira ainda são iniciais. Dito isso, com base em estudos norte-americanos, Rossi lista algumas das principais características desta geração:

Em resumo, os *plurals* são descritos como pessoas que (1) acreditam que a satisfação pessoal é mais importante do que o sucesso financeiro; (2) têm amigos culturalmente diferentes e preferem essa diversidade; (3) não acreditam no “sonho americano”, pois estão crescendo em um período de declínio econômico; (4) São a primeira geração talvez a ganhar menos que seus pais; (5) vivem uma cultura de grande valorização feminina; e (6) São os mais afetados pela diluição dos papéis femininos e masculinos em casa. [...] São uma geração bastante diversificada em termos étnicos, raciais e religiosos, ou seja, não estão associados a nenhum estrato específico da sociedade.<sup>99</sup>

Ainda na visão norte-americana, Koulopoulos e Keldsen destacam seis grandes forças que o mundo passa a conhecer através da Gen Z: “Distribuição populacional, troca de influência, educação universal, hiper-conectividade, aceleração e facilitação da vida”<sup>100</sup>. White também destaca pontos interessantes sobre esta geração. Ele coloca que os que fazem parte da Geração Z são “profundamente preocupados com o presente”, possuem “um forte senso de independência e um espírito empreendedor”.<sup>101</sup> Nota-se também que esta é uma geração “artística e adaptativa, pois tem muita intimidade com a mídia e as artes, [envolvimento midiático este, que os torna suscetíveis a] seguir o comportamento de pessoas famosas, ou *role models*, e copiar seus padrões de conduta”<sup>102</sup>. Martins, em uma comparação com a geração anterior, destaca outro fator:

<sup>97</sup> HOROVITZ, Bruce. After Gen X, Millennials, what should next generation be?. *ABC News*, [s.l.], [s.p.], 04 mai. 2012. [online].

<sup>98</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 26.

<sup>99</sup> ROSSI. In: DORNELES, 2016, p. 21, 22.

<sup>100</sup> “*Population distribution, shifting influence, universal education, hyperconnectivity, slingshotting, and lifehacking*” (tradução livre). KOULOPOULOS; KELDSEN, 2014, p. 16.

<sup>101</sup> “*Deeply worried about the present*”; “*strong sense of independence and an entrepreneurial spirit*” (tradução livre). WHITE, 2017, p. 40.

<sup>102</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 5.

São tidos como um ‘Y’ turbinado. Assim chamados porque as características da Geração Y se afluam de maneira muito forte. De maneira que se a Geração Y é impaciente, essa é muito mais; um dos motivos mais marcantes é por conta da velocidade da internet e dos meios de comunicação. O mundo dos novos adolescentes e jovens é visto sob o mesmo prisma do mundo da tecnologia; tudo muda muito rapidamente e as coisas são instantâneas.<sup>103</sup>

Mas isso não significa total semelhança com seus antecessores. Caroline Marino destaca essa diferença em seu artigo: “Eles são mais conscientes de seu papel social, preocupados com questões como diversidade, inclusão e meio ambiente e mais pragmáticos do que os Y”<sup>104</sup>. Ainda em tom comparativo, Marino acrescenta um elemento contextual que ajudou a moldar algumas características: “Além de totalmente inserida no mundo digital essa geração cresceu em um momento de estresse econômico mundial, testemunhou conflitos globais e viu o Brasil passar pela maior recessão da história. Por isso, os Z são menos idealistas que os millennials”<sup>105</sup>.

Stillman faz uma lista de 7 características<sup>106</sup> que descrevem o perfil da Gen Z: (1) A primeira é a determinação. Esta é uma geração competitiva e focada na evolução e em conquistas. (2) A segunda descrição se refere a estes como autodidatas. Sendo formados em uma era de tutoriais em vídeos na internet, esta é uma geração que já aprendeu a não depender dos demais. (3) Na sequência ele faz menção a uma economia comunitária. Aplicativos e *startups* de financiamento coletivo formaram nessa geração uma mentalidade mais aberta à preocupação com a comunidade. (4) Esta também é uma geração atualizada. Mas não apenas isso: Com acesso constante à informação, esta é uma geração que tem medo de ficar para trás. Informar-se e atualizar-se passa a ser uma questão de sobrevivência. (5) Para o autor, a Geração Z é também realista. Esta não é uma geração que vive de devaneios, mas está ciente dos problemas e conflitos da vida real. (6) Ainda assim, é uma geração hiper customizada. Valoriza o poder de personalização e individualização de qualquer elemento que ofereça essa oportunidade. Por fim, (7) Stillman descreve a Gen Z como *figital*. A expressão por ele cunhada, é na verdade um jogo de palavras que indica uma sobreposição do mundo físico e virtual eliminando a barreira que os tornavam duas realidades paralelas. “Para a Gen Z, o mundo real e o mundo virtual naturalmente se sobrepõem. Virtual é simplesmente parte de sua realidade”<sup>107</sup>.

<sup>103</sup> MARTINS, 2012, p. 16.

<sup>104</sup> MARINO, Caroline. Dossiê Geração Z. *Você RH*, São Paulo, ed. 65, p. 23-35, dez. 2019/jan. 2020. p. 24.

<sup>105</sup> MARINO, 2019, p. 24-25.

<sup>106</sup> STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 10-12.

<sup>107</sup> “For Gen Z, the real world and the virtual world naturally overlap. Virtual is simply part of their reality” (tradução livre). STILLMAN; STILLMAN, 2017, p. 10.

A tecnologia como característica fundamental, talvez seja uma das principais unanimidades acerca dessa geração. White coloca a presença tecnológica da seguinte maneira: “Muitos se referem aos Millennials como sendo ‘nativos digitais’, devido ao seu conforto e naturais habilidades com a tecnologia digital. Mas de acordo com David Bell, [...] a Geração Z é a geração ‘Internet-in-its-pocket’ [internet-no-bolso]”<sup>108</sup>. Koulopoulos e Keldsen corroboram: “Nós vemos os Millennials como *beta testers* para os verdadeiros nativos digitais da Gen Z”. E continuam: “Para a Gen Z, tecnologia é invisível; ela simplesmente é parte da forma como o mundo se comporta e interage com eles”.<sup>109</sup> Rossi define a influência da tecnologia na frase: “As novas tecnologias criadas pelo ser humano estão literalmente recriando o próprio ser humano”<sup>110</sup>. Ou nas palavras de Manuel Castells: “Todos os domínios da vida social estão sendo modificados pelos usos disseminados da internet”; “‘a internet é o alicerce organizacional’ da cultura pós-moderna”<sup>111</sup>. Segundo Susan Greenfield, a Geração Z está perdendo as suas capacidades intelectuais. Para ela, os que “estão crescendo no ambiente do ciberespaço não vão aprender como olhar alguém nos olhos, não vão aprender a interpretar tons de voz ou a linguagem corporal”<sup>112</sup>. Fato é que a tecnologia trouxe consigo mudanças profundas na forma dessa geração se comportar, e mesmo de enxergar o mundo.

Membros da Geração Z, por exemplo, estão crescendo em mundo onde as opções e informações são virtualmente ilimitadas; o tempo, logicamente, não é. Então eles têm desenvolvido, quase que por necessidade, a habilidade de rapidamente selecionar em meio a uma enorme quantidade de dados. [...] A Geração Z consome informação tão rapidamente quanto perde interesse.<sup>113</sup>

Assim, a capacidade de concentração e de retenção tem sido diminuída. Em oposição ao grande acesso à informação, pouco se guarda na mente. David Brooks faz uma menção interessante dos desdobramentos desta nova relação com a informação. Para ele, o avanço da internet tornou o conhecimento profundo desnecessário: “Eu havia pensado que a magia da

<sup>108</sup> "Many refer to the Millennials as being 'digital natives', due to their comfort and innate abilities with digital technology. But according to David Bell, [...] Generation Z is the 'Internet-in-its-pocket' generation" (tradução livre). WHITE, 2017, p. 41.

<sup>109</sup> "We view Millennials as beta testers for the true digital natives of Gen Z"; "for Gen Z, technology is invisible; it's just part of the way the world behaves toward and interacts with them" (tradução livre). KOULOPOULOS; KELDSEN, 2014, p. 3.

<sup>110</sup> ROSSI. In: DORNELES, 2016, p. 18.

<sup>111</sup> CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 225.

<sup>112</sup> GREENFIELD, Susan. Nativos digitais podem estar perdendo suas capacidades cerebrais. *Fronteiras do Pensamento*, [s.l.], [s.p.], 12 jan. 2014. [online].

<sup>113</sup> "Members of Generation Z, for example, are growing up in a world in which options and information are virtually limitless; time, of course, is not. So they have developed, almost out of necessity, the ability to quickly sort through enormous amounts of data. [...] Generation Z takes in information instantaneously and loses interest just as fast" (tradução livre). WHITE, 2017, p. 116.

era da informação seria permitir-nos saber mais, mas então eu percebi que a magia da era da informação é que ela nos permitiria saber menos”<sup>114</sup>. Sugata Mitra ainda completa: “Se eles guardam [a informação] no Google, porque guardar na sua cabeça?”<sup>115</sup>. James Boswell então, organiza as formas de conhecimento apontando duas relações possíveis: (1) Possuir informação ou (2) saber onde encontrá-la.<sup>116</sup> Certamente a Gen Z tem como marca a grande habilidade em saber onde encontrar qualquer tipo de informação.

Toda essa relação com o mundo tecnológico já está causando impacto no seu comportamento no mercado de trabalho. Tiago Novaes, Bertolazzi, Zanandrea e Camargo em estudo voltado especificamente ao comportamento deste grupo no ambiente profissional, descrevem essa consequência da seguinte maneira:

O mundo se torna pequeno e sem fronteiras, pois no mundo da tecnologia, tudo é perto geograficamente e rápido como na internet. O que virá a refletir nos anseios profissionais e objetivos de vida desta geração, pois sendo assim, tudo rápido e fácil, muitos deles confundem a vida real com a virtual e exigem agilidade e praticidade em tudo na vida, como relacionamentos, educação e relações de trabalho.<sup>117</sup>

Já se tem percebido que essa geração possui mais conhecimento prévio em relação às gerações anteriores, fruto da diversidade de informações que a internet oferece. Outra diferença está na visão do futuro. Com seu pragmatismo, a Gen Z parece mudar alguns paradigmas impostos pela idealista e questionadora Geração Y: “A maioria deles acredita que ter estabilidade no trabalho é mais importante do que ganhar dinheiro e está consciente da necessidade de poupar para o futuro”<sup>118</sup>. Esta geração também é profissionalmente “caracterizada pelo imediatismo, [eles] buscam resultados rápidos dentro da organização”<sup>119</sup>. O que nem sempre será visto com bons olhos. Os depoimentos recolhidos por Tiago Novaes, Bertolazzi, Zanandrea e Camargo, registram verdadeiras reclamações de profissionais de outras gerações. Sua impressão é de que os da Gen Z “se precipitam ao acreditar que têm uma capacidade maior que a dos outros, sendo merecedores de reconhecimento e promoções imediatas”. Muitas vezes “eles veem alguma coisa na internet, e já consideram que são especialistas no assunto”<sup>120</sup>. Também é digno de nota que a criatividade característica desse

<sup>114</sup> “I had thought that the magic of the information age was that it allowed us to know more, but then I realized the magic of the information age is that it allows us to know less” (tradução livre). BROOKS, David. The Outsourced Brain. *The New York Times*, New York, [s.p.], 26 out. 2007. [online].

<sup>115</sup> MITRA, Sugata. Build a School in the Cloud. *TED*, Long Beach, [s.p.], fev. 2013. [online].

<sup>116</sup> BOSWELL, James *apud* CARR, 2011, p. 189.

<sup>117</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 5.

<sup>118</sup> MARINO, 2019, p. 25.

<sup>119</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 5-6.

<sup>120</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 8.

grupo nem sempre consegue ser empregada na realidade trabalhista, o que poderá trazer desafios a esta geração quando entrar plenamente no mercado. A questão é que toda sua habilidade, rapidez e criatividade, “na prática se aplica apenas para assuntos de interesse específico do jovem em questão”, mas quando este é direcionado a “trabalhos burocráticos ou fora do eixo tecnológico, os jovens apresentam baixo desempenho e, até mesmo, é revelado certo desleixo para com a atividade e a empresa”<sup>121</sup>. Acontece que para a Gen Z “a hierarquia tradicional não faz mais sentido, se eles querem falar com o chefe, vão, entram na sala e falam como se fosse mais um colega”<sup>122</sup>. Esse comportamento exigirá uma certa adaptação tanto dos atuais líderes quanto da geração que começa a aspirar uma oportunidade, e provavelmente fará com que os da Geração Z enfrentem “muita resistência no mercado, tendo dificuldade de constituir uma carreira promissora nas empresas”<sup>123</sup>.

Mas esse desafio não deve diminuir o potencial que já se é percebido na Gen Z. Uma vez feita essa adaptação bilateral, com o espaço certo para desenvolvimento de suas ideias criativas e inovadoras, será possível ver uma revolução mercantil e trabalhista causada pelos futuros patrões. É razoável projetar que os da Gen Z, “no futuro, tendem a superar em desempenho os integrantes das outras gerações, muito por utilização das tecnologias disponíveis e também pela sua própria capacidade ou criatividade”; além de seu acesso pleno à informação e elevada formação educacional formal. Afinal “há poucos anos, estar cursando o nível superior era de fato um grande diferencial, porém hoje, para essa geração, já não é mais; sendo necessário o jovem buscar muito mais para se destacar, [resultando em] um preparo maior”<sup>124</sup>. Possivelmente no futuro estarão em destaque as empresas que “valorizem a conectividade, a abertura ao diálogo, a velocidade e a globalidade”<sup>125</sup>. Será um novo *mundo Z*, revolucionando o comportamento social tanto no mercado de trabalho, quanto nas questões individuais e relacionais. É uma nova cosmovisão, uma nova interação do real com o virtual, que certamente também afetará o ambiente religioso. Tema de estudo do próximo capítulo.

---

<sup>121</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 12.

<sup>122</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 5-6.

<sup>123</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 12.

<sup>124</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 11.

<sup>125</sup> NOVAES; BERTOLAZZI; ZANANDREA; CAMARGO, 2016, p. 6.

## 2 O FENÔMENO SEM RELIGIÃO<sup>126</sup>

Em paralelo à geração que se levanta, nota-se uma transformação em processo no que diz respeito à religiosidade. Através do levantamento de artigos e pesquisas sobre o campo religioso atual, o presente capítulo é dedicado ao estudo do fenômeno que tem chamado a atenção no cenário brasileiro, denominado *sem religião*, ou ainda *desigrejados*. Com estrutura semelhante ao capítulo anterior, o estudo será dividido em três tópicos: (1) Religiosidade na pós-modernidade; (2) definição dos sem religião; (3) fé desinstitucionalizada. Através dos mesmos serão apresentados respectivamente, os impactos do pensamento pós-moderno na manifestação religiosa, os números estatísticos e os conceitos analíticos que descrevem o movimento sem religião, além de uma descrição e compreensão da expressão da fé desvinculada das instituições religiosas.

### 2.1 Religiosidade na Pós-modernidade

Conceituar religiosidade parece ser uma tarefa longa e digna de estudos que se concentrem exclusivamente neste objetivo. Mas para se compreender os efeitos da pós-modernidade sobre esta, uma compreensão ainda que preliminar se faz importante. Em linguagem poética, John Caputo sugere que “‘religião’, no singular, como um único elemento, não pode ser encontrada; ela é irritantemente polivalente e incontrolavelmente diversa para que possamos colocar sob um único teto”<sup>127</sup>. Buscando uma análise técnica, Adilson Francisco sugere que as religiões “são percebidas como experiências sociais que se expressam em sentimentos, expectativas, escolhas e significados que as pessoas atribuem à própria vida na qual não há um ‘profano’ separado do ‘sagrado’”<sup>128</sup>. Alberto Moreira vê a religiosidade se manifestando em práticas, crenças, símbolos aos quais são atribuídos significados sagrados. Para ele a religiosidade possui elementos concretos, mas também se revela de forma subjetiva através de impressões, emoções, e percepções sensoriais.<sup>129</sup> Pode-se dizer que Gava contribui

<sup>126</sup> O conteúdo deste capítulo foi parcialmente publicado pela revista *Unitas*. In: BRAVO, Danny. Fé Desinstitucionalizada. *Unitas*, Vitória, v. 8, n. 2, p. 13-17, 2020.

<sup>127</sup> “‘Religion’, in the singular, as just one thing, is nowhere to be found; it is too maddeningly polyvalent and too uncontainably diverse for us to fit it all under one roof” (tradução livre). CAPUTO, John D. *On Religion*. New York: Routledge, 2001. p. 1.

<sup>128</sup> FRANCISCO, Adilson José. *Trânsitos Religiosos, Cultura e Mídia: A expansão neopentecostal*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 22-23.

<sup>129</sup> MOREIRA, Alberto da Silva. O Deslocamento do Religioso na Sociedade Contemporânea. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. 22, n. 34, p. 70-83, 2008. p. 71-72.

com esse pensamento ao dizer que “a religiosidade seria a forma como o ser humano vivencia o numinoso em sua vida, um numinoso que ao mesmo tempo em que o fascina, também o assusta”<sup>130</sup>.

Robert Crawford entende que as definições de religiosidade “podem ser demasiado amplas”, uma vez que relações similares podem ser encontradas em elementos do cotidiano, como “trabalho, lar, filhos [e] lazer”.<sup>131</sup> Por isso, a simples descrição de características da expressão religiosa, parece não ser o suficiente para entender sua relevância. Crawford então propõe uma indicação histórica do desenvolvimento deste conceito:

*Religio* é uma palavra latina, que significava originalmente uma espécie de temor supersticioso. Evoluiu para escrúpulos ou consciência moral, implicando sentimento religioso e culto aos deuses. [...] Seja qual for a origem da religião, ela logo desenvolveu um culto com coisas sagradas e pessoas sagradas, formando um sistema religioso. Assim, as definições que surgem procuraram abarcar estes elementos ou concentrar sua atenção num deles.<sup>132</sup>

Para mostrar essa variedade de definições possíveis, ele destaca ao menos oito pontos de vista que podem ser aplicados sobre a religião: Ético, jurídico, ritualístico, institucional, doutrinário, pessoal, político e sobrenatural.<sup>133</sup> Embora esse *leque* possa não parecer indicar uma solução ao problema, sua descrição se torna mais específica ao afirmar que “a religião, [...] refere-se ao invisível”<sup>134</sup>. Ou seja, embora a expressão religiosa possa ser replicada sobre diversas áreas e sob cada perspectiva resultar em uma finalidade distinta, o cerne da religião é aquele que se volta para o sobrenatural. Ao final de seu estudo sobre o tema, Crawford busca oferecer uma proposta de definição coesa da seguinte forma: “Religião é uma crença em Deus, que é o fundamento incondicionado de todas as coisas, e em seres espirituais, resultando em experiência pessoal de salvação ou iluminação, comunidades, escrituras, rituais e um estilo de vida”<sup>135</sup>. Corroborando com a construção feita, Bauman sugere que “a religião pertence a uma família de curiosos e às vezes embaraçantes conceitos que a gente compreende perfeitamente até querer defini-los.”<sup>136</sup> Então cita Leszek Kolakowski, indicando a religião como “a consciência da insuficiência humana, [sendo assim] vivida na admissão da fraqueza”<sup>137</sup>. Por fim, afirma que “a religiosidade não é, afinal, nada mais do que a intuição

<sup>130</sup> GAVA, 2013, p. 37.

<sup>131</sup> CRAWFORD, Robert. *O Que É Religião?*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 18.

<sup>132</sup> CRAWFORD, 2005, p. 19.

<sup>133</sup> CRAWFORD, 2005, p. 210-220.

<sup>134</sup> CRAWFORD, 2005, p. 18.

<sup>135</sup> CRAWFORD, 2005, p. 220.

<sup>136</sup> BAUMAN, 1998, p. 205.

<sup>137</sup> KOLAKOWSKI, Leszek *apud* BAUMAN, 1998, p. 209.

dos limites até os quais os seres humanos, sendo humanos, podem agir e compreender”<sup>138</sup>. Somando as compreensões listadas, entende-se que a religiosidade em toda sua amplitude se manifesta em variados elementos da vida, tanto de forma racional quando sensorial. Ainda assim, tem como primazia a busca pelo relacionamento com o sagrado.

Partindo desta compreensão, a pergunta que passa a ser de interesse deste estudo é: Como a mentalidade pós-moderna impacta na manifestação da religiosidade? A definição da pós-modernidade tampouco é tarefa simples. Basta um estudo introdutório do tema para se perceber as variações de compreensão. Do ponto de vista semântico, temos a indicação de que a pós-modernidade aponta a superação dos conceitos modernos. Mudança essa, que não deve ser entendida apenas como uma evolução no saber, mas uma frustração e conseqüente crítica ao caminho que se propunha. Gava descreve o surgimento da pós-modernidade como uma “insatisfação com os preceitos iluministas que não deram fim às mazelas da humanidade”<sup>139</sup>. Uma espécie de desilusão social, uma vez que o conhecimento alcançado pela razão não resultou em uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida. O curioso é que sua proposta revela que os efeitos dessa crítica acabam sendo despejados sobre todos os segmentos que se propunham detentores da verdade e do saber, inclusive a religião:

Em tempos pós-modernos, onde se fortalecem as pluralidades, as rupturas, as certezas da racionalidade dão lugar a questionamentos, dúvidas, em um período em que já não mais existem certezas absolutas. E essas transformações também afetaram a religião, uma vez que afetaram a vida das pessoas, seus hábitos e conseqüentemente seus valores.<sup>140</sup>

Como mencionado, a compreensão dos limites da pós-modernidade não é consensual. Gilles Lipovetsky, por exemplo, faz uma proposta mais ousada indicando o período atual como a superação também da pós-modernidade, nomeando o pensamento contemporâneo de *hipermodernidade*<sup>141</sup>. Ainda assim, analisando algumas das características desse período como individualismo e desinstitucionalização, concorda com o forte impacto sofrido pela esfera religiosa. Samuel Sanchotene, tomando em conta a conclusão de Lipovetsky, entende esse impacto da seguinte forma:

O período atual é marcado pela transição onde as tendências e os comportamentos oscilam. Considera-se, inclusive, instituições como a própria família, a escola e a igreja, imersas nesse momento de transposição pós-moderna, perdendo suas funções

<sup>138</sup> BAUMAN, 1998, p. 208.

<sup>139</sup> GAVA, 2013, p. 39.

<sup>140</sup> GAVA, 2013, p. 36.

<sup>141</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da Cultura Liberal: Ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 52.

formadoras do conhecimento humano, pois a constituição de grupos de curta duração, como tribos e comunidades virtuais, pode dar a dimensão da solução no presente, de imediato.<sup>142</sup>

A partir destas colocações, o que se compreende é que a religiosidade pós-moderna é uma instituição sob ataques. Essa que sempre foi um pilar da sociedade, passa a ser questionada de forma franca naquilo que lhe é mais caro: O controle e acesso ao conhecimento. A religião que sempre buscou oferecer respostas às perguntas mais profundas da existência humana, agora passa a ser descredibilizada. Não que não haja espaço para propostas, afinal “em um mundo pós-moderno, a diversidade é celebrada”<sup>143</sup>. Acontece que a autoridade concedida e autoproclamada parece lhe ter sido retirada, ao menos da perspectiva social. O que não deve ser entendido como uma tendência ao fim da fé. Como será visto mais adiante, “o mundo contemporâneo não é um lugar inóspito às religiões e à religiosidade, de um modo geral, e às religiões institucionalizadas e universalistas, em particular”<sup>144</sup>. O que ocorre é uma mudança nas formas de manifestação da mesma e a consolidação da pluralidade, não apenas nas propostas, mas também na assimilação da crença. Eddie Gibbs enfatiza essa diversidade nos dois âmbitos. No cristianismo a pluralidade ocorre porque “em uma cultura pós-moderna as igrejas denominacionais não podem ser catalogadas nem limitadas”<sup>145</sup>, uma vez que as *ofertas religiosas* passam a buscar os diferentes interesses do indivíduo. Por isso, afirma que “o interesse religioso permanece tão forte, não mais forte, do que nunca”; mas não da mesma forma, uma vez que “muitas pessoas estão examinando seriamente alternativas ao cristianismo ou buscando fontes para complementar sua dieta religiosa”.<sup>146</sup> Observação que levará Dan Kimball a afirmar que “estamos vivendo numa cultura que é cada vez mais ‘pós-cristã’”<sup>147</sup>.

Gibbs ainda revela uma mudança no *approach* religioso, tanto por parte das igrejas quanto por parte do fiel. Em uma realidade moderna e até mesmo secular, o convencimento, recrutamento ou a conversão – valendo-se da linguagem religiosa – ocorre através da razão. Para uma cultura que acredita na possibilidade de se alcançar a plena verdade, a argumentação

<sup>142</sup> SANCHOTENE, Samuel. A Religião *On-line* na Pós-modernidade. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 41, p. 167-184, 2011. p. 168.

<sup>143</sup> GIBBS, Eddie. *Para Onde Vai a Igreja: Mudanças na maneira de conduzir ministérios*. Curitiba: Esperança, 2012. p. 83.

<sup>144</sup> DANNER, Leno Francisco. Religiões Institucionalizadas e Universalistas e o Mundo Contemporâneo: Quatro desafios – reflexões a partir da Igreja Católica. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 1, p. 85-120, 2018. p. 86.

<sup>145</sup> GIBBS, 2012, p. 89.

<sup>146</sup> GIBBS, 2012, p. 66.

<sup>147</sup> KIMBALL, Dan. *Eles Gostam de Jesus Mas Não da Igreja: Insights das gerações emergentes sobre a igreja*. São Paulo: Vida, 2011. p. 13.

racional e comprovadamente embasada é ponto capital na busca por novos conversos. Formando inclusive, a tradicional competência religiosa denominada *apologética*. Contrariando essa prática histórica, os religiosos pós-modernos não parecem ser satisfeitos apenas com acréscimo de conhecimento. Existe valor sim no saber, mas “atualmente um número cada vez maior de pessoas já está em uma busca espiritual por propósito e por um senso de realização”<sup>148</sup>. O envolvimento religioso deixa de ser intelectual, e passa a ser experimental e comportamental.<sup>149</sup>

Esta parece ser uma significativa característica da religiosidade na pós-modernidade: Exaltação da experiência e do sensorial. A destreza no lidar com a informação passa a ser secundária. Em consequência surge uma forte ênfase no indivíduo, buscando-se a satisfação das suas necessidades para que o proselitismo ocorra. É como se a missão religiosa deixasse de ser a pregação de uma verdade, tornando-se a resposta para as demandas do religioso em toda a sua diversidade. Ramos sumariza essa percepção dizendo que a ênfase passa a ser na “experimentação, isto é, realização imediata e momentânea das necessidades dos sujeitos. A busca do espaço religioso se mostra como alternativa de estabilidade social”<sup>150</sup>.

Bauman ainda propõe a resposta das religiões formais a este fenômeno. Ele sugere que a reação tem sido o crescimento – ou retorno – do fundamentalismo. “Pode-se concluir que o fundamentalismo religioso é um filho legítimo da pós-modernidade, nascido de suas alegrias e tormentos, e herdeiro, do mesmo modo, de seus empreendimentos inquietações”<sup>151</sup>. Bauman afirma que essa ênfase demasiada no indivíduo não só traz à religião o risco de desvio de sua essência e conseqüente secularização, como também repassa ao fiel uma responsabilidade que antes não lhe pertencia. O protagonismo religioso traz consigo a autonomia espiritual, o que parece libertador, mas que pode se tornar pesado demais.

Em sua interpretação fundamentalista, a religião não é uma “questão pessoal”, privatizada como todas as outras escolhas individuais e praticada em particular, mas a coisa mais próxima de uma *completa mappa vitae*: ela legisla em termos nada incertos sobre cada aspecto da vida, desembaraçando desse modo a carga de responsabilidade que se acha pesadamente sobre os ombros do indivíduo — esses ombros que a cultura pós-moderna proclama onipotentes, e o mercado promove como tais, mas que muitas pessoas acham frágeis demais para essa carga.<sup>152</sup>

---

<sup>148</sup> GIBBS, 2012, p. 207.

<sup>149</sup> GIBBS, 2012, p. 208.

<sup>150</sup> RAMOS, 2011, p. 247.

<sup>151</sup> BAUMAN, 1998, p. 228.

<sup>152</sup> BAUMAN, 1998, p. 229.

Em paralelo a essa tendência autônoma, percebe-se o crescimento de um novo grupo religioso: Os *sem religião*. Categoria que passa a chamar atenção no Censo brasileiro especialmente a partir do ano 2000. Um estudo de suas características, críticas, aspirações, e desenvolvimento do número de *adeptos*, parece indicar uma reação às questões levantadas pelas críticas pós-modernas à religião. Ênfase no indivíduo, autonomia e pluralidade, surgem como pilares da fé de um dos grupos religiosos que mais cresce no Brasil, como se vê na sequência.

## 2.2 Definição do fenômeno sem religião

Ao longo de toda a história, crenças e credices têm influenciado e moldado a cultura e cosmovisão humana. Christopher Dawson resume essa importância na frase “*religion is the key of history*”<sup>153</sup> [religião é a chave da história]. Entretanto em aparente contradição a esse protagonismo, percebe-se nos últimos anos um fenômeno de desfiliação da religião formal. Particularmente em países secularizados e nas grandes metrópoles<sup>154</sup>, tem-se registrado uma significativa crescente neste movimento. Em solo americano, White é quem faz essa observação: “Aproximadamente um em cada quatro adultos nos Estados Unidos, quando questionados sobre sua identidade religiosa, dirão ‘nada’”<sup>155</sup>. Os números também mostram o avanço desse grupo em diversos países da América Latina<sup>156</sup>, como no México (onde já figura como terceira maior *religião*)<sup>157</sup>, e na Argentina (onde já ocupa a 2ª posição)<sup>158</sup>. E o mesmo tem ocorrido em solo brasileiro segundo dados do Censo 2010, que “registrou aumento entre a população que se declarou sem religião. Em 2000 eram quase 12,5 milhões (7,3%), ultrapassando os 15 milhões em 2010 (8,0%)”<sup>159</sup>. Isso sem considerarmos os chamados *evangélicos não determinados*, também presentes nas estatísticas. Um movimento que nem se

<sup>153</sup> DAWSON, Christopher. *Religion and Culture*. California: Sheed & Ward, 1948. p. 50.

<sup>154</sup> GOMES, Ariane; FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; BONTEMPO, Marcos. Desigrejismo: “Anomalia” ou opção?. *Revista Ultimato*, Viçosa, a. 51, n. 374, p. 42-46, 2018. p. 42.

<sup>155</sup> “*Nearly one out of every four adults in the United States, when asked about their religious identity, would say ‘nothing’*” (tradução livre). WHITE, 2017, p. 11.

<sup>156</sup> RIVERA, 2017, p. 94.

<sup>157</sup> RIVERA, 2017, p. 94.

<sup>158</sup> RIVERA, 2017, p. 96.

<sup>159</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. p. 1-215.

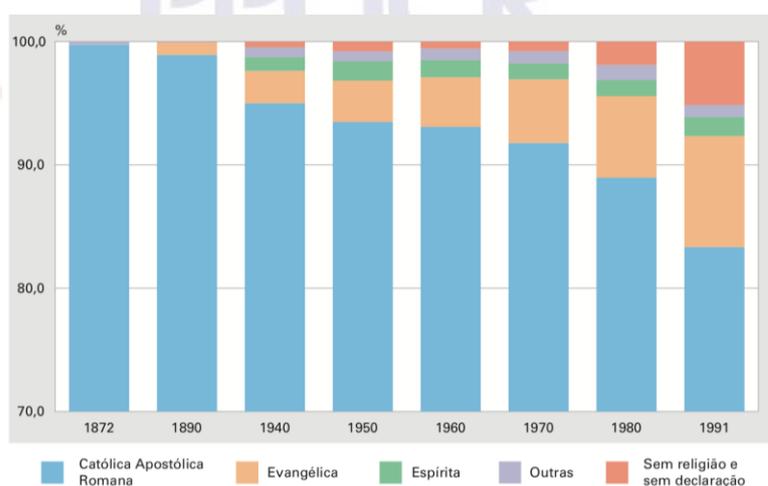
imaginava como tema de estudo até a divulgação do Censo 2000<sup>160</sup>, é hoje uma realidade inegável e digna de pesquisas em busca de compreender as razões motivadoras do fenômeno.

Assim, pode-se concordar com Paulo Rivera, ao afirmar categoricamente que “o fenômeno dos ‘sem religião’ é generalizado, e não uma exceção”<sup>161</sup>. Nas linhas seguintes, serão analisados os números e o que já se conceitua sobre este fenômeno.

### 2.2.1 Números estatísticos

Historicamente o Brasil é conhecido como um país católico.<sup>162</sup> Ainda na colonização, os portugueses trouxeram a fé cristã, sob a tutela do catolicismo, para os nativos desta terra se certificando de que o desenvolvimento cultural da nova colônia passaria por esses valores. Mas as últimas décadas têm registrado um importante movimento dessa representação religiosa no Brasil. O catolicismo tem perdido adeptos dando espaço ao significativo crescimento dos evangélicos, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2. Religiões no Brasil 1872-1991<sup>163</sup>



Principalmente a partir da década de 90, nota-se a oscilação para baixo de católicos. Esse espaço é então preenchido por evangélicos, mas também por outro grupo que se torna de maior interesse a este estudo: Os indicados como “sem religião e sem declaração”. Aqui é importante fazer separação entre as duas categorias aglutinadas. Segundo Marcelo Camurça,

<sup>160</sup> RIVERA, Paulo Barrera. Os “Sem Religião” na Periferia Urbana da América Latina. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 91-110, 2017. p. 94.

<sup>161</sup> RIVERA, 2017, p. 92.

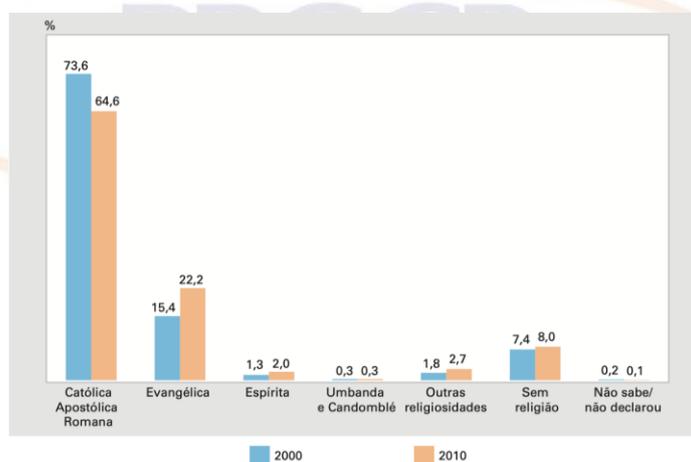
<sup>162</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

<sup>163</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

até certo tempo a alternativa *sem religião* não era nem mesmo uma possibilidade válida. Quando um entrevistado não se identificava com nenhuma das religiões formais, era computado como *sem declaração*. Camurça ainda afirma que não há um consenso sobre quando essa abordagem foi alterada, havendo pesquisas que apontam o Censo de 1940, enquanto outras indicam 1960. Fato é que a partir deste marco tal grupo passa a ganhar relevância como uma forma de expressão religiosa, se tornando tema de estudo a partir do Censo de 1991.<sup>164</sup>

Os Censos de 2000 e 2010 parecem confirmar as tendências indicadas. O catolicismo continua a perder força, os evangélicos se consolidam em seu crescimento e o grupo sem religião segue em crescimento, ironicamente figurando entre as *religiões* que mais crescem no país. Vale ainda ressaltar o desmembramento das duas categorias nestes últimos dados. *Sem declaração* (“não sabe/ não declarou”) e *sem religião* passam a ser opções independentes. A Tabela 3 faz a comparação das duas últimas décadas.

Tabela 3. Religiões no Brasil 2000-2010<sup>165</sup>



O êxito deste novo *grupo* de expressão religiosa tem chamado a atenção de pesquisadores, que passam a produzir estudos e artigos em torno desta temática numa análise mais profunda dos dados e do significado que estes representam. Gino Giacomini e Sérgio Martin colocam a origem deste movimento em 1970. Os pesquisadores fazem a ressalva de que cerca de 5% do número total dos sem religião no Censo de 2010 são na verdade formados

<sup>164</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 55-70, 2017. p. 56.

<sup>165</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

por ateus e agnósticos.<sup>166</sup> Ainda assim, o avanço desse número nas últimas décadas continua a ser notável.

Em 1970, correspondiam a 0,75% da população, em 1980 somavam 1,64%, em 1991 totalizavam 4,73%, na década seguinte (2000) correspondiam a 7,35%, o que representaria, em números absolutos, 12,5 milhões de brasileiros e, em 2010, passam para o patamar de 8%, ou 15,3 milhões de brasileiros.<sup>167</sup>

Camurça também faz menção à presença de ateus e agnósticos na descrição deste grupo, mas registra números menores (0,32% e 0,07% respectivamente), por isso sugere que isso não representa uma crescente influência do ateísmo no Brasil.<sup>168</sup> Ao se debruçar sobre o avanço da porcentagem dos sem religião nos últimos censos, adiciona aos dados mencionados anteriormente os registros do Censo de 1940 e 1960, que apontavam respectivamente mínimos 0,2%<sup>169</sup> e 0,5%<sup>170</sup> de declarados sem religião no país. Isso indica um crescimento de 52% em apenas 50 anos.<sup>171</sup> Destaca ainda uma desaceleração desse crescimento no Censo de 2010, oscilando de 7,4% para 8% (12,3 milhões e 15,3 milhões em números absolutos).<sup>172</sup>

Ainda de relevância para esse estudo é conhecer as minúcias deste número abrangente. Entende-se que a identificação de geografia, faixa-etária, condição social, e outras características podem auxiliar na conceituação e compreensão desta expressão religiosa. Os dados menores do Censo já apontam algumas direções a estas perguntas. No tópico da localização geográfica, a Imagem 1 mostra a densidade demográfica de declarantes da opção sem religião em todos os estados brasileiros.

---

<sup>166</sup> GIACOMINI-FILHO, Gino; MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e Ateísmo: A alternativa do espaço virtual. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 2, p. 13-29, 2015. p. 16.

<sup>167</sup> GIACOMINI-FILHO; MARTIN, 2015, p. 15-16.

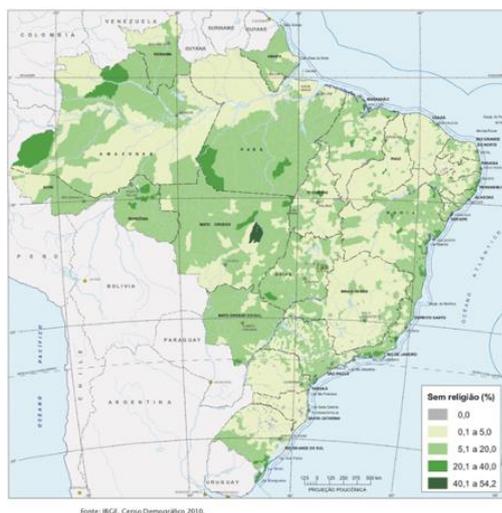
<sup>168</sup> CAMURÇA, 2017, p. 57.

<sup>169</sup> CAMURÇA, 2017, p. 59.

<sup>170</sup> CAMURÇA, 2017, p. 58.

<sup>171</sup> CAMURÇA, 2017, p. 59.

<sup>172</sup> CAMURÇA, 2017, p. 58.

Imagem 1. Localização e densidade da população sem religião no Brasil.<sup>173</sup>

Na divisão por regiões, o sudeste apresenta o maior índice de pessoas sem religião figurando 9% de sua população total, seguido do centro-oeste e nordeste com 8,4% e 8,3% de sua população total respectivamente (ver Tabela 4). Camurça corrobora com estes números identificando que o Rio de Janeiro é o estado com maior índice desta expressão religiosa apontando 16% de sua população total, “o dobro de sua média nacional”. O autor também analisa que a porcentagem de sem religião é maior em áreas de migração interna (grandes metrópoles e litoral) e nas regiões de fronteira, agricultura e minério.<sup>174</sup> Coincidentemente ou não, as mesmas áreas onde há crescimento dos evangélicos.<sup>175</sup> Ainda é válido destacar um levantamento do IBOPE Inteligência de 2013 que constatou forte presença deste grupo também em São Paulo. Segundo a pesquisa, 9% dos habitantes da capital paulista se declaram sem religião, ateus ou agnósticos; sendo que a maior parte deles se concentra na região central de São Paulo (13%).<sup>176</sup>

<sup>173</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

<sup>174</sup> CAMURÇA, 2017, p. 62.

<sup>175</sup> CAMURÇA, 2017, p. 59.

<sup>176</sup> IBOPE Inteligência. 60% da população da capital paulista é católica. *IBOPE Inteligência*, São Paulo, [s.p.], 22 jul. 2013. [online].

Tabela 4. Distribuição da população por regiões e religião.<sup>177</sup>

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
<b>2010</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

A análise dos números por faixa-etária também se torna bastante elucidativa. Desconsiderando-se a população de 0-4 anos por razão de incapacidade de escolha e mesmo de resposta à pesquisa, observa-se que a maior concentração da expressão sem religião se dá dos 15-29 anos (ver Tabela 5). Assim, esse número se torna o dado mais relevante a esta pesquisa, indicando a forma que a nova geração passa a se relacionar com o religioso. Camurça, mais uma vez, analisa estes números e conclui sobre a idade onde esta expressão se torna predominante:

Do ponto de vista geracional, em sua maioria, são jovens com idade média de 26 anos. Dentro dessa média, estes se distribuem da seguinte forma: 9,30% entre 15 e 19 anos, 10,03% entre 20 e 24 anos e 9,50% entre 25 e 29 anos. Logo, não são predominantemente, nem “jovens-adolescentes”, nem “jovens-adultos”, mas “jovens-jovens”.<sup>178</sup>

<sup>177</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

<sup>178</sup> CAMURÇA, 2017, p. 59.

Tabela 5. Divisão populacional por religião e faixa-etária.<sup>179</sup>

Grupos de Idade	Distribuição percentual da população residente (%)									
	Total (1)	Grupos de religião								
		Católica Apostólica Romana	Evangélicas				Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
			Total	De Missão	De Origem Pentecostal	Não determinada				
<b>2010</b>	<b>100,0</b>	<b>64,6</b>	<b>22,2</b>	<b>4,0</b>	<b>13,3</b>	<b>4,8</b>	<b>2,0</b>	<b>0,3</b>	<b>2,7</b>	<b>8,0</b>
0 a 4 anos	100,0	61,8	24,4	4,0	15,3	5,2	1,2	0,2	2,5	9,7
5 a 9 anos	100,0	62,1	25,8	4,2	16,3	5,4	1,2	0,2	2,7	7,8
10 a 14 anos	100,0	62,6	25,4	4,4	15,8	5,2	1,2	0,2	2,8	7,6
15 a 17 anos	100,0	63,4	22,9	4,1	13,9	5,0	1,3	0,2	2,6	9,4
18 ou 19 anos	100,0	64,0	21,4	3,9	12,7	4,7	1,4	0,3	2,5	10,3
20 a 24 anos	100,0	63,8	21,0	3,8	12,4	4,8	1,6	0,3	2,5	10,6
25 a 29 anos	100,0	62,8	21,9	4,0	12,8	5,0	2,0	0,4	2,7	10,1
30 a 39 anos	100,0	62,8	22,7	4,2	13,4	5,2	2,3	0,4	2,8	8,8
40 a 49 anos	100,0	65,4	21,5	4,0	12,7	4,8	2,7	0,4	2,8	7,1
50 a 59 anos	100,0	68,0	19,9	3,7	11,8	4,3	3,1	0,4	2,8	5,8
60 a 69 anos	100,0	70,3	19,0	3,8	11,4	3,8	2,7	0,3	2,7	4,8
70 a 79 anos	100,0	72,6	18,0	4,0	10,6	3,4	2,3	0,2	2,8	3,9
80 anos ou mais	100,0	75,2	16,0	3,9	9,0	3,1	2,2	0,2	2,8	3,4

Outros dados ainda são dignos de destaque. Apesar de este grupo expressar aparente oposição ao apelo denominacional, “70% dos ‘sem religião’ foram criados em ambiente religioso e com pertença religiosa (apenas 7% foram criados já como ‘sem religião’) e 59% destes vieram do catolicismo”<sup>180</sup>. Analisando o perfil social, Rivera afirma que o extrato dos sem religião é na sua maior parte formado por pessoas mais vulneráveis. Argumenta que 64,16% do total deste grupo tem baixa escolaridade e apenas 10,92% concluíram o ensino superior.<sup>181</sup> No que diz respeito à renda familiar, 68,9% afirmam receber menos de dois salários mínimos, caracterizando assim segundo Rivera, um grupo de baixo status social.<sup>182</sup> Parece importante destacar aqui o dado mencionado anteriormente, que indica maior incidência deste grupo nos jovens, inclusive em bebês de 0-4 anos. Entende-se que uma análise fria dos números sem levar este ponto em consideração, pode influenciar fortemente nas conclusões. Rivera ainda aponta que 58,86% dos sem religião são de negros e pardos, formando assim sua maioria.<sup>183</sup>

Embora diferenciando em números, Camurça parece apontar conclusão semelhante na estratificação deste grupo. Ele afirma que até o Censo anterior, se visualizava o discurso sem religião tendo forte apelo em jovens, mas de camadas sociais mais altas.<sup>184</sup> Porém, com os dados de 2010 observa 59,2% como vivendo com apenas um salário mínimo. Aponta também

<sup>179</sup> IBGE, 2012, p. 1-215.

<sup>180</sup> CAMURÇA, 2017, p. 68.

<sup>181</sup> RIVERA, 2017, p. 97-98.

<sup>182</sup> RIVERA, 2017, p. 98.

<sup>183</sup> RIVERA, 2017, p. 98.

<sup>184</sup> CAMURÇA, 2017, p. 61.

47,1% como negros ou mestiços. O autor sintetiza então os sem religião como sendo “na sua maioria homens jovens, com idade de 16 a 29 anos, solteiros, negros e mestiços, com baixa instrução, emprego instável e salários baixos, vivendo nas periferias”<sup>185</sup>. A compreensão destes números dá a base necessária para a conceituação teórica deste grupo.

### 2.2.2 Conceituação teórica

Conceituar os sem religião não é uma tarefa fácil, justamente por ter como característica principal a não formalidade ou nem mesmo a unidade. Ao se buscar entender uma determinada denominação religiosa, consulta-se uma liderança, documento, ou personalidade que possa representar a posição institucional distribuída em seus adeptos. Mas esse não é o caso do grupo aqui selecionado. Declarar-se sem religião não implica tanto em ser algo, mas em justamente não o ser. Esta não é uma nova instituição mas justamente a ausência dela. Também não é uma atitude conjunta, mas um fenômeno que parece ocorrer em parte da população de forma coletiva, porém individualmente. Assim, ao se buscar conceituar este grupo não se objetiva uma descrição dogmática ou declaração de identidade, mas sim uma compreensão da filosofia religiosa que acompanha os *adeptos* deste novo movimento.

A primeira característica que parece nortear o entendimento deste fenômeno é apontada por Rivera: “Todas as pessoas que se dizem ‘sem religião’ já foram frequentadores de, pelo menos, duas ou três diferentes igrejas”<sup>186</sup>. Ainda que aparentemente drástica, a afirmação é de relevância para este estudo porque revela a presença de religiosidade neste grupo. Enquanto um olhar superficial dos dados de crescimento deste movimento poderia subentender uma fuga da religião, na verdade revelam apenas uma forma diferente de expressão da mesma. Em outras palavras, sem religião não é sinônimo de sem religiosidade. Outro ponto de destaque da citação é a aparência de busca. Estes não só preservam o valor da fé, como em sua transitoriedade parecem buscar o lugar ou os elementos que darão fundamento à sua experiência religiosa. Talvez poderia-se afirmar que sem religião não é tanto ser, mas estar. Mas essa é apenas uma hipótese. Uma terceira conclusão a partir do escrito de Rivera, é o que se poderia chamar de *êxodo denominacional*. O sem religião não só está aberto à religiosidade como também parece já ter sido um adepto das instituições

---

<sup>185</sup> CAMURÇA, 2017, p. 61.

<sup>186</sup> RIVERA, 2017, p. 105-106.

formais. Assim, é reforçado o entendimento de crítica e reprovação eclesial atrelado ao crescimento deste fenômeno.

Entender essas críticas, tem sido justamente a ênfase de alguns pesquisadores do assunto. De maneira mais genérica, os estudos indicam que entre estes “há desde os que deixaram a igreja por terem sofrido decepções com a liderança aos que se apegam a uma teologia que ataca a igreja institucionalizada”<sup>187</sup>. Essa colocação binária compreende os sem religião como críticos ou frustrados. Kimball, analisando o desenvolvimento de fenômeno similar em solo norte-americano, dedicou algum tempo não apenas em estudos teóricos, mas pesquisas e entrevistas pessoais. Em sua busca neste público, descreve ter encontrado tanto aqueles que haviam feito parte de alguma igreja no passado quanto aqueles que nunca haviam se filiado a uma instituição religiosa; ainda assim todos cristãos. Seu principal intuito era descobrir as razões que levavam as pessoas a esse afastamento denominacional. Em seu livro, condensa as principais críticas levantadas em seis itens: (1) Interesses políticos da instituição; (2) intolerância e negativismo; (3) machismo; (4) homofobia; (5) arrogância e exclusivismo; e (6) fundamentalismo.<sup>188</sup> Kimball ainda reforça repetidamente o forte apego às figuras espirituais neste grupo, apesar da aversão à organização institucional.

Voltando ao contexto brasileiro, Nelson Bomilcar manifesta interesse similar. O autor também se vale de pesquisas e entrevistas com pessoas deste grupo para entender quais os motivadores deste afastamento. Com sua atenção também voltada ao cristianismo, nos testemunhos relatados os principais fatores destacados são: Falta de transparência financeira e busca por lucro; falta de relevância; problemas de relacionamento com outros fieis (inveja, intolerância, impessoalidade, hipocrisia); política nas instituições; pastores despreparados; distanciamento ou indiferença com relação a questões contemporâneas; conservadorismo excessivo.<sup>189</sup> É digno de nota que a lista de Bomilcar encontra grande similaridade com a descrição de Kimball apesar da diferença geográfica. Este dado é relevante por indicar um padrão em um grupo tão heterogêneo como este. Nota-se também que tais entrevistas reforçam o conceito de crítica e frustração presente neste movimento. Com base neste relato, parece seguro afirmar que a religiosidade manifesta sem religião ocorre como uma resposta àquilo que é visto como problema nas instituições formais. A desfiliação religiosa ocorre

---

<sup>187</sup> GOMES; FASSONI; DIAS; BONTEMPO, 2018, p. 42.

<sup>188</sup> KIMBALL, 2011, p. 73-211.

<sup>189</sup> BOMILCAR, Nelson. *Os Sem Igreja: Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. p. 59-67.

como uma espécie de protesto e reação do fiel contemporâneo, que já não tolera características das quais discorda.

Depois de registrar parte de suas entrevistas, Bomilcar passa a sumarizar suas conclusões resultantes de seus estudos. Ainda pensando nos fatores que geram este êxodo denominacional, o autor destaca o que acredita serem as seis principais razões do afastamento entre fiel e instituição: (1) Desencantamento com a estrutura institucional e eclesial; (2) grande desilusão com a liderança que usa a religião para controlar; (3) grande desconfiança com relação àqueles que enriqueceram no ministério ou dentro da estrutura eclesial; (4) mudanças e transformações de realidade de vida das pessoas; (5) forte receio em construir novos relacionamentos; (6) fuga intensa para reuniões nas casas.<sup>190</sup>

De forma menos detalhada, outros autores também apontam os motivadores dessa ruptura. Com base em outros estudos, Camurça menciona a intolerância, hipocrisia e incoerência entre discurso e prática como as principais críticas que os jovens sem religião fazem às instituições.<sup>191</sup> Corroborando com o quarto item da conclusão de Bomilcar, também menciona a rotina contemporânea como um desincentivo para o engajamento religioso, por conta de falta de tempo ou mesmo de disposição.<sup>192</sup> Também com base em outros estudos, Giacomini e Martin acrescentam à lista outros fatores consequentes dos paradigmas contemporâneos. Além da já mencionada decepção com as religiões e líderes, mencionam “apego materialista da modernidade, [e] independência de cada membro familiar para opções religiosas”<sup>193</sup>.

Embora interligados, a diversidade de motivadores desse afastamento nos indica a pluralidade encontrada neste grupo. Em busca de uma forma de catalogação, autores e pesquisadores têm agrupado estas diferenças em categorias ou subgrupos que descrevem a variedade de formas com que se manifesta a fé sem religião. Introdutoriamente, Idauro Campos diz que são “dois os tipos principais: os decepcionados e os críticos do sistema”<sup>194</sup>. Em análise mais detalhada, Bomilcar propõe uma *abertura de leque* nas possibilidades de manifestação da fé independente. Em seu livro descreve os sem religião como “pessoas descrentes quanto às reais possibilidades de ser igreja”<sup>195</sup>. Por isso, definirá como sem religião, todo aquele que não vive a experiência completa de filiação institucional. O autor

---

<sup>190</sup> BOMILCAR, 201, p. 78-88.

<sup>191</sup> CAMURÇA, 2017, p. 62.

<sup>192</sup> CAMURÇA, 2017, p. 64.

<sup>193</sup> GIACOMINI-FILHO; MARTIN, 2015, p. 16.

<sup>194</sup> CAMPOS, Idauro *apud* GOMES; FASSONI; DIAS; BONTEMPO, 2018, p. 43.

<sup>195</sup> BOMILCAR, 2012, p. 15.

apresenta sete subgrupos que entende compreender este movimento: (1) Os autodenominados sem-igreja; (2) os que se desencantaram com a instituição religiosa em sua formalidade; (3) os que fazem parte de alguma denominação, mas que não vivem a experiência comunitária que a mesma deveria proporcionar; (4) os que se reúnem em grupos menores tentando fugir de qualquer característica institucional; (5) os que viveram uma grande decepção ou mágoa em relações interpessoais; (6) os que resumem sua experiência eclesial ao papel de observadores através da internet; (7) os que são supostamente religiosos ferrenhos, mas que nunca viveram uma real conversão espiritual, fortalecendo a visão negativa da instituição dos grupos anteriores.<sup>196</sup>

Camurça corrobora com essa amplitude e vai ainda mais longe. Analisando outros estudos sobre o tema, menciona quatro subgrupos: “1) Os que creem em uma força divina, mas sem pertença religiosa; 2) os integrantes de grupos místicos/esotéricos que não se consideram religião; 3) os que realizam um trânsito entre as religiões estabelecidas sem se vincular a qualquer delas; 4) os consumidores de bens religiosos como produtos terapêuticos”<sup>197</sup>. A lista chama a atenção por deixar a binariedade de críticos e frustrados, mas expandindo para a multiplicidade de formas de expressão da fé. Entende-se assim que a religiosidade independente, além de uma reação crítica, pode ser manifesta como uma escolha deliberada.

Assim, discordando do título da matéria da Revista *Ultimato*, os sem religião já não podem ser entendidos como uma “anomalia”<sup>198</sup>. O crescimento do número indica a popularização da filosofia religiosa e valida as críticas expressas. Esta evolução ocorre de forma intensa, a ponto de se tornar “um novo status de respeitabilidade entre alguns serem chamados de sem-igreja”<sup>199</sup>. Como destacado anteriormente pelas estatísticas, este *status* tem ganhado maior força entre os jovens. Kimball descreve que na América do Norte, “a estimativa é que três quartos dos que terminam o ensino médio abandonam a igreja tão logo estejam livres da obrigação imposta por seus pais”<sup>200</sup>. O que nos indica, em concordância com Bomilcar, que declarar-se sem religião tem ganhado status de liberdade e independência, algo tão valorizado na juventude. Camurça e Rivera ainda apontam respectivamente a “diminuição da transferência religiosa intergeracional”<sup>201</sup> e a “multiplicação de opções religiosas,

<sup>196</sup> BOMILCAR, 2012, p. 23-24.

<sup>197</sup> CAMURÇA, 2017, p. 63-64.

<sup>198</sup> GOMES; FASSONI; DIAS; BONTEMPO, 2018, p. 42.

<sup>199</sup> BOMILCAR, 2012, p. 137.

<sup>200</sup> KIMBALL, 2011, p. 15.

<sup>201</sup> CAMURÇA, 2017, p. 62.

especialmente evangélicas”<sup>202</sup>, como fatores que corroboram diretamente para o crescimento deste grupo. Identificar esta realidade desperta a necessidade de se compreender, do ponto de vista analítico, como se manifesta ou se exerce uma fé desligada das instituições formais.

### 2.3 Fé Desinstitucionalizada

As instituições, por definição, representam valores, ideais e bandeiras maiores do que um indivíduo. Estas buscam agrupar ou regulamentar a diversidade em forma de padrão em direção à uniformidade. Por isso as instituições, em suas diferentes áreas, costumam se posicionar acima do entender do indivíduo, representando, por vezes, a palavra última sobre assuntos de sua competência. Mas essa parece já não ser a visão atual. Moreira sintetiza essa mudança de postura com uma pergunta: “Que instância social ou instituição tem hegemonia para estabelecer a ‘verdade’ [...] das coisas e dos fatos?”<sup>203</sup> Ou seja, se o conceito pós-moderno sugere uma incapacidade de aproximação do saber pleno, por que a instituição teria acesso privilegiado à mesma em relação ao ser individual? Portanto, ocorre um fenômeno de nivelamento entre instituição e indivíduo em termos de autoridade, prerrogativa e autonomia. Em outras palavras, uma supervalorização do indivíduo em detrimento das instituições estabelecidas. Uma vez compreendido esse movimento, não deve causar surpresa a percepção de impacto dessa mentalidade sobre as instituições religiosas.

Em termos gerais, as organizações religiosas, na história recente, têm exercido papel de grande importância e influência na fé dos indivíduos. Em seu desenvolvimento, os próprios fiéis conferem a esta autoridade para regulamentação e direcionamento. Líderes são instituídos e dotados de formas de controle sobre um grupo de devotos que o respeitam como superiores em assuntos espirituais. Assim, a instituição religiosa se torna detentora da verdade e normativa em relação à fé dos indivíduos que a compõem. Cláudio Ribeiro a define da seguinte forma:

A instituição religiosa é uma forma de organização em que há um conjunto de regras e regulamentos que levam um determinado grupo a construir uma identidade por meio de segmento hierárquico e de um corpo doutrinal que o caracteriza diante de outros. O movimento religioso tem como características a presença de líderes, as estruturas e a flexibilidade diante dos regulamentos estabelecidos.<sup>204</sup>

<sup>202</sup> RIVERA, 2017, p. 108.

<sup>203</sup> MOREIRA, 2008, p. 74.

<sup>204</sup> RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Um Olhar sobre o Atual Cenário Religioso Brasileiro: Possibilidades e limites para o pluralismo. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 2, p. 53-71, 2013. p. 63-64.

A definição de Ribeiro aponta a instituição como não apenas condutora da experiência de fé do religioso, mas também como uniformizadora, centralizadora e sistematizadora do credo. A instituição se distingue de outras similares por sua padronização na compreensão do sagrado e do acesso ao mesmo. Para isso gerencia não apenas a fé em si, mas seus executores e legisladores. Ocorre que a mudança do paradigma social em relação às corporações também afetou o entendimento do papel das organizações denominacionais. A autonomia e inerrância da mesma passaram a ser questionadas, bem como seu sistema hierárquico e, por vezes, burocrático. A ascendência que uma entidade exercia sobre o fiel diminuiu e passou a ser confrontada, diga-se ainda, pelo seu próprio corpo de devotos. A autoridade antes conferida à organização, passa a ser retomada pelo próprio religioso. Leno Danner descreve este processo de descentralização dizendo que agora “é o indivíduo, e não mais a tradição, que se constitui no pilar de avaliação e de legitimação dos valores e das práticas das sociedades democráticas de um modo geral e das instituições e posições religioso-culturais em particular”<sup>205</sup>.

Como já mencionado, esse movimento não deve ser entendido como um abandono em massa da fé. Mircea Eliade já afirmava que a manifestação religiosa parece ser algo natural ao ser humano. Ênfase que transparecerá na expressão “*homo religiosus*”<sup>206</sup>. Por isso, segundo Eliade, ainda que as definições de sagrado ou formas de acesso ao mesmo sejam reconfiguradas, a busca pelo sobrenatural permanece. Ele entende que “até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo”<sup>207</sup>. Ribeiro confirma essa continuidade religiosa – apesar da descontinuidade institucional – ao observar que “no Brasil, [...] há um simultâneo crescimento de pessoas sem religião e o florescimento do fervor religioso”<sup>208</sup>. Ele analisa que enquanto as instituições amargam uma decrescente em termos de influência e números, o Brasil continua presenciando a religiosidade como parte significativa de sua cultura. Este dado chama a atenção pela sua aparente contradição. Uma vez que as organizações formais possuem a incumbência de regulamentar a fé, seu decréscimo deveria presumivelmente representar um abandono da espiritualidade. Assim, a não concretização deste pressuposto indica uma mudança na forma de expressão religiosa do fiel contemporâneo. Moreira aponta uma transição nas maneiras de manifestações da crença:

Está em processo um verdadeiro deslocamento ou uma transformação do religioso. [...] Como os papéis, as pertinências, as referências e os pertencimentos se

---

<sup>205</sup> DANNER, 2018, p. 95.

<sup>206</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 20.

<sup>207</sup> ELIADE, 1992, p. 27.

<sup>208</sup> RIBEIRO, 2013, p. 63.

deslocam, o indivíduo fica cada vez mais o único responsável por, de acordo com seu gosto, sua conveniência e sua consciência, juntar as partes e costurar seu próprio sistema simbólico.<sup>209</sup>

A instituição diminui sua influência e autoridade, cedendo protagonismo e autonomia ao próprio fiel. Em consequência a padronização e sistematização antes regulamentada pela organização deixam de ser valorizadas, tornando as manifestações religiosas cada vez menos unificadas e coletivas e cada vez mais “pluralistas e individualistas”<sup>210</sup>, “dando espaço para as inúmeras personalizações da religião”<sup>211</sup>. Em outras palavras, a geração de crentes atual parece fugir do *controle institucional* em busca de um ideal de liberdade. Dessa forma, o religioso “tem mostrado que pode suprimir as barreiras relativas a ritos, crenças e filosofias e transitar entre as múltiplas possibilidades em busca de sentido”<sup>212</sup>.

Danièle Hervieu-Léger vê esse deslocamento como o início de uma nova era na expressão religiosa, à qual vai chamar de “‘religião pós-tradicional’, assentada nas opções pessoais dos indivíduos, que não provém do que estabelece uma tradição, mas ao contrário, transfere o imperativo do determinismo desta para a iniciativa e criação dos indivíduos”<sup>213</sup>. O fiel é quem passa a ter a prerrogativa de determinar os próprios limites religiosos, modificando uma tradição coletiva ao mesmo tempo que formando um sistema inédito e exclusivo. Ribeiro nomeia esse fenômeno de *fé privatizada*, onde cada um tem a liberdade de escolher o que deseja crer quais elementos representarão o sagrado, mas sem a necessidade de se submeter às instituições religiosas.<sup>214</sup> É um movimento de religiosidade sincrética, onde “o viés comunitário dá lugar à ênfase na experiência individualista, por vezes até mesmo hedonista e de caráter intimista e privado”<sup>215</sup>. Francisco complementa essa linha argumentativa apontando o movimento *sem religião* como um grupo que manifesta exatamente estas características. Analisando o resultado das pesquisas sobre religiosidade no Brasil, ele afirma:

Ao lado dos evangélicos, o grupo que mais cresceu [...] é o daqueles que se declaram “*sem religião*”, isto é, aqueles que não possuem nenhuma crença ou, ainda que tenham crenças, não se vinculam a nenhuma instituição religiosa. Esse dado observado em âmbito nacional parece estar ligado ao clima de liberdade religiosa vivenciado nos últimos tempos. Em paralelo à busca e à expansão de determinadas

<sup>209</sup> MOREIRA, 2008, p. 72, 75.

<sup>210</sup> DANNER, 2018, p. 92.

<sup>211</sup> FEITOSA, Darlyson. *Hiper-religiosidade Contemporânea*. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 16.

<sup>212</sup> PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 21.

<sup>213</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle *apud* PERETTI; NOGOSEKE, 2014, p. 19-20.

<sup>214</sup> RIBEIRO, 2013, p. 62.

<sup>215</sup> RIBEIRO, 2013, p. 64.

religiões, vive-se, em nossos tempos, a possibilidade de não aderir a nenhuma delas.<sup>216</sup>

Em uma análise um pouco mais ampla do desenvolvimento da religiosidade atual, Darlyson Feitosa se refere a este que individualizou a fé como *hiperfiel*. Seu argumento principal está embasado no conceito de *sociedade do hiper*, que entre outros desdobramentos, pode ser entendido pela cultura do espetáculo. É a expectativa do grande ao mesmo tempo que a diminuição do tradicionalmente estabelecido. Feitosa propõe o mesmo movimento na religiosidade, dando origem ao hiperfiel como resultado da busca constante pelo maior e da supervalorização do individual.

Um dos aspectos que caracterizam a sociedade do hiper é a privatização da religião: o indivíduo adquire a autonomia (*autós = ele mesmo + nomia = lei*), ou seja, a religião é regida pela própria pessoa. Ainda que as grandes divisões do cristianismo permaneçam as mesmas em termos institucionais, o indivíduo é quem traça e escolhe as suas veredas religiosas, vive para intercambiá-las, sincronizá-las, adorná-las, selecionar as doutrinas que mais lhe convierem.<sup>217</sup>

Feitosa afirma que nessa nova era da fé, o indivíduo passa a ser o gerente de sua própria religião<sup>218</sup>; ou o que poder-se-ia chamar *auto-gerente*, uma vez que esse novo sistema de crença não se estende a outras pessoas. Mas essa potencialização individual não indica um consoante crescimento do conhecimento de causa do fiel exclusivista. Para Feitosa, essa é outra característica fundamental desse movimento religioso:

O hiperfiel pode ter formação acadêmica na área tecnológica, biológica, matemática, química — enfim, ele pode ser um profissional de área bem distinta da teologia, mas ainda assim terá a autoridade de um doutor da igreja quando o assunto for doutrina. Isso abre espaço para a banalização doutrinária ou superficialidade da fé: o hiperfiel controla a doutrina, peneirando os aspectos que são favoráveis, recheando-a com elementos às vezes díspares, resultando não poucas vezes num intrincado conjunto de dogmas conflitantes. [...] A doutrina, à semelhança dos demais aspectos da religiosidade cristã contemporânea, ganha contornos descartáveis.<sup>219</sup>

Nota-se que nesta colocação, Feitosa levanta duas características da fé atual, diretamente consequentes da privatização da fé: (1) Desvalorização dos líderes religiosos e (2) superficialização da teologia. Na religião institucionalizada existem sistemas de formação para seus respectivos líderes e representantes. Algumas religiões fornecem estudos específicos, formações acadêmicas, processos avaliativos e até mesmo ritos de consagração e condecoração. Mas em um sistema onde a instituição é desacreditada, seus métodos e

<sup>216</sup> FRANCISCO, 2014, p. 143.

<sup>217</sup> FEITOSA, 2011, p. 57.

<sup>218</sup> FEITOSA, 2011, p. 59.

<sup>219</sup> FEITOSA, 2011, p. 70.

padrões também são questionados ou completamente eliminados. Assim, o conceito de liderança religiosa passa a ser relativizado, ou ainda, descartado. No contexto de potencialização do indivíduo, ao fiel permanece o direito de submeter-se a determinada autoridade, ao passo que lhe é granjeada a autonomia e liberdade para recusar qualquer forma de sujeição. Ocorre que no sistema institucional ao líder religioso também é oferecido determinado nível de conhecimento de causa. Ainda quem nem toda organização exija uma graduação teológica formal, o líder é visto pela comunidade como referencial em assuntos relativos à fé. Assim, na religião desinstitucionalizada, a derrocada da figura autoritária implica no desaparecimento do referencial teológico, minando a influência e mesmo o acesso do leigo ao conhecimento aprofundado. O resultado é relativização e desvalorização de sistemas doutrinários e questões teológicas. Por isso, Feitosa conclui que “o conjunto de transformações socioreligiosas que galgaram o indivíduo à condição de ser o seu próprio legislador inclui o poder de suavizar exigências religiosas”<sup>220</sup>. Em sua visão, “o hiperfiel se adapta às circunstâncias, evidentemente às que lhe são favoráveis, domesticando doutrinas, elementos e símbolos religiosos antes díspares”<sup>221</sup>. Ou seja, “o hiperfiel ganhou o direito e a terrível condição de poder seguir as suas próprias formulações e concepções teológicas. Ele é o seu próprio mestre”<sup>222</sup>.

Corroborando com a linha argumentativa, Camurça nomeia esse movimento como “*self-religion*”<sup>223</sup> [auto-religião]. Como em um restaurante, o religioso avalia os *ingredientes e pratos* presentes no *cardápio* denominacional e religioso. Dotado de autoridade, ele então seleciona quais itens lhe interessam montando assim *seu próprio prato*, de acordo com sua preferência ou seu conjunto de valores. Camurça também aponta o grupo *sem religião* como um fruto deste novo paradigma *extra-institucional*, se referindo a estes como “religiosos sem instituição”<sup>224</sup>. Para ele, este grupo surge como consequência quase inevitável de um sistema de fé privatizada. Ele argumenta que a liberdade e facilidade de trânsito entre as diferentes religiões, resulta naturalmente na liberdade para não pertencer a nenhuma delas.<sup>225</sup> Camurça ainda descreve esse equilíbrio – ou desequilíbrio, a depender do ponto de vista – plurirreligioso, como um comportamento de aparente contradição todavia satisfatório a estes

---

<sup>220</sup> FEITOSA, 2011, p. 77.

<sup>221</sup> FEITOSA, 2011, p. 81.

<sup>222</sup> FEITOSA, 2011, p. 74.

<sup>223</sup> CAMURÇA, 2017, p. 62-63.

<sup>224</sup> CAMURÇA, 2017, p. 58.

<sup>225</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: Polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 100.

indivíduos. Ele destaca que este grupo não apenas mantém a fé, mas ainda se alimenta das instituições formais, não mais como filiados ou compromissados, mas como fonte de informação na busca por sua própria verdade, numa espécie de *comensalismo religioso*. Camurça descreve assim:

Possuem como características gerais, [...] de um lado, uma postura de indiferentismo e secularização que se traduz na sua falta de compromisso para com as instituições religiosas, e de outro lado, mantêm crenças e/ou espiritualidades independentes dessas instituições, embora estas ainda sejam uma referência para um trânsito por entre elas, sem se fixar, contudo, a nenhuma.<sup>226</sup>

Regina Novaes também corrobora com a conclusão de que a privatização da fé não é sinônimo de diminuição da religiosidade. Pelo contrário, por vezes é a própria busca pelo desenvolvimento da fé que pode levar o filiado a um afastamento institucional. Regina Novaes se refere a estes como “religiosos sem religião”<sup>227</sup>. De forma especial, ela identifica na juventude uma facilidade ou tendência maior de desenvolvimento dessa forma de religiosidade. Destaca-se ainda que quando se refere à juventude, não descreve necessariamente a faixa-etária de maneira universal. Sua proposta é que a juventude atual possui características que possibilitam o crescimento do grupo sem religião. A autora lista uma ordem de três dessas características, como um caminho do desenvolvimento dessa abordagem: “a) forte disposição para mudança de religião; b) ênfase na escolha individual gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal do pertencimento institucional; c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais”<sup>228</sup>. Ou seja, em sua proposta, o empoderamento do indivíduo ainda não é a origem deste fenômeno. Para a pesquisadora, o primeiro fator a propiciar o crescimento deste grupo é o apelo e a facilidade de mudanças religiosas. Estava implícito na pauta protestante o direito e autonomia do indivíduo em criticar, discordar ou, sendo redundante ao nome do movimento, protestar. O passar dos anos provou essa propensão com a grande diversidade denominacional que pode ser testemunhada hoje no Brasil, por exemplo. Assim, o proselitismo característico do cristianismo, deixa de ser apenas em esfera religiosa e passa a ser também denominacional. Consequentemente, a transição religiosa se torna mais frequente e as linhas divisórias mais estreitas, facilitando o salto. Portanto, esta pré-disposição somada ao empoderamento atual do indivíduo, formam o *cenário perfeito* para o desenvolvimento de uma fé desinstitucionalizada.

<sup>226</sup> CAMURÇA, 2017, p. 60.

<sup>227</sup> NOVAES, Regina. Os Jovens “Sem Religião”: Ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004. p. 328.

<sup>228</sup> NOVAES, 2004, p. 325.

Regina Novaes também compactua com Camurça, ao identificar um nível de dependência entre o fiel *solitário* e a instituição tradicional. O que se percebe é o sincretismo presente na fé daqueles que optam pela privatização, formando uma espécie de *colcha de retalhos*. Dessa forma, a fé individual não é algo novo ou criado, mas sim uma síntese “pessoal e intransferível”<sup>229</sup>.

Assim, observando esta transformação dos fundamentos do sistema religioso institucional, levando em conta os crescentes questionamentos e a diversidade de manifestações espiritualistas, cabe a pergunta: “O que ainda pode ou deve ser considerado religião?”<sup>230</sup> Talvez a suma deste novo modelo de fé seja a abertura do leque, compreendendo uma religiosidade não apenas privatizada no sentido de direito, mas também no sentido de personalização da expressão religiosa. Existe sim uma crise sem precedentes<sup>231</sup>, porém não se encontra na religiosidade ou mesmo na busca cultural pela religiosidade. A crise está concentrada na “religião institucionalizada em sua constituição hierárquica, verticalizada e dogmática no que tange à interpretação dos textos sagrados, à legitimação e à validação do credo, bem como à imposição deste aos crentes”<sup>232</sup>. Por isso, pode-se concordar com a tese de Hervieu-Léger onde afirma que “a secularização é um processo [...] que combina a perda de controle dos grandes sistemas religiosos [...] e a recomposição (sob uma nova forma) das representações religiosas”<sup>233</sup>. A fé desinstitucionalizada se conserva como credo, mas se reinventa como forma de aproximação e interação com o sagrado.

---

<sup>229</sup> NOVAES, 2004, p. 326.

<sup>230</sup> MOREIRA, 2008, p. 81.

<sup>231</sup> NOVAES, 2004, p. 323.

<sup>232</sup> DANNER, 2018, p. 95.

<sup>233</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle *apud* CAMURÇA, 2017, p. 67.

### 3 A RELIGIOSIDADE Z

O terceiro e último capítulo desta dissertação propõe o cruzamento dos dois grupos estudados nas linhas anteriores. A partir de dados teóricos e de pesquisa realizada em campo, o objetivo é identificar as similaridades entre os anseios da Gen Z com relação à espiritualidade e a forma de expressão de fé dos sem religião. As informações serão dispostas, também em três tópicos: (1) Sobre a pesquisa de campo; (2) fé da nova geração; (3) uma perspectiva do futuro da fé. Através dos mesmos serão apresentados, respectivamente, os critérios e as especificações da pesquisa realizada, as informações encontradas na pesquisa de campo em comparação com os conceitos teóricos, e por fim uma perspectiva do que poderá representar o papel da igreja e da forma de expressão de fé no futuro próximo.

#### 3.1 Sobre a pesquisa de campo

Ao se iniciar o estudo sobre o tema dessa dissertação, rapidamente pôde-se identificar a escassez de conteúdo que pudesse revelar as necessidades e características dos dois grupos referidos. Uma busca mais demorada se depara com uma boa quantidade de dados retratando a realidade de outros países, em especial do cenário norte-americano. Mas é limitado o número de descrições representando a diversidade de contextos brasileiros. Diga-se ainda que já se pode ser encontrado algum material acerca do grupo sem religião, mas pouco acerca da Geração Z. Foi a percepção desta lacuna que motivou a realização de uma pesquisa de campo, propiciando a este estudo uma visão mais precisa do pensamento destes que compõem a intersecção dos dois grupos.

Antônio Gil entende a pesquisa como um procedimento racional e sistemático, que possibilita a solução de um problema apresentado. Para o autor, a pesquisa se faz necessária justamente quando faltam dados que possibilitem a construção de respostas às perguntas levantadas.<sup>234</sup> Entende-se ser esse o cenário confrontado ao se iniciar o estudo, tornando a pesquisa de campo relevante.

A primeira delimitação necessária à pesquisa tem que ver com sua característica quantitativa ou qualitativa. Enquanto a primeira está mais focada no número de respondentes, a segunda se concentra na profundidade das respostas colhidas. Entende-se que os dois formatos seriam úteis a este estudo, apresentando vantagens e desvantagens. Grosso modo,

---

<sup>234</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991. p. 19.

enquanto a pesquisa quantitativa possibilitaria a apresentação de estatísticas e uma amostragem mais abrangente, a pesquisa qualitativa proporcionaria a captação de nuances mais profundas da estrutura de pensamento deste grupo. Uwe Flick se demora na caracterização da pesquisa qualitativa e suas vantagens<sup>235</sup>. Para o autor, a pesquisa qualitativa responde mais diretamente às críticas pós-modernas ao apresentar um resultado fiel às suas limitações. Esta não tem a prerrogativa de descrever o macro, mas o micro, se concentrando em especificações temporais, locais e situacionais.<sup>236</sup> Corroborando com esta linha de pensamento, este estudo optou pela realização de uma pesquisa qualitativa.

Para Flick, a pesquisa qualitativa deve ser realizada sobre 4 aspectos essenciais:

[1] Na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; [2] no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; [3] nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e [4] na variedade de abordagens e métodos.<sup>237</sup>

São estes pilares que nortearam a construção da pesquisa realizada. Quanto ao método, entendeu-se que a melhor maneira de captação de informação seria o uso da entrevista. Gil a entende como uma forma de interação social. Ele define este método como uma “técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”<sup>238</sup>. Gil também sugere que a entrevista pode ser desmembrada em quatro categorias<sup>239</sup>: “Informais, focalizadas, por pautas e formalizadas”<sup>240</sup>. De maneira superficial, a entrevista informal pode ser entendida como uma conversa livre, com a diferenciação da coleta de dados. De forma semelhante aparece a entrevista focalizada que conduz a conversação a um assunto específico. A entrevista por pauta já apresenta alguma organização pré-estabelecida sem perder a fluidez do diálogo, buscando passar por todos os pontos de destaque. Por fim, a entrevista estruturada possui um roteiro mais fechado com o objetivo de aplicar a mesma rotina a todos os entrevistados. Esta pesquisa adotou a metodologia de entrevista por pauta, onde um roteiro pré-fixado foi apresentado igualmente aos participantes, mas sem perder a liberdade de construção da ideia por parte do entrevistado.

<sup>235</sup> *Vantagem* aqui, deve ser entendido respeitando as características da pesquisa. O autor também menciona a importância de avaliar qual formato melhor responde às demandas de cada pesquisador.

<sup>236</sup> FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 20-21.

<sup>237</sup> FLICK, 2009, p. 23.

<sup>238</sup> GIL, 1994, p. 113.

<sup>239</sup> GIL, 1994, p. 115-117.

<sup>240</sup> GIL, 1994, p. 115.

Quanto à diversidade de perspectivas, esta pesquisa buscou oportunizar a manifestação dos diferentes ângulos a partir da construção do questionário<sup>241</sup>. O mesmo se constitui de cinco perguntas em uma sequência lógica. A primeira se apresenta como uma introdução ao tema com um enfoque generalista, buscando entender a compreensão do conceito. A segunda pergunta, mais direta e pessoal, busca entender o contexto religioso do entrevistado. Especialmente do ponto de vista pretérito. A questão de número três se concentra no presente, buscando conhecer a prática e os ritos religiosos de um fiel desvinculado de igrejas. A quarta aborda então o futuro, questionando, do ponto-de-vista hipotético, as pretensões religiosas e a possibilidade de um futuro vínculo denominacional. Por fim, a quinta pergunta encerra o diálogo oportunizando ao entrevistado a descrição do papel da igreja no século XXI. O objetivo proposto por esse roteiro foi guiar a entrevista se certificando de que as respostas buscadas seriam encontradas. Porém a amplitude das perguntas permitiu aos entrevistados encontrarem um ambiente propício para exposição de suas ideias, surgindo assim perspectivas que não haviam sido antecipadas por parte do pesquisador. Por conta disso, entre uma resposta e outra foram apresentadas outras *sub-perguntas* resultantes do diálogo construído no momento.<sup>242</sup>

O conceito base de Flick, também alerta à participação ativa do entrevistador, não apenas no diálogo em si, mas na construção de ideias também. A sua influência não pode ser negada. Gil concorda com essa característica inerente ao modelo, ao apontar como uma das desvantagens da entrevista “a influência exercida pelo aspecto pessoal do entrevistador sobre o entrevistado”, bem como “a influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado”.<sup>243</sup> Na entrevista realizada, a consciência dessa realidade serviu de alerta ao entrevistador para diminuição de sua interferência, na medida do possível. Por outro lado, Flick propõe um ponto de vista positivo da presença ativa do pesquisador:

Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa.<sup>244</sup>

Esta pesquisa buscou usar positivamente a participação do entrevistador através da apresentação de dados presentes nesse estudo, fundamentando o diálogo e enriquecendo o

<sup>241</sup> O questionário utilizado em pesquisa está disponível como apêndice.

<sup>242</sup> A transcrição completa das entrevistas se encontra em anexo.

<sup>243</sup> GIL, 1994, p. 114-115.

<sup>244</sup> FLICK, 2009, p. 25.

conteúdo da entrevista. Também esteve presente a sensibilidade do entrevistador aos assuntos expostos, explorando cada tema conforme a liberdade concedida pelo entrevistado.

Por fim, a pesquisa buscou também respeitar a diversidade de abordagens e tons necessários para cada entrevistado, sem abrir mão da uniformidade necessária à entrevista. Para que isso fosse possível, o contato prévio foi de relevância, permitindo tanto ao entrevistador conhecer (ainda que inicialmente) o participante, quanto ao entrevistado se localizar no objetivo da pesquisa, encontrando um ambiente seguro de diálogo. Gil destaca a importância deste elemento prévio, sugerindo que “o sucesso desta técnica depende fundamentalmente do nível da relação pessoal estabelecido entre entrevistador e entrevistado”<sup>245</sup>. Para tanto, orienta a realização desta etapa da seguinte maneira:

Para iniciar a conversação, o mais aconselhável é falar amistosamente sobre qualquer tema do momento que possa interessar ao entrevistado. A seguir, o entrevistador deve explicar a finalidade de sua visita, o objetivo da pesquisa, o nome da entidade ou das pessoas que a patrocinam, sua importância para a comunidade ou grupo pesquisado e, particularmente, a importância da colaboração pessoal do entrevistado. Convém, ainda, neste primeiro contato, deixar claro que a entrevista terá caráter estritamente confidencial e que as informações prestadas permanecerão no anonimato.<sup>246</sup>

Ainda no que se refere aos elementos prévios à entrevista, após explanação do objetivo da pesquisa e do estudo motivador, aos entrevistados foram apresentadas duas questões anteriores ao roteiro. Primeiramente foi exposto o termo de consentimento<sup>247</sup> com a participação na pesquisa e com o uso dos dados revelados em conversa. Este termo consiste em três declarações sobre convivência e aceitação voluntária, além de registrar o compromisso de preservação do anonimato do entrevistado. Na sequência dados gerais foram levantados com fins de registro e armazenamento por parte do entrevistador. A saber: Nome completo<sup>248</sup>; ano de nascimento; gênero; cidade de residência; declaração religiosa.

As pesquisas foram realizadas no período de 20 de agosto a 19 de setembro do ano de 2020. Dada a multiplicidade de localização dos entrevistados e em decorrência das limitações impostas pela pandemia da COVID-19, todas as entrevistas foram realizadas virtualmente através de videoconferência. Para tal, foi utilizada a plataforma Zoom, por meio da qual foi gravado o áudio das entrevistas para posterior transcrição. Buscou-se conservar e apresentar o conteúdo levantado na íntegra. No texto transcrito foram feitas apenas duas alterações que

<sup>245</sup> GIL, 1994, p. 115.

<sup>246</sup> GIL, 1994, p. 119.

<sup>247</sup> O termo de consentimento pode ser encontrado em apêndice.

<sup>248</sup> Reforça-se que apesar de registrado em arquivos particulares, o nome dos participantes não deverá ser divulgado sob nenhuma hipótese, e por isso foram suprimidos na presente pesquisa.

devem ser identificadas pelo leitor: Em primeiro lugar, todos os nomes citados foram suprimidos<sup>249</sup>. O nome dos entrevistados foi substituído pelo código *Entrevistado* em caso masculino e *Entrevistada* quando feminino, sempre em itálico. Para diferenciação também foi acrescido um número específico de 1 a 6, respectivamente à ordem de apresentação das transcrições. Outros nomes eventualmente citados foram reduzidos apenas às suas respectivas iniciais maiúsculas, também em itálico. A segunda alteração tem que ver com palavras eventualmente proferidas de baixo calão. As mesmas foram censuradas com o símbolo \*. Ainda nas transcrições, buscando a preservação da fidelidade às palavras do entrevistado, erros gramaticais ou de concordância não foram corrigidos, sendo porém precedidos pela sigla *sic* entre colchetes.

Quanto à amostragem, Flick lista a diversidade de formas manifestadas ao longo de uma pesquisa: Amostragem de casos; grupo de amostragem de casos; amostragem do material; amostragem dentro do material; amostragem da apresentação.<sup>250</sup> Enquanto as duas primeiras se referem à escolha dos participantes, as três últimas se concentram no conteúdo da pesquisa em si. Em anexo podem ser encontrados os termos e o roteiro até aqui mencionados, além das transcrições completas das entrevistas realizadas e utilizadas nesta dissertação.

Para se ter uma amostragem mais precisa de pessoas, um perfil foi previamente definido. Dessa forma, a pesquisa é limitada em seus alcances possibilitando aplicação mais precisa dos dados levantados. Todos os entrevistados deveriam conter duas características principais: (1) Pertencentes à Geração Z e (2) com perfil de religiosidade sem religião. Atendendo à primeira característica, foram recrutados entrevistados nascidos entre os anos 1994-2002, configurando a Gen Z, com idade mínima de 18 anos. Pressupõe-se maior tempo de consideração da filosofia religiosa neste grupo, em detrimento dos nascidos nos anos seguintes (tendo-se em conta o alcance da Gen Z até os nascidos em 2015<sup>251</sup>). Esta limitação etária também acaba por excluir menores de idade, evitando constrangimentos éticos à pesquisa. Para a segunda característica, destacam-se 4 perfis de sem religião a serem abordados 1) *Autodeclarado sem religião*: Perfil convicto, com característica de militância ou liderança em movimentos que defendam a filosofia desinstitucionalizada da igreja; 2) *Religioso adenominacional*: Perfil de cristão convicto, talvez com herança religiosa, praticante assíduo dos ritos e valores da fé, mas que deixou a denominação formal por

---

<sup>249</sup> O único nome não suprimido foi o do entrevistador e autor da pesquisa, em eventual menção por parte do entrevistado.

<sup>250</sup> GIL, 1994, p. 117.

<sup>251</sup> O detalhamento e estudo sobre a abrangência temporal da Gen Z está registrado no tópico 1.3.

frustrações ou desentendimentos diversos; 3) *Religioso em trânsito*: Perfil do cristão com histórico denominacional, mas que está em trânsito buscando melhor adequação à sua fé; 4) *Expectador*: Perfil de religioso não engajado em termos de ações ou filiação. Admirador de valores cristãos e de igrejas do ponto de vista externo, consumindo produto religioso de forma esporádica e especialmente digital.

Quanto ao número de entrevistados, a amostragem foi previamente delimitada entre cinco a oito pessoas. Entendeu-se que dessa forma as entrevistas poderiam ser melhor aproveitadas. Como uma delimitação a mais, os participantes deveriam ser residentes de grandes centros urbanos, onde o movimento sem religião aparece com maior destaque. Acredita-se que estes podem manifestar características mais contundentes da filosofia de fé desinstitucionalizada.

Conhecidas as limitações e aplicações do presente estudo, na sequência, passa-se a apresentar as informações colhidas tanto em busca bibliográfica quanto nas entrevistas realizadas. Atendendo às características supracitadas, esta pesquisa abrange um total de seis entrevistados. Todos foram selecionados a partir de conhecimento prévio do pesquisador, ou por indicação advinda de grupos portadores dos valores da religiosidade desinstitucionalizada.

### 3.2 Fé da nova geração

O estudo da religiosidade da Geração Z revela a barreira da falta de informação. É bem verdade que os últimos anos têm testemunhado o aumento de interesse pela pesquisa no campo geracional, e especificamente deste grupo. Porém, percebe-se que as iniciativas são advindas de demandas relacionadas ao mercado de trabalho, e à aplicação de estratégias de marketing. Assim, ainda é reduzido o estudo geracional voltado especificamente ao fenômeno religioso; especialmente de uma geração mais recente como a Gen Z. Destaca-se ainda, a escassez de pesquisas dedicadas ao cenário brasileiro, o que exige do pesquisador a consideração de estudos internacionais.

As próximas linhas se propõem a contribuir com essa área de estudos, através das características encontradas em pesquisa de campo em comparação com as informações teóricas de estudos estrangeiros.

### 3.2.1 Descobertas de campo

O grande desafio na busca pela compreensão da espiritualidade sem religião é a descentralização característica deste grupo. Aliás, mesmo a palavra *grupo* parece não ser a ideal para se referir a estes, uma vez que não possuem nenhuma forma de conjuntura. Considerando que o ser sem religião, em primeira instância tem que ver com o não pertencer, diferentemente de outras categorias religiosas, o estudo destes não pode buscar os representantes da instituição, estudar uma declaração oficial, ou mesmo selecionar uma congregação como modelo. Por isso, o primeiro ponto que se buscou entender é justamente o que significa declarar-se como sem religião da perspectiva dos assim identificados, na expectativa de encontrar-se algum tipo de padrão.

Nas entrevistas realizadas pôde-se identificar não apenas uma decisão de desligamento denominacional, mas uma visão negativa do mero conceito de institucionalização da fé. Apesar de reforçar seu apreço pelo conteúdo bíblico, o Entrevistado 3 compreende a igreja e a religião como um promotor de divisões e separações. No seu entender, os valores cristãos deveriam causar o efeito oposto.<sup>252</sup> A mesma tônica aparece na resposta da Entrevistada 1. Recorrendo a elementos históricos, ela indica rótulos preconceituosos desde a catequização dos povos negros e indígenas, no princípio da história do Brasil. Por isso, afirma que “a religião [...] trouxe abismos sociais gigantescos” e ser sem religião “é tentar reparar esses abismos”, “é crer que acima da religião existe uma mensagem”.<sup>253</sup> Visão similar à da Entrevistada 2, que amplia a crítica ao cristianismo como um todo. Ela o define como “o sistema de crenças que aprisionava negros em senzalas, e tinham uma desculpa religiosa pra estuprar índios, e realmente enchia o saco dos meus amigos gays”<sup>254</sup>.

Outro ponto recorrente nas repostas é a busca pela liberdade. O Entrevistado 3 considera que ao se declarar sem religião, se coloca em um movimento de autonomia para tomar suas próprias decisões, e buscar seu próprio caminho.<sup>255</sup> A mesma ideia está presente na declaração do Entrevistado 6, que não vê suas crenças e valores se adequando a nenhuma religião formal. Portanto, em sua liberdade de expressão da fé, não entende essa adaptação a

---

<sup>252</sup> ENTREVISTADO 3. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 21 ago. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

<sup>253</sup> ENTREVISTADA 1. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 20 ago. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

<sup>254</sup> ENTREVISTADA 2. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 21 ago. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

<sup>255</sup> ENTREVISTADO 3, 2020, [s.p.].

uma instituição como necessária.<sup>256</sup> O que a Entrevistada 2 vai apontar de maneira mais sistemática, ao dizer que não acredita na intermediação institucional de sua fé. Para ela, ser “sem religião” é: Não há intermediários sacerdotais entre a minha relação e Deus”<sup>257</sup>.

É importante mencionar que apesar das duras críticas, em todas as entrevistas foi possível a percepção de interesse pela espiritualidade. Alguns deles de forma notavelmente acentuada, diga-se ainda. O que pode, entre outros elementos, ser explicado pelo histórico religioso de cada um. Quatro dos entrevistados vieram de uma família religiosa ou já fizeram parte de uma denominação.<sup>258</sup> Os outros dois entrevistados foram educados em um contexto sem religião, porém com marcados valores cristãos.<sup>259</sup> Outra informação importante é que todos consideram que seu status religioso atual é uma reação a experiências anteriores. Inclusive os dois entrevistados que vieram de um contexto denominacional. Porém alguns destacaram que essa reação os levou ao lugar onde estão por ser seguida, ou acompanhada, de uma busca profunda por uma espiritualidade verdadeira. Este dado reforça a influência de frustrações religiosas no crescimento do grupo sem religião. Também ilustra o interesse religioso dos adeptos a esta forma de espiritualidade. Todos os entrevistados relataram algum tipo de contato com religiões formais em busca de entender a melhor forma e local para expressar sua própria fé.

Esta busca também pôde ser percebida em pergunta prévia à entrevista propriamente dita. Para registro de dados gerais, foi perguntado aos entrevistados sobre sua declaração religiosa. Em alguns casos foi notado um certo desconforto na resposta. Como o ocorrido com o Entrevistado 4, que ao ser questionado se posicionou como católico, mas na pergunta seguinte já manifestou sua decisão de adotar o modelo de fé sem religião. O mesmo revelou manter sua declaração denominacional em respeito aos pais, e que sua mudança, no âmbito público, estaria atrelada à independência financeira.<sup>260</sup> Este posicionamento chamou a atenção pelo potencial de representatividade de outros adolescentes da Gen Z, que ainda lidam com a minoridade e com a dependência. Mesmo sem ter criado raízes profundas com qualquer denominação, a Entrevistada 2 também demonstrou dúvidas ao indicar sua religião. Após se declarar como cristã, argumentou que levou mais de dois anos para chegar a essa resposta, por

---

<sup>256</sup> ENTREVISTADO 6. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 02 set. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

<sup>257</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

<sup>258</sup> A saber: Entrevistada 1 (Adventista do Sétimo Dia), Entrevistado 4 (Católico), Entrevistada 5 (Católico / Batista / Presbiteriano), Entrevistado 6 (Adventista do Sétimo Dia).

<sup>259</sup> A saber: Entrevistados 2 e 3.

<sup>260</sup> ENTREVISTADO 4. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 24 ago. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

acreditar que o conceito puro expresso na palavra *cristianismo* já se perdeu há algum tempo.<sup>261</sup> Talvez o caso mais claro do desconforto com o tema seja o da Entrevistada 1. Ao ser questionada sua declaração religiosa sua resposta foi: “Aí tu [sic] pega”... Argumentou que apesar de crescer em uma família denominacional, as frustrações acumuladas com a igreja ao longo dos anos, impediram o desenvolvimento de sua fé. Disse estar em processo de transição, de desligamento da denominação. Até que no decorrer da entrevista mencionou ter decidido, naquele momento, assumir-se como sem religião.<sup>262</sup> Também chama a atenção o fato de que todos se identificam com a filosofia sem religião, mas apenas declara-se dessa maneira o Entrevistado 6. O termo mais usado foi *cristão*, expresso pelos entrevistados 2, 3 e 5. Característica que deve ser levada em consideração por pesquisadores e estatísticos do tema.

No que diz respeito às formas práticas de expressão da fé, o digital aparece como elemento fundamental. Todos os entrevistados disseram consumir produtos religiosos através da internet. Elementos como músicas, leituras, vídeos, opiniões, são alguns dos componentes buscados virtualmente, segundo os relatos. Em especial, a rede social parece ser um importante canal para exposição da fé sem religião. A Entrevistada 5, por exemplo, mencionou o uso do Instagram para compartilhamento da sua fé, na expectativa de eventualmente impactar ou influenciar alguém com busca similar.<sup>263</sup> Dada a significativa relevância do virtual nesta forma de fé, surge a dúvida sobre a possibilidade de uma relação direta entre os dois elementos, onde o digital propicie o ambiente necessário para uma fé individualizada, tornando-se assim um incentivador do crescimento deste grupo. A Entrevistada 1, enxerga essa relação no momento em que a rede social acaba por ser o melhor meio para encontrar outras pessoas nas mais diversas buscas.<sup>264</sup>

Também é digno de nota a influência das igrejas formalizadas mesmo sobre aqueles que manifestam maiores frustrações. Todos os entrevistados que mencionaram contexto familiar denominacional, também apontam a preservação de uma parte dos valores ali defendidos. O Entrevistado 4 disse continuar frequentando reuniões de sua igreja original, ainda que com menor frequência e cercado de múltiplas críticas.<sup>265</sup> Semelhantemente, os

---

<sup>261</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

<sup>262</sup> ENTREVISTADA 1, 2020, [s.p.].

<sup>263</sup> ENTREVISTADA 5. Entrevista concedida a Danny Bergami Bravo. Vila Velha, 19 set. 2020. [Transcrição de vídeo chamada. Íntegra em anexo]. [s.p.].

<sup>264</sup> ENTREVISTADA 1, 2020, [s.p.].

<sup>265</sup> ENTREVISTADO 4, 2020, [s.p.].

entrevistados 5<sup>266</sup> e 6<sup>267</sup> afirmaram seguir buscando um local, através de visitas e tentativas de envolvimento em uma ou outra igreja.

Outra questão que pareceu gerar certa insegurança, tem que ver com os parâmetros para formatação da fé do indivíduo. A partir das respostas se identificou flexibilidade, relativização e o uso de critérios sensoriais. Como já indicado, os entrevistados com histórico religioso parecem partir do quadro de fé defendido pela igreja anteriormente frequentada, e desenvolver sua crença abandonando ou flexibilizando tais valores. O produto religioso consumido através das diferentes mídias, especialmente na internet, igualmente parece contribuir para a formatação da fé. Também foram mencionados diálogos com outros adeptos a essa forma de espiritualidade, além do uso da Bíblia como referencial maior. Mas o elemento presente em todos os relatos é a percepção sensorial. Seja através de formas de contato com o ser divino ou de meros sentimentos pessoais, todos reconhecem considerável volatilidade nos aspectos de sua crença a partir de experiências vividas, impressões ou opiniões. Em alguns casos percebeu-se, inclusive, que o entrevistado não possuía uma posição definida quanto ao tema.

Também chamou a atenção a busca por envolvimento comunitário entre os entrevistados. A Entrevistada 5 atualmente pertence a uma ONG voltada ao assistencialismo e apoio a igrejas. Mas ela mesma atribuiu características institucionais a este grupo, tendo comportamento similar ao de uma denominação.<sup>268</sup> O Entrevistado 3 também mencionou fazer parte de um projeto religioso que tem como objetivo proporcionar experiências similares ao de uma igreja a jovens sem vínculo denominacional.<sup>269</sup> Da mesma forma, a Entrevistada 2 defendeu a importância da comunidade à qual pertence, na expressão e vivência de sua fé. Relatou receber um grupo de pessoas em seu apartamento com repartição de recursos, sustento e ideias. A importância deste grupo é expresso na frase: “Os meus valores são formatados quando eu vejo os frutos deles na comunidade”<sup>270</sup>. Essa informação indica que ser sem religião, não necessariamente significa ser sem comunidade. O sem religião não necessariamente busca uma individualização ou um isolamento religioso. Apesar das críticas e da resistência ao formato institucionalizado da fé, parece haver uma necessidade de pertencimento e coletividade na expressão da espiritualidade.

---

<sup>266</sup> ENTREVISTADA 5, 2020, [s.p.].

<sup>267</sup> ENTREVISTADO 6, 2020, [s.p.].

<sup>268</sup> ENTREVISTADA 5, 2020, [s.p.].

<sup>269</sup> ENTREVISTADO 3, 2020, [s.p.].

<sup>270</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

Essa diferença entre apreço à comunidade e resistência à instituição, fica clara quando se é questionado a possibilidade futura de filiação a alguma denominação que, hipoteticamente, preenchesse os requisitos necessários (sejam quais forem). Na pesquisa, apenas os entrevistados 5 e 6 relataram possibilidades reais de nova filiação a uma denominação. A Entrevistada 2 chegou a mencionar que a espiritualidade institucionalizada "não faz sentido, é uma questão ontológica"<sup>271</sup>. Sua compreensão é de que o cristianismo não pode ser manifesto de maneira sistemática. O Entrevistado 3 relatou interesse em estudos profundos da Bíblia, tendo a mesma como referencial de fé e prática. Mas se viu impedido de estudar com outra pessoa ao notar que o mesmo pertence a alguma denominação. A partir daí, ele percebe mais interesse em recrutamento a uma igreja do que necessariamente o conhecimento da fé cristã.<sup>272</sup>

Assim, apesar de os sem religião formarem um grupo descentralizado e desuniforme, é possível encontrar padrões que caracterizam a diversidade autônoma, com interesses e anseios em comum. Ademais das variações individuais, existem alguns pontos de intersecção que descrevem a religiosidade de uma Geração Z alheia às instituições religiosas. O que deve, então, ser comparado às informações teóricas, levantadas pelo estudo da literatura acerca do tema.

### 3.2.2 Descrições teóricas

Como mencionado, a pesquisa bibliográfica identificou uma sensível lacuna na caracterização da espiritualidade da Gen Z no contexto brasileiro. O que tornou necessário a busca de conteúdo referente a outros países, podendo servir de parâmetro.

Tendo em conta o contexto norte-americano, White apresenta um cenário pessimista ao cristianismo no estudo da Geração Z. Ele afirma que esta é “a primeira geração verdadeiramente pós-cristã, e numericamente a maior”<sup>273</sup>. Para o autor, o cristianismo não se resume a uma declaração religiosa, mas seus valores foram enraizados na cultura daquele país. Ocorre que as últimas gerações iniciaram um movimento de descolamento das duas partes, desenvolvendo uma cultura menos presa aos conceitos cristãos. A Gen Z, portanto, marca o resultado e o ápice desse movimento, inaugurando uma era onde o cristianismo deixa de ser algo cultural e coletivo, passando a se concentrar no quadro de crenças dos que optam

<sup>271</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

<sup>272</sup> ENTREVISTADO 3, 2020, [s.p.].

<sup>273</sup> "The first truly post-Christian generation, and numerically the largest" (tradução livre). WHITE, 2017, p. 11.

por assimilá-lo. Por outro lado, White defende uma geração laica, por assim dizer, mas não menos espiritualizada. A era pós-cristã parece ser aberta a outras formas de espiritualidade. “Nós vivemos em um mundo que é mais aberto do que nunca a coisas espirituais. Não religião definida, perceba, mas espiritualidade. E especificamente, o sobrenatural”<sup>274</sup>. Portanto, para o autor, a Gen Z tem interesse em desenvolver elementos espirituais, mas não está necessariamente buscando fazê-lo dentro dos limites cristãos, muito menos sob a tutela de denominações formais. Esta geração representa um rompimento com essa lógica de interdependência.

Observando o mesmo grupo, uma série de pesquisas realizadas pelo instituto Barna Group parece confirmar a teoria de White. Quase utilizando as mesmas terminologias, a publicação das pesquisas é iniciada com a constatação:

Eles são a primeira geração verdadeiramente “pós-cristã”. Mais do que qualquer outra geração antes deles, a Gen Z não declara uma identidade religiosa. Eles podem ser atraídos a questões espirituais, mas com um ponto inicial vastamente diferente das gerações anteriores, muitas das quais receberam uma educação básica na Bíblia e no cristianismo.<sup>275</sup>

Segundo o instituto, a Gen Z não está apenas abandonando o sistema religioso estabelecido, mas partindo de um lugar onde este já não é unanimidade. Ou seja, a busca por uma espiritualidade não rotulada ou delimitada por uma religião parece ser decorrente dos valores intrínsecos a esta geração, consequência de um mundo já em processo de desvinculação com o cristianismo. Mas o dado que ganha maior destaque nos resultados da pesquisa é o sensível crescimento do ateísmo na nova geração. Enquanto as gerações anteriores somam entre 5-7%, os ateus na Geração Z configuram 13% dos entrevistados. Crescimento apresentado paralelamente ao declínio do cristianismo, que representa a menor porcentagem entre todas as gerações pesquisadas. A tabela abaixo ilustra os resultados encontrados nesta pesquisa.

<sup>274</sup> "We live in a world that is more open than ever to spiritual things. Not defined religion, mind you, but spirituality. And specifically, the supernatural" (tradução livre). WHITE, 2017, p. 133.

<sup>275</sup> "They are the first truly 'post-Christian' generation. More than any other generation before them, Gen Z does not assert a religious identity. They might be drawn to things spiritual, but with a vastly different starting point from previous generations, many of whom received a basic education on the Bible and Christianity" (tradução livre). BARNA GROUP. Atheism Doubles Among Generation Z. *Barna Group*, [s.l.], [s.p.], 24 jan. 2018. [online].

Tabela 6. Identidade Religiosa (EUA - 2018)<sup>276</sup>

	Cristão	Católico	Outra fé	Agnóstico	Ateu	Nenhuma das anteriores
Gen Z	42%	17%	7%	8%	13%	14%
Millennials	44%	21%	5%	8%	7%	15%
Geração X	43%	22%	5%	7%	6%	17%
Baby Boomers	48%	27%	5%	4%	5%	11%
Tradicionalistas	51%	24%	4%	5%	6%	9%

Outro dado de relevância a este estudo levantado pelo instituto Barna, tem que ver com a forma como a Gen Z vê a igreja em si. Embora exista uma percepção positiva por parte dos que frequentam regularmente alguma comunidade, mais da metade dos entrevistados acreditam que o envolvimento com a congregação não é tão importante assim. Apenas 20% deles afirmam que frequentar uma igreja é “muito importante”.<sup>277</sup> Isso indica que inclusive entre os que permanecem com a fé cristã, a forma de expressão da mesma está passando por uma mudança sensível. Para a Gen Z, a prática da fé e a frequência a uma igreja, como comunidade ou como local, não são elementos interdependentes. A pergunta então é: Por quê? O que estaria causando este abandono da frequência aos encontros religiosos? O instituto encontrou respostas diferentes. Os não-cristãos, como já se poderia presumir, afirmam, em maioria, que a igreja lhes parece como algo não relevante do ponto de vista pessoal. O que chama a atenção é o motivo apresentado pelos declarados cristãos, onde 61% dos que não veem a igreja como elemento importante afirmam que podem encontrar Deus em outros lugares. A conclusão do instituto é que “pelo menos algumas igrejas não estão ajudando a favorecer a conexão transformadora dos adolescentes com Deus”<sup>278</sup>.

Apesar de todos estes dados retratarem uma realidade norte-americana, a conclusão parece ir de encontro com as percepções levantadas no cenário brasileiro através das entrevistas realizadas por este estudo e pelo desenvolvimento do grupo sem religião. Conforme apresentado no capítulo 2 deste escrito, o Brasil tem presenciado um descolamento significativo das igrejas formalizadas, especialmente nas gerações mais novas. Nas entrevistas analisadas no tópico 3.2.1, também foram percebidos conceitos que corroboram com as

<sup>276</sup> Adaptado de: BARNA GROUP, 2018, [s.p.].

<sup>277</sup> BARNA GROUP, 2018, [s.p.].

<sup>278</sup> “At least some churches are not helping to facilitate teens’ transformative connection with God” (tradução livre). BARNA GROUP, 2018, [s.p.].

conclusões dos autores estrangeiros. Um bom exemplo dessa sintonia de pensamento está na declaração do Entrevistado 6. Ao ser questionado sobre como seria a igreja perfeita com valores ideais dentro de sua própria perspectiva, sua resposta foi outra pergunta: “Qual é a necessidade da religião para os seres humanos, para o mundo? [...] Eu não vejo necessidade. Pra mim não tem necessidade”<sup>279</sup>.

Assim, o estudo da Geração Z e do movimento sem religião parece apontar para uma crise denominacional, apesar de uma sustentação da espiritualidade. O que leva à necessidade de reconfiguração do papel das instituições religiosas no futuro próximo. Em um mundo pós-cristão, com crescente desfiliação das igrejas em nome de uma fé autônoma, qual seria o papel da religião?

### 3.3 Uma perspectiva do futuro da fé

O mercado de trabalho já reconhece a necessidade de transformação e adaptação. Os profissionais da Gen Z já são uma realidade sem volta, e seus valores precisam ser compreendidos e assimilados. A pergunta que fica é: Teria a religião se apercebido para a mesma transformação? Como a religião institucionalizada tem se adaptado a esse novo cenário da fé? Em seu livro dedicado à compreensão do futuro da igreja, Gibbs faz o alerta: “O que estamos enfrentando, não é uma turbulência de curta duração, mas o despontar de uma nova era”<sup>280</sup>. Para o autor, essa nova forma de expressão da fé não caracteriza um período de crise ou um modismo temporário. Estes dias, na verdade, testemunham a transição para um novo e definitivo modelo de religiosidade. O que poderia chamar-se de *a igreja do século XXI*. Considerando que no quadro religioso, tal qual numa gangorra<sup>281</sup>, o crescimento de uma forma de fé implica na queda de outra, repensar o papel das igrejas formais passa a ser não apenas uma característica de vanguardismo, mas uma questão de sobrevivência.

Para alguns dos pesquisadores do tema, existem características que parecem já consolidadas. Francisco afirma que “a possibilidade de reoptar, de manter uma dupla pertença e mesmo de transitar entre diferentes denominações, cada vez mais caracteriza a experiência religiosa de nossos tempos”<sup>282</sup>. A autonomia do crente parece ser ponto marcante desse novo

<sup>279</sup> ENTREVISTADO 6, 2020, [s.p.].

<sup>280</sup> GIBBS, 2012, p. 82.

<sup>281</sup> HEATON, Tim; RIVERA, Paulo Barrera. A Diversidade Religiosa Brasileira e Suas Dimensões Sociais Segundo o Censo do Ano 2000. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 129-145, 2009. p. 131.

<sup>282</sup> FRANCISCO, 2014, p. 120.

modelo de fé, que exigirá uma nova forma de gerenciamento dos níveis institucionais. Em consequência, Gibbs indica que “as denominações do futuro serão menos unidas e menos centralizadas”<sup>283</sup>. Ou seja, o empoderamento do indivíduo usurpará das autoridades religiosas o poder e domínio, sendo repartido entre os leigos. O enfraquecimento da padronização clerical também culminará na diversificação de compreensões e expressões, tornando a denominação menos uniforme e conseqüentemente menos unificada.

Tendo em conta essa diversidade hierarquicamente descontrolada, Tim Heaton e Rivera indicam que “novos grupos diferentes podem surgir visando atender diferentes consumidores religiosos”<sup>284</sup>. Numa relação de mercado e consumo, oferta e demanda, os diferentes tipos de líderes religiosos deverão passar a buscar atender os interesses diversificados de expressão da fé, o que exigirá o surgimento de modelos plurais objetivando o alinhamento com os interesses do crente. Os autores sugerem inclusive, que estas pessoas de fé múltipla “se sentiriam atraídas a grupos religiosos por causa das características sociais que elas já possuem”<sup>285</sup>. Em outras palavras, a identificação com seus pares poderá ser ponto preponderante na fidelização de um crente a alguma denominação. O que exigirá das instituições uma diversificação de proporções não vistas anteriormente.

Moreira parece ter a mesma visão do novo papel institucional. O pesquisador sintetiza as características até aqui mencionadas, com as seguintes palavras:

O futuro aponta para uma sociedade com pluralidade de ofertas religiosas, provavelmente sem uma instituição que detenha o poder simbólico para estabelecer sozinha uma hierarquia sobre as demais ou para servir de ancoragem hegemônica no campo religioso.<sup>286</sup>

Diversidade e descentralização parecem ser as palavras de ordem nas previsões dos estudiosos do tema. O problema, do ponto de vista institucional, é que estas características não só configuram demandas inéditas, como também parecem entrar em oposição direta com o mero propósito de existência das mesmas. De maneira franca, tendo em vista o cenário até aqui descrito, Danner apresenta uma sugestão de como devem atuar as igrejas formais em busca de sobrevivência na nova realidade:

É claro que as instituições religiosas não precisariam ceder em tudo e abandonar toda a sua autoridade no que tange à legitimação do credo e à inculcação deste junto ao público de crentes e de não crentes. Mas elas poderiam ser sensíveis ao fato de

<sup>283</sup> GIBBS, 2012, p. 83.

<sup>284</sup> HEATON; RIVERA, 2009, p. 139.

<sup>285</sup> HEATON; RIVERA, 2009, p. 133.

<sup>286</sup> MOREIRA, 2008, p. 74.

que o mundo contemporâneo, por ser extremamente pluralista e individualista, simplesmente não pode mais ser enquadrado de maneira simplista dentro de um modelo de socialização e de subjetivação calcado na autoridade interna da instituição religiosa tanto em termos de legitimação do credo quanto no que se refere à inculcação desse mesmo credo aos indivíduos e grupos sociais.<sup>287</sup>

As sugestões de Danner para o futuro da religião, podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) Diminuição do controle sobre gênero e sexualidade;<sup>288</sup> (2) abdicação da legislação monopolizada do credo;<sup>289</sup> (3) tratamento pessoal igualitário, não condicionado a escolhas e conduta.<sup>290</sup> Para o autor, ações como estas manteriam a relevância da instituição religiosa em um contexto heterogêneo como o atual, sem diluir por completo o poder e autoridade inerentes à sua existência. Conceitos que podem ser resumidos em autonomia e liberdade. Apesar de apresentar outras implicações práticas, Gibbs parece concordar com o conceito geral quando afirma que na nova realidade as “pessoas devem estar livres para tomar suas próprias decisões e carregar a responsabilidade do curso da ação à qual se comprometem”<sup>291</sup>. Para o autor, a autonomia quase que inevitavelmente a ser concedida pelas igrejas implica não apenas na liberdade de tomar as próprias decisões, mas também na responsabilidade pelas consequências geradas. Sua proposta é uma inversão da lógica institucional. A igreja não deve se configurar como uma cadeia de comando, mas como uma rede de apoio. “Hierarquias denominacionais precisam reconhecer que as igrejas não existem para apoiá-las, elas existem para facilitar as igrejas locais”<sup>292</sup>. Para Gibbs, o futuro está na valorização da comunidade local, tendo a instituição como um aglutinador, não um fim em si mesmo.

Outra característica dessa nova realidade da espiritualidade é o que Moreira vai chamar de “mídiação da religião e da experiência religiosa”. Segundo ele, em sua variedade de formas, a mídia “já é a maior fonte de informações sobre a religião”.<sup>293</sup> Realidade que também foi confirmada nas entrevistas realizadas neste estudo, conforme apontado no tópico 3.2.1. Identificou-se que na fé autônoma, especialmente as mídias sociais, abrigam a maior parte do consumo religioso e das manifestações da crença. Parece ser natural concluir, portanto, que a igreja do século XXI deverá aprender a se comunicar, especialmente com a nova geração, através da internet e dos meios tecnológicos.

---

<sup>287</sup> DANNER, 2018, p. 99.

<sup>288</sup> DANNER, 2018, p. 88.

<sup>289</sup> DANNER, 2018, p. 100.

<sup>290</sup> DANNER, 2018, p. 112.

<sup>291</sup> GIBBS, 2012, p. 87.

<sup>292</sup> GIBBS, 2012, p. 278.

<sup>293</sup> MOREIRA, 2008, p. 73.

Nas referidas entrevistas, também buscou-se provocar sugestões dos entrevistados às instituições formais. Afinal, a grande pergunta é: O que a Gen Z, adepta ao movimento sem religião, pensa, espera e sugere às igrejas cristãs formalizadas? Ao serem questionados sobre como descreveriam a igreja ideal do século XXI, a primeira reação que pôde ser observada foi a de dúvida, não tanto com relação à apresentação das características em si, mas com relação à necessidade da mesma. Para alguns dos entrevistados, a igreja ideal talvez seria o não haver uma igreja no sentido institucional do termo. O Entrevistado 6 foi o que demonstrou maior dificuldade na resposta a essa pergunta por crer que não há verdadeira necessidade de existência da instituição. Segundo ele, “Deus fala na Bíblia, que existe a igreja dele e não a religião dele”<sup>294</sup>. Portanto, seu conceito de religiosidade se exprime em total liberdade para que cada indivíduo desenvolva seu próprio sistema de crenças. Qualquer forma de institucionalização seria um impedimento para a autonomia do crente.

A Entrevistada 2 apresenta o mesmo conceito. Para ela, a institucionalização não só é uma fuga da filosofia original do cristianismo, como também acaba por gerar “confusão, corrupção, ganância [e] política”, por isso afirma: “Não faz sentido”.<sup>295</sup> A entrevistada também aponta problemas na profissionalização da espiritualidade. Argumenta que o modelo clerical de religiosidade tira do membro a prática da fé em si, uma vez que o líder religioso passa a ser pago para realizar os ritos em seu lugar. Em outras palavras, a institucionalização da fé resulta em uma terceirização da espiritualidade. Para a Entrevistada 2 a formalização da igreja não traz nenhuma contribuição para o desenvolvimento da crença, por isso afirma que “o único sentido de você [...] agrupar gente, e recursos, no CNPJ [...] é distribuir esses recursos aos órfãos e viúvas”<sup>296</sup>. A mesma destaca a importância do assistencialismo como parte dos valores cristãos, e por isso crê que como em uma espécie de ONG, a única vantagem da institucionalização seria a captação de recursos humanos e materiais para a prática do que afirma ser a religião não maculada.

Apesar de também expressarem dúvidas quanto à necessidade da religião formal, os entrevistados 1, 3 e 4 apresentaram os problemas que identificam no cenário religioso atual. O Entrevistado 4 demonstrou frustrações com hipocrisia na igreja da qual fez parte durante toda sua vida. Deu ênfase ao assistencialismo como uma forma de amor ao próximo, que acredita ser defendido mas não praticado pelas igrejas. Também condenou o uso indevido do dinheiro

---

<sup>294</sup> ENTREVISTADO 6, 2020, [s.p.].

<sup>295</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

<sup>296</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

arrecadado e defendeu uma igreja mais humana.<sup>297</sup> O Entrevistado 3 deseja conhecer uma igreja mais humilde. Segundo ele, as igrejas são ávidas na condenação e julgamento das pessoas por, de alguma forma, se considerarem superiores aos não adeptos ou dissidentes. O mesmo sugere que as igrejas reconheçam que também estão em processo de crescimento e desenvolvimento, e por isso proponham uma caminhada evolutiva conjunta. Sua ênfase deixa claro que o problema não está nos erros cometidos pela igreja em si, mas na dificuldade de uma clara e sincera autocrítica, no reconhecimento de sua falibilidade. Ainda no mérito da humildade, o Entrevistado 3 vê incômoda presunção das instituições religiosas na pretensa autoridade para legislar a vontade de Deus. Ele diz: "As religiões devem parar de tomar decisões como se elas fossem Deus"<sup>298</sup>. Argumenta que ninguém pode ter acesso pleno à verdade divina, reconhecimento que deve justamente levar à humildade no seu sistema operacional. Outro problema apontado foi a falta de interesse nas pessoas em si. Do seu ponto de vista, as igrejas buscam ganhar novos adeptos, e não necessariamente proporcionar uma transformação para o crescimento individual. Ou seja, o interesse está na sustentação do sistema, em detrimento das vidas envolvidas.

Para a Entrevistada 1, a grande contribuição da religião seria o fim de uma opressão, muitas vezes causada por ela mesma. Ela diz que "se fosse para ter uma igreja, seria o papel de libertação da culpa". Segundo a entrevistada, essa culpa se refere a duas esferas: A primeira tem uma dimensão espiritual e emocional. Ela afirma que muitas vezes as religiões usam a culpa como argumento de manobra: "As igrejas primeiro te culpabilizam do que está acontecendo na sua vida, para depois te dizerem que têm uma resposta, que essa solução, que essa resposta está em Deus"<sup>299</sup>. Corroborando com a crítica apresentada pelo Entrevistado 3, o grande interesse institucional está no crescimento do número de adeptos, por isso a imposição do conceito "você está devendo algo", faz com que as pessoas se filiem, mas não gera a paz que a religião deveria proporcionar. Para a Entrevistada 1, a igreja do século XXI deveria romper com esse modelo, oferecendo uma experiência de mais aceitação e inclusão. A segunda esfera da culpa mencionada possui dimensões políticas e sociais. A entrevistada afirma:

O papel para mim da religião principal, seria a libertação ideológica e política das pessoas. A união do povo. A união da humanidade. E a queda do capital. Tratarmos

---

<sup>297</sup> ENTREVISTADO 4, 2020, [s.p.].

<sup>298</sup> ENTREVISTADO 3, 2020, [s.p.].

<sup>299</sup> ENTREVISTADA 1, 2020, [s.p.].

uns aos outros como o mesmo povo. Romper as barreiras separatistas. Trazer a libertação dessa escravidão que a gente vive pro capital.<sup>300</sup>

Apesar de suas críticas à institucionalização, a mesma acredita tanto nesse ideal de reconciliação social e política que encerrou sua resposta afirmando: “Se tiver uma igreja assim no futuro, pode ter certeza que até pregar nela eu prego”<sup>301</sup>.

A Entrevistada 5 parece ser a mais aberta ao conceito institucional dentre os entrevistados. Ao longo da entrevista, repetidas vezes destacou não apenas seu carinho pela experiência de igreja, mas sua crença de esta ser parte fundamental da religiosidade. Apesar de não esconder suas frustrações, que a levaram a uma fé mais autônoma, continua buscando um lugar onde possa pertencer. Por isso, afirma que a igreja ideal deve ser “um lugar para todos”<sup>302</sup>. A mesma valoriza a possibilidade de contribuição em diferentes áreas da igreja através do trabalho voluntário, por isso defende uma igreja mais aberta à colaboração dos seus adeptos e simpatizantes, argumentando que é esta confiança depositada que poderá formar a fé de novos crentes. “Acho que a igreja espera pessoas já [...] formadas, esculpidas e não um bloco inteiro, sabe? Acho que ali seria o local onde as pessoas seriam esculpidas”<sup>303</sup>. A igreja, na sua visão, seria o celeiro não só para novos fieis, mas para pessoas melhores. Mas isso só será possível em uma igreja mais aberta e inclusiva. A Entrevistada 5 também ressaltou a importância da tolerância às diferentes opiniões. A mesma entende que a religião possui suas crenças e que essas não devem ser negociadas, mas esta firmeza não deve afetar o amor e aceitação, mesmo aos que optam por viver uma conduta diferente.

Em suma, nas entrevistas realizadas, este estudo pôde identificar as seguintes como principais barreiras entre os fieis autônomos da Gen Z, e as igrejas estabelecidas: Falta de liberdade; monopólio do exercício e legislação da fé; interesses financeiros acima dos espirituais; questões relativas à sexualidade<sup>304</sup>; hipocrisia e incoerência entre discurso e prática; arrogância espiritual e opressão moral e emocional. Por outro lado, este estudo também identificou que a religiosidade defendida pelos fieis autônomos da Gen Z tem como características: Respeito à autonomia de cada crente; aceitação e acolhimento ainda que em discordância; valorização de pessoas acima de números e metas; forte relevância social

<sup>300</sup> ENTREVISTADA 1, 2020, [s.p.].

<sup>301</sup> ENTREVISTADA 1, 2020, [s.p.].

<sup>302</sup> ENTREVISTADA 5, 2020, [s.p.].

<sup>303</sup> ENTREVISTADA 5, 2020, [s.p.].

<sup>304</sup> Nas entrevistas realizadas, as questões relativas à homossexualidade destacaram-se entre os principais fatores para o abandono ou não filiação às religiões. Dos seis entrevistados, quatro criticaram a maneira como as religiões tratam os homossexuais; sendo que dois deles (entrevistados 5 e 6), declaradamente homossexuais, tiveram esse fator como decisivo para seu afastamento.

(questões políticas, sociais, e assistenciais); democratização da autoridade teológica e mensagem centrada na pessoa de Cristo.

Gibbs afirma que “em uma sociedade secular que individualiza e privatiza a fé, cristãos confessos se iludem ao pensar que podem sobreviver sozinhos”<sup>305</sup>. Russell Burill concorda quando coloca que “é impossível ser cristão e não estar envolvido em uma comunidade”<sup>306</sup>. Este estudo constatou que os crentes autônomos, apesar de orgulhosamente independentes, não estão buscando isolamento pleno. Alinhando-se com os dois autores mencionados, percebeu-se que os cristãos sem religião da Gen Z continuam em busca de pertencimento e envolvimento com comunidades menores. Usando as palavras da Entrevistada 2, a crise começa quando envolve o “CNPJ”<sup>307</sup>, e todas as suas sistematizações decorrentes.

De uma ótica mais teológica, Burill defende que “não há cristianismo fora da comunidade”, mas isso não significa “simplesmente ser membro da igreja ou mesmo frequentar a igreja. Envolvimento na comunidade significa viver em mútua dependência de outros cristãos”<sup>308</sup>. Se esta ideia for relacionada à afirmação de Gibbs de que “as pessoas tendem a continuar na base sobre a qual vieram pela primeira vez”<sup>309</sup>, passa a ser responsabilidade das religiões estabelecidas repensar sua contribuição ao desenvolvimento da fé partindo de um novo contexto vivido pela Geração Z. Como coloca Crawford, “é difícil prever o futuro da religião”<sup>310</sup> em um cenário tão plural e inédito como este. Mas a boa notícia para as instituições que procuram se adaptar e sobreviver no século XXI, é que a religiosidade Z ainda está em formação, e buscando um lugar onde possa se encontrar e chamar de seu.

---

<sup>305</sup> GIBBS, 2012, p. 231.

<sup>306</sup> BURILL, Russell. *Como Reavivar a Igreja do Século 21: O poder transformador dos pequenos grupos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 21.

<sup>307</sup> ENTREVISTADA 2, 2020, [s.p.].

<sup>308</sup> BURILL, 2005, p. 30.

<sup>309</sup> GIBBS, 2012, p. 61.

<sup>310</sup> CRAWFORD, 2005, p. 221.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar dois campos de estudo distintos, sob a prerrogativa de encontrar pontos de interesse em comum. Identificou-se uma lacuna nos estudos realizados, indicando que os dados apresentados e as conclusões desse estudo podem ser relevantes para a comunidade acadêmica. Após consideração de análises teóricas e comparação com resultados levantados em campo, este estudo conclui que existe uma relação direta entre a forma de envolvimento com a religiosidade da Geração Z e os valores defendidos pelo emergente grupo de expressão de fé sem religião. Esta não deve ser entendida como uma relação de causa e efeito. Também parece ser especulativo propor a influência de um sobre o outro. A conclusão é de que os dois grupos, ainda que de forma independente, buscam os mesmos interesses, sendo neste ponto o local de encontro das duas esferas.

Algumas dessas características em comum podem ser mencionadas como principais exemplos desta congruência: a internet parece marcar o ponto de encontro *geográfico* destes. Enquanto a Gen Z vive em um mundo *digital*, os sem religião têm as mídias sociais como seu local de consumo e manifestação religiosa. O mesmo acontece em outros elementos menos concretos: enquanto a Gen Z foge de rótulos e padrões pré-estabelecidos personalizando cada aspecto possível, a filosofia sem religião propõe uma religiosidade autônoma e privatizada, onde o fiel tem o direito e dever de formatar seu próprio sistema de crenças. Enquanto a Gen Z valoriza empresas e entidades que defendam causas sociais por reconhecer os problemas que o mundo enfrenta, os sem religião buscam uma fé mais atuante no agora, são atraídos por uma mensagem de relevância às questões sociais, defendendo uma religião que contribui para uma comunidade melhor. Enquanto a Gen Z desenvolve habilidades para aprender a fazer quase tudo de forma individual, sem tutores ou professores, o movimento sem religião não acredita na relevância de líderes religiosos que possam intermediar o contato do fiel com o divino. Enquanto a Gen Z tem abandonado uma cultura cristã historicamente estabelecida buscando relações independentes com Deus, o fenômeno sem religião tem abandonando uma cultura cristã historicamente estabelecida buscando relações independentes com Deus.

Este estudo chega então à conclusão de que a Geração Z e o movimento sem religião falam a mesma língua. Como desdobramento prático, este estudo também conclui que as igrejas já estabelecidas, em busca de sobrevivência nesse cenário em mutação, precisarão se adaptar às novas demandas, revendo suas formas de controle e de relação com seus filiados. Afinal, como se pode concluir, a religiosidade Z não se resume a uma questão etária apenas, mas representa uma progressão cultural, apontando a maneira como a sociedade passará se

relacionar com as questões religiosas. Cabe agora observar se em paralelo à religiosidade Z em desenvolvimento, passarão a existir as *igrejas Z* mantendo sua influência e relevância sobre os *religiosos Z*.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Dani. Millennials: uma comparação com a Geração X. *Mind Miners*, [s.l.], [s.p.], 05 set. 2017. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/millennials-uma-comparacao-com-a-geracao-x/>. Acesso em: 19 set. 2019.
- BARNA GROUP. Atheism Doubles Among Generation Z. *Barna Group*, [s.l.], [s.p.], 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/>. Acesso em: 17 out. 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOMILCAR, Nelson. *Os Sem Igreja: Buscando caminhos de esperança na experiência comunitária*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BROOKS, David. The Outsourced Brain. *The New York Times*, New York, [s.p.], 26 out. 2007. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/10/26/opinion/26brooks.html>. Acesso em: 19 set. 2019.
- BURILL, Russell. *Como Reavivar a Igreja do Século 21: O poder transformador dos pequenos grupos*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: Polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- \_\_\_\_\_. Os “Sem Religião” no Brasil: Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 55-70, 2017.
- CAPUTO, John D. *On Religion*. New York: Routledge, 2001.
- CARR, Nicholas G. *A Geração Superficial: O que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CORTELLA, Mario Sérgio. Z: Geração do Agora. [Entrevista concedida a] *Núcleo Ativo Digital [YouTube]*, 23 nov. 2014 (0min 51s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ssl5VXD\\_X5I&t=51s](https://www.youtube.com/watch?v=ssl5VXD_X5I&t=51s). Acesso em: 19 set. 2019.
- CRAWFORD, Robert. *O Que É Religião?*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DANNER, Leno Francisco. Religiões Institucionalizadas e Universalistas e o Mundo Contemporâneo: Quatro desafios – reflexões a partir da Igreja Católica. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 1, p. 85-120, 2018.
- DAWSON, Christopher. *Religion and Culture*. California: Sheed & Ward, 1948.

DICIONÁRIO de Sociologia. São Paulo: Paulus, 2005.

DICIONÁRIO Geral das Ciências Humanas. Lisboa: Edições 70, 1984.

DORNELES, Vanderlei (org.). *Mundo Virtual: Riscos e oportunidades das novas tecnologias*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

EFE. As marcas da Geração X. *Gazeta do Povo*, [s.l.], [s.p.], 28 out. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/as-marcas-da-geracao-x-a54d194596qku5y2a90gu9qm/>. Acesso em: 19 set. 2019.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EWENS, Hannah. O que vai acontecer quando os millennials crescerem?. *Vice*, [s.l.], [s.p.], 17 out. 2016. Disponível em: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/kbe9av/futuro-dos-millennials](https://www.vice.com/pt_br/article/kbe9av/futuro-dos-millennials). Acesso em: 19 set. 2019.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (FAMECOS) - PUCRS. *Projeto 18/34: Ideias e Aspirações do Jovem Brasileiro sobre Conceitos de Família*. PUCRS, Porto Alegre, [s.p.], [s.d.]. pdf. Disponível em: <http://estaticog1.globo.com/2015/10/30/Apresentacao-Pesquisa-Familia-EE-2015.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

FEITOSA, Darlyson. *Hiper-religiosidade Contemporânea*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

FELIX, Fabíola Angarten. *Juventude e Estilo de Vida: Cultura de consumo, lazer e mídia*. Campinas: Unicamp, 2003.

FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCISCO, Adilson José. *Trânsitos Religiosos, Cultura e Mídia: A expansão neopentecostal*. São Paulo: Paulus, 2014.

FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco de. Imperativos de Conduta Juvenil no Século XXI: A “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, 2008.

GAVA, Adriana Silva Fleischmann. *A Religiosidade do Jovem Contemporâneo: Significados e interpretações*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2013.

GIACOMINI-FILHO, Gino; MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e Ateísmo: A alternativa do espaço virtual. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 2, p. 13-29, 2015.

GIBBS, Eddie. *Para Onde Vai a Igreja: Mudanças na maneira de conduzir ministérios*. Curitiba: Esperança, 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Ariane; FASSONI, Klênia; DIAS, Lissânder; BONTEMPO, Marcos. Desigrejismo: “Anomalia” ou opção?. *Revista Ultimato*, Viçosa, a. 51, n. 374, p. 42-46, 2018.

GREENFIELD, Susan. Nativos digitais podem estar perdendo suas capacidades cerebrais. *Fronteiras do Pensamento*, [s.l.], [s.p.], 12 jan. 2014. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/nativos-digitais-podem-estar-perdendo-capacidades-cerebrais>. Acesso em: 26 set. 2019.

HEATON, Tim; RIVERA, Paulo Barrera. A Diversidade Religiosa Brasileira e Suas Dimensões Sociais Segundo o Censo do Ano 2000. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 129-145, 2009.

HOROVITZ, Bruce. After Gen X, Millennials, what should next generation be?. *ABC News*, [s.l.], [s.p.], 04 mai. 2012. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Business/gen-millennials-generation/story?id=16275187>. Acesso em: 12 out. 2017.

IBOPE Inteligência. 60% da população da capital paulista é católica. *IBOPE Inteligência*, São Paulo, [s.p.], 22 jul. 2013. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/60-da-populacao-da-capital-paulista-e-catolica>. Acesso em: 12 dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KIMBALL, Dan. *Eles Gostam de Jesus Mas Não da Igreja: Insights das gerações emergentes sobre a igreja*. São Paulo: Vida, 2011.

KOULOPOULOS, Tom; KELDSEN, Dan. *The Gen Z Effect: The six forces shaping the future of business*. New York: Bibliomotion Inc., 2014. *E-book*.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da Cultura Liberal: Ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MALTA, Magno; BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata*. Brasília: Edições Técnicas, 2009.

MARINO, Caroline. Dossiê Geração Z. *Você RH*, São Paulo, ed. 65, p. 23-35, dez. 2019/jan. 2020.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo: Juventude e religião. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-273, 2005.

MARTINS, Rafael Malisani. *Conflito Geracional e a Identidade dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia: Negação ou reconstrução da identidade adventista por parte dos jovens*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

MEISTER, Jeanne. The Future of Work: Job hopping is the 'new normal' for Millennials. *Forbes*, [s.l.], [s.p.], ago. 2012. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/jeannemeister/2012/08/14/the-future-of-work-job-hopping-is-the-new-normal-for-millennials/#e33f55f13b8e>. Acesso em: 19 set. 2019.

METAMORFOSE ambulante. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas. *In*: KRIGHA, BANDOLO! Intérprete: Raul Seixas. Rio de Janeiro: Philips Records, 1 disco sonoro, lado A, faixa 3.

MITRA, Sugata. Build a School in the Cloud. *TED*, Long Beach, [s.p.], fev. 2013. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/sugata\\_mitra\\_build\\_a\\_school\\_in\\_the\\_cloud#t-13381](https://www.ted.com/talks/sugata_mitra_build_a_school_in_the_cloud#t-13381). Acesso em: 19 set. 2019.

MOREIRA, Alberto da Silva. O Deslocamento do Religioso na Sociedade Contemporânea. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, a. 22, n. 34, p. 70-83, 2008.

MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO, XVI, 2016, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: Programa de Pós-graduação em Administração – UCS, 2016.

NICHOLSON, Christie. Generation X Loyal to Religion Than Previous Generation. *Scientific American*, [s.l.], [s.p.], 28 ago. 2010. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/podcast/episode/generation-x-more-loyal-to-religion-10-08-28/>. Acesso em: 19 set. 2019.

NOVAES, Allan. O Jovem na Literatura Acadêmica: Elementos para um estudo da arte dos estudos da juventude. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 246-257, 2018.

NOVAES, Regina. Os Jovens “Sem Religião”: Ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Teologia e Integridade*. Vitória: Unida; RELEP; FTL, 2018.

OLIVEIRA, Sidnei. Geração Y: O que os jovens mais precisam nesse momento é de mentores. [Entrevista concedida a] OLIVEIRA, Julyana. *Época Negócios*, [s.l.], [s.p.], 19 mai. 2015. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Carreira/noticia/2015/05/geracao-y-o-que-os-jovens-mais-precisam-nesse-momento-e-de-mentores.html>. Acesso em: 13 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Gerações: Encontros, desencontros e novas perspectivas*. São Paulo: Integrare, 2016.

\_\_\_\_\_. O Efeito “Geração Millennials”: Fim do pensamento complexo. *Exame*, [s.l.], [s.p.], 01 nov. 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/sidnei-oliveira/o-efeito-geracao-millennials-parte-1/>. Acesso em: 19 set. 2019.

PAIS, José Machado. A Construção Sociológica da Juventude: Alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. XXV, p. 139-165, 1990.

PERETTI, Clélia; NOGOSEKE, Elizabet Terezinha Castaman. *Jovens Evangelizando Jovens: Uma experiência de protagonismo juvenil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

PICHONELLI, Matheus. Ansiosa, Geração Z Quer Acabar com #TBT e Ter Direito ao Esquecimento. *Tab*, [s.l.], [s.p.], 16 abr. 2019. Disponível em: [//tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/16/quem-tem-medo-da-geracao-z.htm](http://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/16/quem-tem-medo-da-geracao-z.htm). Acesso em: 17 abr. 2019.

RAMOS, Vlademir Lucio. Religião e Juventude: Entre a felicidade social e a felicidade privada. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 41, 2011.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Um Olhar sobre o Atual Cenário Religioso Brasileiro: Possibilidades e limites para o pluralismo. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 2, p. 53-71, 2013.

RIO, Vívian; ANDRADE, Lucymara Alves de; BUSSO, Fábio. A Capacidade de Concentração nos Multi Task. *Centro de Pesquisa e Desenvolvimento e Educação Continuada*, Campinas, [s.p.], [s.d.]. Disponível em: <http://gerenciamentodotempo.com.br/a-capacidade-de-concentracao-nos-multi-task-2/>. Acesso em: 19 set. 2019.

RIVERA, Paulo Barrera. Os “Sem Religião” na Periferia Urbana da América Latina. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 91-110, 2017.

SANCHOTENE, Samuel. A Religião *On-line* na Pós-modernidade. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 25, n. 41, p. 167-184, 2011.

STILLMAN, David; STILLMAN, Jonah. *Gen Z @ Work: How the next generation is transforming the workplace*. New York: Harper Business, 2017. *E-book*.

THE NEW OXFORD AMERICAN DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 2010.

VIANA, Artur. Geração dos Millennials: Onde vivem, como pensam, como compram e como vendem. *Outbound Marketing*, [s.l.], [s.p.], 2017. Disponível em: <https://outboundmarketing.com.br/geracao-dos-millennials/>. Acesso em: 19 set. 2019.

WHITE, James Emery. *Meet the Generation Z: Understanding and reaching the new post-christian world*. Grand Rapids: Baker Books, 2017. *E-book*.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

## QUESTIONÁRIO

1. As pesquisas de Censo no Brasil têm mostrado um significativo crescimento dos adeptos à espiritualidade sem religião. Existe inclusive uma expectativa que este grupo cresça ainda mais nos próximos anos. Porém por ser um grupo plenamente descentralizado, a compreensão desta filosofia se torna um desafio. Assim, o que significa, da sua perspectiva, ser sem religião? Quais os impactos dessa autodeclaração na sua expressão da fé?
2. O que te levou a se declarar como sem religião? O que você acredita expressar a partir dessa autodefinição? Também, qual o seu histórico religioso? Você vem de um contexto familiar ou pessoal denominacional? Você entende sua visão atual como uma reação a uma experiência anterior ou como o resultado de uma busca intencional?
3. Como se expressa a fé desfilada de uma igreja? Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade? Como você consome produto de cunho religioso? Como você formata os valores que constituem a sua fé?
4. Como você projeta sua religiosidade de uma perspectiva futura? Você se vê, sob alguma condição, na possibilidade de filiação a alguma igreja? De forma hipotética, você procuraria desenvolver em seus filhos valores cristãos e/ou eclesiásticos? Você considera seu status religioso atual como temporário ou *definitivo*?
5. Da sua perspectiva, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Quais são as características que deveriam ser mudadas nas igrejas (tanto no sentido de desenvolver quanto abdicar)? Como você descreveria a igreja do século XXI?
6. Dúvidas ou considerações finais.

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÃO

### TERMO A SER DECLARADO PELO ENTREVISTADO

1. Confirmo que entendi as informações sobre a participação na entrevista e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.
2. Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar de dar explicações, e sem que meus direitos legais sejam afetados.
3. Concordo em participar da entrevista, e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.



## ANEXOS

## ANEXO A - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADA 1

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 20 de agosto de 2020, via plataforma Zoom

00:00:04

*Entrevistador:* Primeiro eu vou te passar termo de autorização, tá? Então eu vou te fazer três perguntas. Eu vou ler elas aqui, porque é mais burocrático mesmo. Na primeira delas: Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista, e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:27

*Entrevistada 1:* Confirmando.

00:00:29

*Entrevistador:* Segundo: Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:00:41

*Entrevistada 1:* Ok. Entendo. Confirmando.

00:00:43

*Entrevistador:* Terceiro e último: Concordo em participar da entrevista e permito o uso e divulgação dos dados, por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:00:51

*Entrevistada 1:* Ok. Entendo. Confirmando.

00:00:55

*Entrevistador:* Beleza, muito obrigado. Agora vou te perguntar dados gerais, pra gente poder entrar... Primeiro o seu nome completo.

00:01:01

*Entrevistada 1:* Me chamo *Entrevistada 1*.

00:01:14

*Entrevistador:* Seu ano de nascimento.

00:01:28

*Entrevistada 1:* 1994.

00:01:36

*Entrevistador:* Seu gênero declarante. Também é uma pergunta importante da gente fazer...

00:01:39

*Entrevistada 1:* Feminino.

00:02:03

*Entrevistador:* Cidade de residência.

00:02:03

*Entrevistada 1:* Caxias do Sul, Rio Grande do Sul.

00:02:15

*Entrevistador:* Sua declaração religiosa.

00:02:20

*Entrevistada 1:* Aí tu [sic] pega...

00:02:20

*Entrevistador:* Num formulário, quando perguntam tua religião, como você responde?

00:02:23

*Entrevistada 1:* Adventista.

00:02:27

*Entrevistador:* Por que que você diria... Vou fazer uma pergunta prévia, então. Por que que você diria que aí pega coisa? Quê que dá a incerteza na resposta?

00:02:37

*Entrevistada 1:* Porque eu cresci em berço adventista. Eu decidi, quando criança, me batizar na Igreja Adventista. Eu segui os preceitos da igreja. Porém, eu tenho um sentimento com a igreja muito... Que briga muito dentro de mim, porque muitas das... Dos sentimentos de mágoa comigo mesma, e de acusação que a igreja faz assim, de exigências e acusações. Elas não me permitem ver imagem de Cristo, ver Cristo no meu cotidiano. Elas... Elas meio que me afastam desse Cristo que eu tanto amo, que eu tanto gosto.

00:03:23

*Entrevistador:* Mas você ainda se declara adventista?

00:03:26

*Entrevistada 1:* Se eu fosse responder um formulário, eu não responderia "sem religião". Eu colocaria adventista.

00:03:34

*Entrevistador:* Tá. Entendi.

00:03:35

*Entrevistada 1:* Você falou, se eu fosse responder um formulário... Aí eu respondi. Se fosse responder um formulário, seria adventista.

00:03:41

*Entrevistador:* Então agora eu vou entrar nas perguntas em si. Como eu mencionei são perguntas bem abertas. São só cinco perguntas, mas bem abertas para você poder discorrer sobre... Eu não sei se você, alguma vez, já leu sobre, já viu pesquisas sobre... Mas as últimas pesquisas de Censo do Brasil, elas têm mostrado aí um crescimento significativo dos declarantes como sem religião. A gente tem na verdade, uma projeção... Uma progressão já desde... Do século passado e a partir, principalmente, da década de 90, esse número aparece como digno de estudo. Tamanha é... O quanto ele chama a atenção. Ele tá hoje, o sem religião, por mais irônico possa parecer, ele é a terceira maior religião do Brasil. Então vem num crescimento bastante grande. Porém, por ser um grupo plenamente descentralizado, a compreensão dessa filosofia não é tão simples assim. Assim, o que eu te pergunto é: Da sua perspectiva, o que significa ser sem religião? E quais são os impactos dessa declaração... Que até você falou tá nessa... Talvez numa transição, digamos assim. Quais são os impactos dessa declaração na sua expressão de fé?

00:05:03

*Entrevistada 1:* Então, repete pra mim, só o ponto de resposta, ali, tipo...

00:05:09

*Entrevistador:* São duas perguntas: O que significa na sua compreensão, ser sem religião? E quais são os impactos dessa declaração na sua forma de expressar a fé? Qual o impacto disso?

00:05:24

*Entrevistada 1:* Pra mim a questão de ser sem religião, ela vem algum tempo, já no sentido de que eu não sigo... Não estava mais frequentando a igreja. Porém os princípios da igreja que foram ensinados, isso é uma coisa que aí fico... Me encasqueta assim, porque... Tá, tem esse movimento sem religião. Ok. Mas eles... De onde ele surge, né? Porque a maioria das pessoas que se dizem sem religião, elas já passaram talvez, por alguma religião. Não sei. Já estou fugindo da pergunta, mas o que é se declarar sem religião, né? É difícil... Eu acho que é crer que acima da religião existe uma mensagem... Uma mensagem que é barrada, muitas vezes por esses preceitos religiosos, por esses dogmas e doutrinas da religião, que afastam muitas pessoas de olhar para o próximo, de se humanizar... Eu acho que a igreja, ela... Desde a catequização dos povos, por exemplo, no Brasil, elas criaram uma imagem de divina, branca, parda e perfeita. Onde não tem um lugar para a imagem do brasileiro pardo, negro, índio se encaixar dentro disso, numa questão do catolicismo, por exemplo. A religião, ela trouxe

abismos sociais gigantescos. Então acho que ser sem religião hoje para mim, é tentar reparar esses abismos.

00:07:14

*Entrevistador:* Interessante.

00:07:15

*Entrevistada 1:* Porque para mim, nada que foi criado até hoje, que culpe o ser humano ou que separe ele de Deus e uns dos outros, é de Deus. Para mim não faz sentido que seja. Porque se todas as religiões que a gente teve até hoje, todos os profetas que vieram, sei lá... O Budismo, o Espiritismo, o Candomblé, a Umbanda... É tudo sobre amar, e sobre aproximar. Até, tipo, Oxalá... Jesus é o Oxalá na Umbanda, enfim... Eu vaguei por várias religiões. Eu fui em algum lugar para achar alguma coisa que... Que, "ah não, aqui encaixa, aqui tem liberdade para mim. Não tem uma regra do que eu posso seguir, com quem eu posso estar, ou tatuado, ou drogado", sabe? Essa coisa da religião de separar muito... Eu acho que a resposta do que é ser sem religião, no momento pra mim é não ter uma separação e eu não te julgar por seguir Deus. Tipo, eu não te julgar: "Ah, se tu não [sic] está seguindo esses Dez Mandamentos aqui, ó... Esses preceitos da nossa religião.... Daí tu não [sic] é tão filhos de Deus quanto eu". Então, tipo, isso aí que me incomodava muito. Eu sempre senti que... Tipo, sei lá, mano... Deus está presente em tudo, e em todo o mundo. Até no \*\*\*\*\* \*\* \*\*\*\*\* do assassino, tipo sei lá... É muito doido isso pra mim. E a religião, ela traz muitas... Muitas questões políticas, que não ajudam a gente a ficar mais perto de Deus, e fazer o que eu creio que seja o propósito que é... O que Jesus deixou pra gente, que é amar uns aos outros como Ele nos amou e... Enfim... Eu acho que essa... A religião, ela afasta muito a gente do amor um ao outro, e a identificação de que somos filhos queridos, e que está tudo bem desde que esteja tudo bem. Não sei se faz sentido... Eu sou meio louca das ideias...

00:09:32

*Entrevistador:* Mas não tem como você tá errado do seu próprio pensamento. Vai em paz.

00:09:41

*Entrevistada 1:* Exato. Eu sou meio... Eu tenho essa... Eu [sic] tô abrindo para você, quem é a *Entrevistada 1*, como ela pensa. A outra pergunta era?

00:09:50

*Entrevistador:* O impacto disso na sua expressão da fé.

00:09:53

*Entrevistada 1:* O impacto disso na minha expressão de fé, é que no momento que chega para mim um amigo, por exemplo, que tem uma outra denominação religiosa, ou que não tem, eu estou aberta para entregar para ele, o que eu recebi e recebo de amor do Espírito Santo, o que eu recebo de mensagem, sabe? De fé, de amor. Não tem um... "Olha só, meu amigo, pra você ter uma vida plena, você tem que seguir esses preceitos aqui". Eu acho que... Como altera na expressão da minha fé? É que eu não tenho mais barreiras para contatar as pessoas. Porque no momento em que eu não me denomino A ou B numa questão de religião, eu posso permeá-las também. Eu estou falando de um Deus de um Cristo, de nós irmãos. Porque eu tenho a compreensão de que, assim... Deus é papai; o Espírito Santo seria, tipo a figura feminina, de mãe, da mensagem de amor de, né? E que Cristo é nosso irmão. E quando eu falo com os

meus amigos, é assim que eu converso. E tipo, é aquela questão... Que nem, tem um amigo meu que agora ele é espírita, e ele está passando por umas situações muito difíceis com o pai dele, e ele pelo espiritismo, ele acredita que é um fardo que ele tem que carregar... O pai dele não aceitar o tratamento, e que o que a família dele está fazendo de culpar ele, pra ir atrás dessas responsabilidades e tal, é algo que ele estava destinado a viver, e é um peso que ele tem de carregar. E todas as ações alheias que pesam sobre ele, ele também crê que é um bagulho que ele tem que fazer. E aí a gente estava conversando, e ele está muito, se sentindo assim... Um ser humano desprezível, e que ele merece tudo de pior que vai... Que está acontecendo agora porque ele fez ações ruins, ao longo da vida dele. E aí, esse bagulho me pega. Porque eu pensei assim, já também... Que tipo, "tá, eu não fui a melhor filha de Deus que eu poderia ter sido, eu não segui a religião como eu deveria ter seguido. Então as coisas ruins que forem acontecer comigo, eu tenho que aceitar e, tipo... Eu mereço". E aí você chega pra essa pessoa e fala que ela é filha de Deus, e que ela só merece o amor, e o que ele diz sobre ela? Que ela é amor, que ela tem bondade, que ela tem graça, que ela merece receber essas coisas, tanto quanto o que ela tá... As outras coisas que ela está vivendo também são destinadas para ela, mas que ela não é definida pelas coisas ruins que estão acontecendo. Que ela é definida por aquilo que foi dito sobre ela. Aí você chega para uma pessoa e só fala isso. Você não está querendo que ela vá na sua igreja, você não está querendo que ela vá no culto com você, ou que ela... Que ela pague ali uma taxa para a sua igreja, que, sei lá... Você não está sustentando uma culpa, para que ela seja mais um número dentro da sua igreja. Você não está trazendo ela com essa questão. Porque o que eu sinto, tá? É que as igrejas primeiro te culpabilizam do que está acontecendo na sua vida, para depois te dizerem que tem uma resposta, que essa solução que essa resposta está em Deus, num espírito de libertação, tá no Oxalá, no sei lá o quê... Mas você está devendo algo. Você está sempre em débito, em dívida com isso aí. E o que aconteceu na sua vida, você também... Nunca vai acabar. Vai estar sempre ali. Para mim, não ter uma religião, é acreditar unicamente naquilo que eu escutei do meu pai. Que tipo, meu pai, né? Deus, enfim... Que eu sou digna de amor, que ele pensou em mim, na minha vida, e que todos os meus dias foram escritos no livro dele, antes mesmo de eu vivê-los. Então, mano, tá tudo certo. Tipo, eu não sou... Eu não sou... A minha história não é um resultado das minhas ações, a minha história ia ser minha história... O que eu quero dizer, assim, não que eu não sou responsável pelas minhas ações, mas como não ter religião expressa minha fé? É que eu não sou o juiz. E não tem alguém que seja. No momento que não tem um juiz, existe o diálogo. No momento que não tem um juiz, ninguém tá esperando pagar uma dívida, ou ser bom ou ser ruim. No momento em que eu consigo expressar a minha fé sem a religião, eu consigo transmitir o amor, e não a culpa. É isso aí, pra mim.

00:15:03

*Entrevistador:* Interessantíssimo. Eu confesso que fico me segurando aqui, para não dialogar sobre esse assunto, porque esse assunto é um assunto que me fascina...

00:15:08

*Entrevistada 1:* Mas a gente pode conversar qualquer hora...

00:15:12

*Entrevistador:* É porque a minha tendência é começar a colocar também, pontos de vista sobre, e eu preciso me ausentar aqui.

00:15:21

*Entrevistada 1:* Mas uma hora, você me ajuda a enriquecer, falando do seu ponto de vista também, porque eu adoro.

00:15:29

*Entrevistador:* Vamos fazer isso depois de parar de gravar. Mas tem alguns pontos muito interessantes, e assim... Até caminhando para a segunda pergunta aqui, tentando não interpretar tanto a sua fala, mas já fazendo isso... Eu sinto assim, como se ser sem religião, fosse uma espécie de libertação.

00:15:50

*Entrevistada 1:* Sim.

00:15:51

*Entrevistador:* A impressão que passa.

00:15:51

*Entrevistada 1:* Eu sinto isso.

00:15:53

*Entrevistador:* E aí eu vou voltar na primeira pergunta que eu te fiz... Pré... Que é: Qual é a sua religião? Então a impressão que me dá... Aí eu quero que você me corrija, se eu falar... Por que eu estou inferindo algo do que você falou... A impressão que me dá é que você se declara adventista formalmente, mas o teu coração ele já se vê liberto disso, usando esse conceito, já há algum tempo.

00:16:18

*Entrevistada 1:* Isso pode vir também. Assim, pode não... Creio que venha, até porque foi o primeiro pensamento que veio... Se foi o primeiro pensamento é porque é a resposta. Eu cresci em berço adventista, e eu há muitos anos da minha vida, carreguei assim, essa... Sabe? Eu sou adventista. Até porque, eu acho que das religiões que eu conheci, é a mais tri. A que eu mais curti. Exceto pelos negócios da mulher submissa e \*\* \*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\* que eu odeio, mas enfim... Não acho legal. Acho que também Deus não quer isso pra mim. Sou muito maravilhosa para ser submissa ao homem, dá licença... Eu cresci com essa... Essa ideia... Tá, quem é a *Entrevistada 1*? A *Entrevistada 1* é filha da *D*, do *M*, é neta do *A*... Essa menina que eu via no espelho, e a *Entrevistada 1* é adventista. E na minha adolescência, eu perdi uma amiga... Ela faleceu quando eu tinha 13 anos, e eu estava perto dela, quando ela foi socorrida. E ela estava usando uma roupa minha, e tipo... Foi uma coisa pesada, e foi um negócio, tipo assim... "Não, esse Deus aqui que está me exigindo tanta coisa, não pode ser o Deus que tira a vida da minha amiga de 13 anos". Que era o entendimento que eu tinha dentro da igreja, entendeu? Que tipo, se eu fosse uma boa cristã, coisas boas aconteceriam. Entendeu? E não um pensamento de livre arbítrio que a vida acontece como é... Enfim. Aquela coisa de que... Acontece, é a vida. Sabe a romantização da vida cristã? Tipo assim, se você estiver com Cristo, tudo será perfeito para você. Que tem um pouco, pra mim, né? Quando eu era criança e adolescente era assim que... Escola Sabatina, [sic] tãñã... Era isso aí. E eu saí da igreja sem sair da igreja. Entendeu? Tipo, eu sempre carreguei os princípios de como ser uma pessoa, baseados no que eu aprendi na igreja. Mas eu curti um trago, eu curti

uma festinha, eu gostava de sair com os meus amigos que não eram cristãos, eu gostava de um menino que não era cristão, eu curti tatuagens, rap, muito rap, eu gostava muito... E daí eu ficava, "tá, tipo, beleza, eu não posso ser adventista e gostar disso". Mas no meu coração, os princípios adventistas são as coisas que me guiaram a não... Sei lá, tá viva até hoje, entendeu? Então, eu tipo... Eu não botaria... Eu não botaria... Não me colocaria mais como adventista não. Mas a pergunta que você me fez foi: "Se você fosse responder um formulário, o que você colocaria?" Na hora eu colocaria adventista... Até no meu Facebook, até esses tempos [sic] tava adventista. Mas eu não sou mais. Graças a Deus... Nada contra, mas nada a favor também... Eu acho lindo alguns trabalhos da igreja, tá ligado? Mas é muito enlouquecedor. Você achar que você precisa ser algo além do que você é para estar em contato com Cristo, com Deus. Tipo... Que você precisa seguir a cartilha. Isso abre para relações abusivas, isso abre para manipulação, isso abre pra questão relações de troca... Não uma troca saudável de amor, mas a troca de "se eu te dei algo... Eu sou Deus, tá? [sic] Tô te dizendo que tu [sic] tem que seguir os Dez Mandamentos. Se tu não [sic] seguir, tu não [sic] é a minha filha". Mas eu, tipo, já nasci filha. Eu nasci filha dos meus pais, fiz um monte de \*\*\*\*\* com eles, e sigo sendo filha deles. Não sei se tá fazendo sentido.

00:20:41

*Entrevistador:* Sim. Faz sentido.

00:20:41

*Entrevistada 1:* Então, assim... A *Entrevistada 1* não é adventista mesmo. Cresceu num lar adventista, agradece as coisas que aprendeu dentro da igreja... Acho que se tivesse um dia que escolher assim... "Você não pode mais não ter uma religião. Você conheceu o Candomblé, conheceu o Espiritismo, conheceu a Umbanda, conheceu o kardecismo, né? Da área espírita, conheceu o adventista, e também conheceu a Igreja Universal, e a Sara Nossa Terra, e os \*\*\*\*\*... Você não pode ser sem religião, qual você escolhe?" Aí eu escolhia a Adventista.

00:21:32

*Entrevistador:* A minha segunda pergunta, na verdade ela tem toda relação com isso que você tá falando agora. Quase que você já encaminhou a resposta... Mas eu vou fazer mesmo assim, pra caso você tenha algo mais, que queira falar nessa situação, e provocar um pouquinho mais... Eu vou fazer essa pergunta, então já pré-assumindo, se você me permitir, que você na verdade é sem religião hoje.

00:21:53

*Entrevistada 1:* Sou.

00:21:55

*Entrevistador:* Eu vou fazer essa pergunta pré-assumindo isso, tá bom? A pergunta é: O que te levou a se declarar – ainda que seja para si mesmo – como sem religião? O que é que você acredita expressar a partir dessa autodefinição? E associado a isso, você tem... Qual é o seu histórico religioso? Já contou um pouquinho mas... Você vem de um contexto familiar ou pessoal denominacional? Você entende sua visão atual... Essa talvez seja a parte que resume tudo isso... Você entende sua visão atual como uma reação a uma experiência anterior, ou como resultado de uma busca intencional? Deu pra entender a pergunta?

00:22:34

*Entrevistada 1:* Sim, eu acho que é os dois. Não é um nem outro. Tá... Repete para mim por favor, senhor Danny Bravo...

00:22:42

*Entrevistador:* Vamos por partes aqui... Vou começar pela primeira... O que te levou a se declarar como sem religião, e o que é que você acredita expressar com essa autodefinição?

00:22:55

*Entrevistada 1:* O que me levou a me declarar como sem religião, foi que... No momento mesmo, agora, né? Eu percebo que eu... Eu tenho essa briga interna... Eu conheci o R, a M, a C, e tal, o pessoal ali, né? Através da minha mãe que é adventista. Era, não sei... Também não sei qual é que é... Que eu vi o Metanoia. E aí, o que eu senti... O que eu vinha sentindo... Até acho que eu vou dar uma emocionada aqui... O que eu vinha sentindo muito forte, é que o Cristo que tá vivo em mim, ele nunca deixou de estar vivo em mim, entendeu? Mas eu brigava com ele por causa da religião. E no momento em que aparecem essas pessoas, que são Cristo pra \*\*\*\*\*... Tipo, muito! E tem tanto amor e tanta mensagem de amor sobre Cristo, e não aquelas mais de acusação que ouvia dentro da igreja... Que também tinha, sempre tem a parte do amor. Mas eu cresci numa igreja, que era muita acusação. Então, no momento em que eu conheci essas pessoas que viam e falavam aquilo que eu sentia. Que sempre foi o amor, e o carinho de Cristo e a doação. E que tipo, mano, ele não acusou ninguém quando ele [sic] tava vivo, de falar assim: "Ah, olha só, você não é filho do meu pai", tá ligado? "Você não está seguindo o que ele... O que ele, tipo..." Ali nas coisas com os fariseus, e \*\* \*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\* , ele até fala umas [sic] parada, e tal.... Ele nunca deixou de entregar amor para as pessoas. Até nas revoltas dele. E eu sentia esse Cristo em mim, tá ligado? Não o Cristo que olha para os outros e fala: "Mano, você não está fazendo o negócio como teria que fazer..." Porque isso sempre me feriu muito. E foi matando, aos pouquinhos, esse amor que eu tinha por aquele Jesus da Bíblia, sabe? Que daí, Bíblia infantil ilustrada, coisa linda, querida no jardim, lá... Esse Cristo que eu tinha, tipo, florido. Não o Cristo [sic] inquisitor. Sabe? A igreja para mim, ela me relaciona com muitos sentimentos de acusação e separação, assim, tipo. Para que a gente vai definir o que é certo e que não é certo? A gente não é ninguém para fazer isso. Então, o que fez eu me declarar sem religião, é que o amor de Cristo floresceu em mim mais livre, e mais bonito, e mais Cristo. Sem tanto dogma, sem tanta doutrina, sem tanto ter que pensar o que é certo e o que não é... Que ações... Sabe a caixinha? Tipo, pra você ser cristão, você tem que caber nessa caixinha aqui e fazer o que está nas instruções. Eu não sou essa pessoa. Eu não consigo ser. Eu acredito que o ser humano, não consiga ser uma caixinha. Até porque, tipo assim, se o Espírito Santo está falando todo dia comigo, e se todo dia os planos de Deus para mim podem mudar, como que eu vou seguir instruções descritas por uma denominação religiosa? Eu vou confiar que o Espírito Santo está falando através deles comigo? Posso confiar... Mas acho que é muito difícil que seja sempre a mesma coisa, há tantos anos, tantas gerações. Tipo, não é possível que o plano de Deus seja só isso. Sabe? Ou que o plano de Deus seja assim: Você está matriculado numa escola, e seguir a cartilha da escola, porque aí você vai passar de ano. A religião pra mim parece, tipo assim, "ah, vem aqui faz o que a gente está te pedindo, aí você vai pro céu, e você vai ter contato com Deus". Eu acho que a religião... O que... O que me deu... Assim, agora veio, e veio, [sic] se pá não veio de mim. A religião, pra mim antes era: "Mano, vou ir pro céu se eu fizer isso aqui". E agora eu sinto que eu já estou na eternidade com ele. Então, tipo, o que eu fiz aqui nesse mundo, a partir de agora, que seja o plano dele. Porque eu já tenho a confiança de que a vida eterna para mim é com ele, e está tudo certo. Não tenho mais uma... Uma incerteza, um negócio tipo

assim, fazer para agradá-lo. Eu faço o que eu sinto hoje. Hoje eu acordei, talvez eu não quisesse mais nem falar com você, hoje sabe? Estava, tipo, "ah, não quero mais fazer isso". Aí Deus, um negócio que falou: "Não, vai ser bom falar disso. Vai lá". Essa questão de que eu não tenho uma regra pra seguir, eu não tenho um... Não sei se você tá entendendo... Tipo, o que me faz me declarar sem religião, é que eu posso ser livre, posso ver o outro como um ser humano livre, e que todos nós já estamos salvos por Cristo. Tipo, ter o amor. Eu posso entregar o que eu senti. Que eu tenho pra entregar e deu. Não preciso seguir o que a igreja está me dizendo para fazer, que muitas vezes foi contra o que eu sentia. A minha... A minha vida eterna, e a vida dos meus irmãos, não tá mais... Não tem mais um negociador, que é a igreja. É tipo isso...

00:29:38

*Entrevistador:* Eu volto na parte final dessa pergunta. Então é: Você entende sua visão atual de fé, como uma reação a uma experiência anterior ou como resultado de uma busca intencional?

00:29:52

*Entrevistada 1:* Uma reação de experiências anteriores, e um resultado intencional... Porque assim, ó... Vamos ver se eu consigo me fazer entender também. Eu já te falei antes, várias coisas sobre o que as minhas experiências na igreja me levaram a sentir, né? Que é essa coisa da culpa. Mas, eu tive um período onde eu sentia... Eu estava buscando algum lugar onde eu conseguisse não sentir tanta culpa, e ter proximidade de um ser, de um poder superior. Se fosse... Se me dissessem que era Exu, eu ia seguir Exu, tá ligado? Eu estava buscando. Eu estava buscando uma religião onde eu pudesse não sentir essa culpa... Eu fui pra vários [sic] rolê... Fui até no Candomblé. Eu vi sacrifício de bichinho morto... E aí um dos caras que estava lá, um dos pais, falou que tinha uma força maior que não me permitia estar ali. \* \*\*\*\*, né? Então assim, foi mais o resultado da experiência que eu vivi dentro da igreja que me levou a me declarar sem religião, mas houve uma busca por alguma religião que eu me encaixasse. E aí acabou sendo o não ter religião. Não me encaixei em nenhuma.

00:31:37

*Entrevistador:* Isso me leva à minha quarta pergunta. Na quarta pergunta eu vou voltar nesse ponto que você falou agora, tá? Vou até anotar aqui, pra não esquecer.

00:31:50

*Entrevistada 1:* Dei uma choradinha aqui, porque eu como boa canceriana, só água, né?

00:31:57

*Entrevistador:* Mas é bom saber que está sendo... De alguma maneira está sendo útil para você também, essa conversa.

00:32:04

*Entrevistada 1:* Tudo é... Toda experiência que a gente tem com outro ser humano é útil... Próxima....

00:32:14

*Entrevistador:* A terceira pergunta. Essa... A gente estava numa discussão um pouco mais filosófica, né? Agora vamos dar uma pausa nisso, a gente vai discutir um pouquinho mais prática. Como se expressa a fé des filiada de uma igreja? Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade? Como você consome o produto de cunho religioso? E como você formata os valores que constituem a sua fé? Então é um combo de perguntas, nessa questão prática. Então agora...

00:32:48

Entrevistada 1: Vamos por partes.

00:32:48

Entrevistador: Quer que eu separe cada uma delas?

00:32:55

*Entrevistada 1:* Seria legal, aí você me interrompe e fala: "Tá, e agora isso, isso e isso...". Porque se eu começo a falar, tipo, eu viajo...

00:33:02

*Entrevistador:* Na verdade a grande pergunta é: Como se expressa uma fé des filiada de igreja? Essa é a grande pergunta. Então eu estou dando pequenos compartimentos dessa grande pergunta, tá? Então como se expressa a fé des filiada? Por exemplo: Quais são os momentos de expressão pública da sua fé? Como você consome um produto de cunho religioso? Como você formata os valores da sua fé? Mas a grande pergunta é: Como se expressa... Entendeu?

00:33:33

*Entrevistada 1:* Saquei. Temos hoje em dia o Instagram, Facebook e várias outras redes sociais. Eu tenho a Bíblia online, e eu faço estudos bíblicos nela. E tenho, tipo, lances sobre ansiedade, sobre harmonia, sobre juventude, sobre vários temas. Eu tenho muitos amigos, porque eu sou essa menina que foi por vários [sic] rolê... Foi, voltou, tal... Eu conheci muita gente... E muita gente que, tipo, dentro da igreja, por exemplo, seriam perdidos. Mas vamos lá. Eu sou uma pessoa, que os meus amigos procuram... Eles me procuram quando têm alguma coisa para desabafar, para conversar... Então como eu expresso... Como é que era? Como eu expresso a minha fé de forma pública? Eu compartilho coisas nos meus *stories*. Eu coloco louvores no Facebook, essas coisas. E quando os meus amigos me chamam, ou quando eu sinto de chamá-los, eu entrego alguma coisa, alguma mensagem. Por exemplo, tenho um amigo, o B, que ele está se sentindo também, muito, tipo, sempre se cobrando... Eu percebo que a minha geração se cobra muito, se cobra perfeccionismo, imediatismo e tal. E aí, muitas vezes concilia de um dia que eu estou lendo um lance para mim... Que eu acho que é para mim. Acaba sendo para outra pessoa. E aí, é assim que flui. Eu não tenho um plano. Tipo: "Ah, hoje eu vou evangelizar aqui meus amigos. Hoje vamos ser tudo... Todo mundo, vamos falar de Cristo, e glória a Deus". Isso não rola. É um bagulho que, tipo, cada dia eu tento expressar um pouco do que eu sinto... E têm dias que eu não sinto. Então têm dias que não expresso também. Mas quando vem, vem assim. Geralmente vem pela internet, pelas redes sociais. Instagram, Facebook e WhatsApp.

00:35:59

*Entrevistador:* Então a rede social é por onde você compartilha a fé, mas eu entendi que também é por onde você consome, também.

00:36:05

*Entrevistada 1:* Também. Eu tenho minha Bíblia, tá ligado? Tipo física, onde eu estudo, onde eu oro. E eu sou muito, tipo: "Eu tenho uma pergunta, então me dá uma resposta"... Aí eu abro a Bíblia... Às vezes funciona, às vezes não... Depende de como está minha conexão. Às vezes ela é meio 4G. E é isso, pelas redes sociais onde eu busco, e onde eu entrego também.

00:36:41

*Entrevistador:* Você diria que hoje a realidade virtual é fundamental para a expressão da fé sem religião?

00:36:54

*Entrevistada 1:* Num momento em que as pessoas estão muito mais nas redes sociais do que, por exemplo, nas igrejas, principalmente agora com a pandemia, eu diria que sim. Porque assim, ó: Se você consome Netflix, você consome conteúdos de padrão dos outros, você... Tudo que é que você vive, você coloca na sua rede social, o seu entretenimento está associado à rede social, sei lá... Sua pornografia tá na internet. Digo na questão de meus amigos. A música que tu [sic] consome tá ali, os teus amigos estão ali... Então, tipo, se a galera toda tá ali, se eu [sic] tô ali, e não [sic] tamo na rua... Se fosse... Se a galera toda tivesse na rua, eu estava lá na rua conversando com eles. Mas no momento é isso aqui. Então acho que sim, no momento é fundamental as redes sociais. Inclusive eu acho muito legal que tem... Depois a gente conversa sobre isso... Tem um cara, que ele fala sobre Cristo na linguagem São Paulo, Diadema... Tipo, é muito \* \*\*\*\*\*. Ela dorme...

00:38:14

*Entrevistador:* Mas você não chega a ver uma relação de causa e efeito? Por exemplo: A migração para o digital, ela proporciona um ambiente melhor, mais propício, mais fértil para o crescimento da filosofia sem religião. Não.

00:38:31

*Entrevistada 1:* Não sei. Pode ser que sim. Mas eu acho que sempre... Tipo assim, é um meio de iniciar um diálogo com alguém que está precisando, com alguém que está interessado e nem sabe talvez, sei lá.. É o meio de começar a falar de Cristo. É o pontapé inicial. Porque eu me encontrei... Tipo, eu me batizei de novo, né? Numa cachoeira linda, que eu passava a infância... Foi muito bonito. Te mandar o vídeo depois... Mas enfim, depois disso eu comecei a sentir uma paz gigante, e consegui começar a falar sobre esse amor e essa paz, com amigos meus que estavam passando... Que olhavam e falavam: \*\*\*\*\* , tu [sic] tá diferente, né *Entrevistada 1*, tu [sic] tá mais tu. E eu, tipo, "estou mesmo"... Porque estou mais Cristo. E aí eu poder falar sobre isso. Meu batismo, eu botei nos *stories* umas fotos e não todo o vídeo, e aí alguns amigos me perguntavam: "Ah, isso foi um batismo?" E eu: "Ah... Vou responder a sua pergunta... Vamos tomar um café!"

00:39:54

*Entrevistador:* Agora, nessa realidade então, como que você formata a sua fé? Você falou muito nas perguntas anteriores, sobre esse conjunto de dogmas, doutrinas da Igreja, né? Como que você estabelece aquilo que você acredita ou não? Como que você formata teu próprio credo?

00:40:13

*Entrevistada 1:* Não sei. Têm dias que eu acredito, têm dias que eu não acredito... Eu não tenho um sistema formatado.

00:40:22

*Entrevistador:* Você não tem, tipo, então, nesse caso... Não sei se essa é a expressão melhor, tá? Mas você não tem valores fixos...

00:40:32

*Entrevistador:* Tenho! Os valores fixos que eu tenho são: Quando alguém é odioso comigo, eu não vou lá [sic] tratar com a pessoa agora mais. Os valores fixos que eu tenho, é uma coisa que o R falou pra mim, que fez muito sentido pra minha vida. O valor fixo que eu tenho hoje, de expressão de fé e religião é tentar ver Cristo em tudo e em todos, e assim expressar minha fé. Quando alguém é algo, ou age de alguma forma, que poderia fazer com que eu não fosse uma pessoa de amor pra ela, eu tento ver o que de Cristo tem naquela pessoa, e não aquela ação em si.

00:41:23

*Entrevistador:* Mas como que você estabelece isso? Como que você define que esse é um valor, que o outro não é um valor? Como que você constrói essa...

00:41:35

*Entrevistada 1:* Me pegou, cara... Eu não sei, eu não tenho uma construção, não tem. Eu deixo o Espírito falar comigo, tipo, apenas. É louco, né? Eu também estou descobrindo isso tudo o que a gente está conversando, entendeu? Eu não tenho uma... Ainda não tenho, e não sei se algum dia eu vou ter.

00:42:11

*Entrevistador:* Tá. Dentro desse... Um desdobramento dessa mesma pergunta, mas ainda na mesma frente. Existe algum... Deixa eu te dar exemplos para poder colocar: Talvez alguma igreja vai dizer que o referencial que ela tem para estabelecer valor, talvez seja seu próprio corpo doutrinário. Talvez outra vai dizer que o referencial para estabelecer os valores, é a Bíblia. E outra vai dizer que é uma revelação sobrenatural. Você tem algum referencial, ainda que nessa fluidez, para estabelecer essa crença ou não?

00:42:42

*Entrevistada 1:* Engraçado, né? Porque a resposta que vem para mim de princípio é, tipo: Não, não tenho. Mas tem a Bíblia, sim. A Bíblia é uma resposta bem forte, assim. Mas eu não sei, \*\*\*\*... Eu não sei te responder isso daí ainda...

00:42:58

Entrevistador: Não é algo muito bem definido ainda, então...

00:43:02

*Entrevistada 1:* Não tem uma definição. Eu vou... Eu tenho ido no momento... Tipo assim, as ferramentas que eu uso, tá? Pra eu ter a mensagem e me comunicar. As ferramentas que são o histórico de fé e religiosidade que eu já tive. Que são os princípios da Igreja Adventista, de respeitar... Não que é da Igreja Adventista, mas que eu aprendi na Igreja Adventista... Que é respeitar o próximo, não discriminar, servir. O serviço. Serviço é uma coisa que eu faço muito. E servir não está relacionado a servir uma religião, mas a servir, tipo assim... Sei lá, você está aqui falando comigo, né? E você está fazendo seu negócio pro mestrado. Eu senti que eu tinha que te prestar isso aqui. E não é porque, eu *Entrevistada 1*, acho que é ok isso. Isso é maravilhoso, vai ser ótimo, e eu preciso fazer isso porque... É tipo assim, ele veio compareceu, chegou até mim... Então [sic] tô fazendo. Assim como poderia também dizer não. E não é mais uma parada que eu fico, tipo... Eu tenho uns valores fixos, e isso eu faço ou eu não faço.

00:44:29

*Entrevistador:* Então isso pode mudar conforme a maré, digamos assim.

00:44:35

*Entrevistada 1:* Muito. Eu sou a maré pura...

00:44:36

*Entrevistador:* Quarta pergunta...

00:44:40

*Entrevistada 1:* Vai!

00:44:41

*Entrevistador:* Não sei se ela é prática ou filosófica, mas enfim... Mudando a perspectiva. Como você projeta sua religiosidade na perspectiva futura? Você se vê, sob alguma condição, nalgum cenário, na possibilidade de filiação a alguma igreja? Aí eu vou resgatar aquilo que você falou lá atrás, eu falei que se encaixava nessa pergunta. Você falou assim: "Eu sou sem religião, porque eu estava buscando uma forma de fé e não encontrei. Então acabei entendendo que é sem religião". Então, você vê, em alguma condição, no futuro... Um futuro completamente hipotético aqui, a possibilidade de filiação novamente a alguma igreja?

00:45:31

*Entrevistada 1:* Eu prometi, no momento em que eu me batizei, que eu não pensaria mais no futuro. Então não tenho como te responder isso daí. Se um dia surgir... Se for os planos de Deus para mim... Se é onde eu tenho que estar, estarei lá.

00:45:52

*Entrevistador:* Então, ao mesmo tempo que não é uma coisa que você busca, não é uma coisa que você se nega...

00:45:57

*Entrevistada 1:* Eu não me nego a nada mais... A não ser matar, roubar, e tal... Eu não sei te explicar, Danny... Não tem como te explicar mesmo. Eu não... Ao mesmo tempo que, se surgir uma religião tri, eu participaria? Talvez sim. Mas eu também tenho um pensamento de não pensar muito no futuro e em hipóteses. Não trabalhar mais com situações hipotéticas. Porque eu acho que um dos maus, uma das coisas que me fez mal na vida, foi trabalhar com as hipóteses. Porém, contudo, entretanto, todavia o Reino de Deus, ele é sobre seguirmos os ensinamentos de Cristo. Se surgisse alguma... Não... Eu não entraria para uma instituição mais. Porque no momento em que tu [sic] institucionaliza Cristo, fica \*\*\*\* o negócio. Eu acho que... Que eu não tenho como... Eu [sic] tô, tipo, tentando te dar uma resposta, e pra mim dá um *bug* no meu sistema. Não sei o que falar, cara... Eu não gosto dessa coisa de institucionalizar os ensinamentos de Cristo. Porque para mim é como se, tipo assim: “Ah tá, agora nós temos uma religião que é Pitágoras. Tipo, agora nós temos uma” ... Vai mudando. O ser humano, ele aplica coisas, regras e formas de tentar entender e racionalizar um bagulho que é uma história, que tá aí para ser vista, ser vivida, na realidade. Se algum dia alguém falasse assim: "Ah tá, nós somos a galera, não sei qual religião, e nós falamos apenas sobre o amor de Cristo". Tá, mas aí como vocês... Quais são os fundamentos de vocês pra terem virado uma religião, uma instituição? Como vocês agem? Daí tu já [sic] está... No momento em que tu [sic] aplica formas de agir para chegar até as pessoas ou até Cristo, já não está fazendo um bagulho que foi um ensinamento de Cristo. Que é tipo, as coisas... A história de Cristo, ela muda com a maré, muito. Então quem sou eu para pensar no que vai ser do meu futuro? Se até ele confiou a vida inteira dele no incerto? Tipo, a única certeza é que eu sou filha de Deus. O resto eu não sei.

00:48:40

*Entrevistador:* A segunda parte dessa pergunta, é... Você talvez já vai incluir nesse mesmo combo, né? Mas eu vou colocar ela mesmo assim. Você procuraria desenvolver nos seus filhos... No caso você já tem um filho, né? Então você procuraria desenvolver no seu filho, valores cristãos e/ou eclesiais?

00:48:59

*Entrevistada 1:* Ele... Eu já desenvolvo os valores cristãos com ele.

00:49:05

*Entrevistador:* E valores de igreja? Recobrando aí, no seu contexto, você foi formada num contexto de igreja. Pro seu filho você pretende esse mesmo, ou não?

00:49:16

*Entrevistada 1:* Não. O *P* já nasceu num mundo onde não abordavam assuntos, por exemplo, que abordavam quando eu era criança. Que é... Ele já nasceu, e tá inserido numa família onde a gente fala sobre a questão do machismo, onde a gente fala sobre a homofobia, onde a gente fala sobre a desigualdade social, onde a gente fala sobre não ter imposições pra... Entre um ser humano e outro, e não ter uma diferenciação... Quando o *P* nasceu, a avó dele, é italiana católica. Tipo, muito católica, extremamente católica. E aí o *P* tinha que ser batizado. E aí eu falei: “Tá, mas e aí? Ele nem largou o meu peito, ele não sabe nem sobreviver sem o meu corpo, e aí eu vou entregar ele pra Deus sem o consentimento dele... Eu... Vai entregar ele para Deus, não, pra Igreja Católica. Ele ainda é dependente de mim, e eu também não [sic] tô ali na Igreja Católica. Como é que eu vou entregar alguém pro negócio que nem eu acredito?

E que não... Ele nem sabe o que ele vai tá fazendo, ele já vai ser... Não.” E aí, gerou uma treta gigante! Porque eu era uma herege, porque o *P* ía para o inferno por minha causa. Porque quando nasce tem que batizar, né? Tem que marcar filho de Deus. Eu falei: "Mas ele já é filho de Deus, ele só não é filho da Igreja Católica. Ele é meu filho, nasceu por mim, mas é filho de Deus". Tipo, o que a gente ensina pro *P*, são os ensinamentos cristãos. E ser um Cristo. Mas eu nunca li os Dez Mandamentos pro meu filho, por exemplo. Respeitará... Respeitar o pai e mãe. Não adulterará... Que eu tenho uma teoria de que, se tu [sic] lê pra criança "não faz isso", aí ela vai pensar: "Hum, é isso aqui que eu vou fazer, mamãe!" Então, tipo, eu sou mais da teoria: Tá, tem que honrar pai e mãe, mas ele não precisa ser... Tipo, isso aqui ó, aqui as regrinhas dele. Tem uma tabela de comportamento e recompensas. Agora se eu pego e boto assim: "Ó, filho, [sic] tá aqui os Dez Mandamentos pra tu [sic] seguir..." Não é muito mais entendível que para ele vire algo pesado e uma regra para seguir, do que a minha intenção, que é que Cristo seja o amigo dele? Que Deus seja o paizinho amado dele, e não os [sic] cara que chegam assim: "Ah, *P*... Isso aqui não é para [sic] ti fazer meu. Por que tu [sic] tá fazendo isso aqui? A gente não acha isso aí tri." Pra isso já tem a gente aqui definindo essas regras. Eu acho que é mais fácil para uma criança, e tem sido assim, entender o Reino de Deus explicando para ela que o Reino de Deus é a bondade, que ele pode ter nas ações dele, que quando ele se sentir angústia ele pode orar e conversar com esse pai. E é uma coisa que ele faz todas as noites. Todas as noites a gente ora. É explicar pra ele que para Deus gay, preto, branco, ruivo, laranja... Que todas as pessoas são iguais a ele, e são filhas do mesmo pai que ele tem. E que... Que ele pode seguir como ensinamento de princípio, são os mandamentos sim. Mas eles são ensinados para ele de outra forma. Por outro caminho. E o principal que é ensinado pra ele, é o amor. É o... É como eu gostaria de ter chego em mim, quando era criança... Porque a minha mãe tentou seguir muito os preceitos da igreja para ser uma boa mãe, para não errar. E eu carrego muito um bagulho que o *R* chegou para mim e falou assim: "Com a gente tu [sic] pode errar". E é tipo isso: "Filho, comigo, com Deus, com as questões de ser humano, tu [sic] pode errar, porque o amor, já está perdoado." E isso, sei lá, é tão mais cuidadoso... Ele presta tão mais atenção no amor, que é Cristo, e em como ser um ser humano bom, sabe? O *P* já entrega muita coisa, para muita gente, e ele tem só seis anos. A gente foi comprar um picolé outro dia, e a gente ensinou pra ele que ele tem que acolher as pessoas de rua, né? Porque todas as historinhas da Bíblia ali, tal... E que... São pessoas que estão ali, que elas são responsabilidade nossa também. São nossos irmãos. E a gente ía comprar um picolé, e ele tinha sete reais. Ele pegou, puxou e entregou cinco [sic] pila pra um cara, e falou assim: "Deus ama você". E aí pro outro cara ele entregou dois reais e falou assim: "Ah, você pode comprar um pão". E tipo, se isso aí não é um sucesso total de ensinar o que é Cristo, e o que é o amor... Tipo, pra mim é isso. Pequenas ações dele, que ele entenda que ele não precisa seguir uma regra. Ele só... Só entendendo que o amor é a base da sobrevivência da vida humana, tá suave. Eu não pretendo criar ele em nenhum dogma, em nenhuma doutrina, porque é uma coisa que já não existe aqui dentro de casa.

00:55:24

*Entrevistador:* Quinta e última pergunta. Eu confesso que... Você foi bem sincera em várias coisas, então eu vou confessar aqui pra você que talvez essa pergunta, é até a que me motivou a levar essa pesquisa. Então, considero ela a mais importante de todas, particularmente. Da sua perspectiva, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Quais são as características que deveriam ser mudadas nas igrejas, tanto no sentido de desenvolver quanto abdicar? E como você descreveria a igreja do século XXI?

00:55:59

*Entrevistada 1:* Repete... Só pra... Que já veio, mas só pra eu... Repete pra mim.

00:56:10

Entrevistador: Vou contextualizar um pouquinho mais pra repetir a pergunta. Então você comentou que veio... Você contou que veio de um contexto religioso. Teve, vou usar a palavra frustrações, devido diferentes pensamentos, e todo o contexto que você colocou...

00:56:21

*Entrevistada 1:* É a palavra certa!

00:56:21

*Entrevistador:* Então, e hoje você expressa sua fé desligada de tudo isso, e entende ser melhor assim. Você colocou a questão de libertação, etc. Então, tentando olhar agora da perspectiva da igreja. A igreja, as diversas igrejas... Qual deveria ser o papel da religião, então, na sociedade atual, num mundo ideal? Quais são as características que deveriam ser mudadas? Tanto se precisar criar algo, quanto abrir mão de algo. E o resumo de tudo isso é: Qual é a igreja do século XXI, na sua visão?

00:56:59

*Entrevistada 1:* O papel, pra mim, de uma igreja... Se fosse para ter uma igreja, seria o papel de libertação da culpa. A união do povo, contra o sistema que as oprime. Que muitas vezes é a própria religião que fundamenta a opressão. E o que deveria ser abdicado é essa culpa que leva as pessoas a seguirem e cumprirem com... Cumprirem o que é dito para elas, de que é uma obrigação trabalhar, honrar a tua religião, e sei lá, ser o vassalo do suserano. O papel para mim da religião principal, seria a libertação ideológica e política das pessoas. A união do povo. A união da humanidade. E a queda do capital. Tratarmos uns aos outros como o mesmo povo. Romper as barreiras separatistas. Trazer a libertação dessa escravidão que a gente vive pro capital. Essa seria a minha igreja. Se tiver uma igreja assim no futuro, pode ter certeza que até pregar nela eu prego.

00:58:36

*Entrevistador:* Interessante. Muito bom. Essas foram as minhas perguntas.

00:58:42

*Entrevistada 1:* Eu falei bastante...

00:58:42

*Entrevistador:* E eu agradeço muito por isso. Tem alguma dúvida que você quer colocar, ou alguma consideração final para poder concluir ou não?

00:58:53

*Entrevistada 1:* Eu vou te falar uma coisa que eu sinto que eu tenho que te falar... Eu sou um ser humano extremamente contraditório. E foi nas minhas contradições que eu consegui entender e encontrar Cristo. É isso. Tendo uma linha de base de o que fazer, o que seguir... Eu não consigo me ver como uma pessoa fluida na fé. É só em meio às minhas contradições que eu encontro as respostas, que eu acho que vêm do Espírito Santo para mim. Só quando eu estou na dualidade, eu consigo enxergar um meio termo de como ser Cristo. Só [sic] tando no

céu e no inferno. Porque muitas vezes eu [sic] tô no inferno, e [sic] tô abraçando o capeta. E aí vem um resgate, e aí só... Eu só consegui ver Cristo, porque eu já fui até lá embaixo. Tá ligado? E é por isso que eu não consigo te dar uma definição, quando tu me [sic] pergunta assim: "Quais são as tuas... Como tu... Quais são as tuas, não sei o que lá, fixa que tu [sic] tem pra falar da tua religiosidade, da tua fé?" O meu conjunto de valores... Se fosse para falar de uma parada, seria o *Yin-yang*. Tipo o que tem... Eu sou aquela pinta que acredita que não existiria a bondade, sem o comparativo do que é... O que é mal, o que é ruim. E que tem um meio ali, e esse meio é Cristo, é a fé, e é o que a gente é, o que o ser humano é. A gente não é bom, a gente não é mau, a gente é o meio. É isso.



## ANEXO B - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADA 2

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 21 de agosto de 2020, via plataforma Zoom

00:00:08

*Entrevistador:* Vou começar aqui com um termo de autorização. Eu vou fazer três perguntas para você... Se você concordar, logicamente, para você dar autorização para o uso, tá? Então eu vou ler aqui para ser bem burocrático. A primeira delas é: Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista, e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:28

*Entrevistada 2:* Sim.

00:00:28

*Entrevistador:* Segundo: Entendo que minha participação é voluntária, e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:00:43

*Entrevistada 2:* Sim.

00:00:43

*Entrevistador:* Terceiro e último: Concordo em participar da entrevista, e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:00:56

*Entrevistada 2:* Sim.

00:00:56

*Entrevistador:* Alguma dúvida?

00:00:56

*Entrevistada 2:* Não.

00:00:56

*Entrevistador:* Beleza. Então, dados gerais, só para a gente poder ter a identificação aqui. Fala pra mim seu nome completo, por favor.

00:01:05

*Entrevistada 2:* Entrevistada 2.

00:01:11

*Entrevistador:* Sua data de nasci... Seu ano de nascimento, melhor dizendo.

00:01:16

*Entrevistada 2:* 94.

00:01:19

*Entrevistador:* 94... É... Você... O seu gênero que você se identifica, ou que declara.

00:01:27

*Entrevistada 2:* Feminino.

00:01:29

*Entrevistador:* Cidade de residência?

00:01:32

*Entrevistada 2:* Curitiba.

00:01:51

*Entrevistador:* Como você se declara em termos religiosos? Qual é a sua declaração religiosa?

00:01:56

*Entrevistada 2:* Cristã.

00:01:57

*Entrevistador:* Cristã... Beleza.

00:02:04

*Entrevistador:* Então, *Entrevistada 2*, agora eu vou entrar, de fato, nas perguntas em si. Vou repetir aqui de novo, que são poucas perguntas, mas a ideia é que elas sejam abertas... Quanto mais você falar, mais eu vou te agradecer, tá bom?

00:02:16

*Entrevistador:* A primeira pergunta é a seguinte: Para a gente poder introduzir e contextualizar um pouquinho. Eu não sei até que ponto você já leu sobre isso, ou já viu informação sobre isso, mas... As últimas pesquisas de Censo no Brasil, elas mostram um crescimento significativo dos adeptos à espiritualidade... O autodeclarado sem religião, né? Então isso já vem já, há várias décadas crescendo no Censo, mas a partir da década de 90, o número se tornou tão expressivo que ele se tornou digno de estudo. Só para você ter uma ideia, segundo o último Censo de 2010, que é o último que a gente tem, o grupo sem religião é a terceira maior religião do Brasil. Por mais irônico que pareça dizer isso. Então vem num crescimento muito grande. E existe uma expectativa inclusive, que no próximo Censo esse grupo cresça ainda mais, e para próximos anos... Mas ainda assim, é um grupo completamente descentralizado. Então por isso, a compreensão desta filosofia é o grande desafio para a gente poder estudar o tema. Então eu te pergunto da tua perspectiva, do teu ponto de vista, o que

significa ser sem religião? E quais são os impactos dessa autodeclaração na sua forma de expressar a fé?

00:03:35

*Entrevistada 2:* Aham... Primeiramente, eu acho que quando você me perguntou a minha religião, eu [sic] buguei. Porque eu levei dois anos pra conseguir dizer que eu era cristã. E eu tinha... Por que que eu demorei? Porque o seguidor... Na verdade o mestre a quem eu sigo, né? Que é a pessoa de Cristo... Eu acho que ele atende a um ditado que representa muito bem o que eu acho, que é "amo Jesus, só não gosto do fã-clube". E aí, eu não... Não me identifico com o cristianismo. Na verdade, quando eu tive noção do Reino de Deus, cristianismo, pra mim, era o sistema de crenças que aprisionava negros em senzalas, e tinham uma desculpa religiosa pra estuprar índios, e realmente enchia o saco dos meus amigos gays. Era isso que pra mim, ser cristão representava. Mas quando eu conheci a Jesus Cristo como uma pessoa... Ou melhor, quando eu retomei o meu relacionamento com Jesus Cristo como pessoa, eu tinha a opção de me reivindicar cristocêntrica – já que o que eu tinha era muito mais uma obsessão pela pessoa de Jesus, do que propriamente uma identificação com um grupo de pensamento –. Então ou me reivindicava cristocêntrica, pra explicar para as pessoas que eu não era, não me identificava com esse grupo cristão, ou eu me apropriava do verdadeiro significado da palavra cristão, né? Que é "pequeno Cristo". E aí, por opção missionária mesmo, eu resolvi me apropriar sim, e retomar o sentido da palavra. Então, quando você me pergunta o que significa ser sem religião... E se você puder repetir a...

00:05:39

*Entrevistador:* A pergunta é: Que significa, ou qual é a filosofia... O que significa o termo "sem religião"? Quando alguém se declara assim, o que que significa isso?

00:05:50

*Entrevistada 2:* É... Eu me declaro também, sem religião, porque eu não acredito que a minha espiritualidade possa ser intermediada por um CNPJ.

00:06:01

*Entrevistador:* Ok.

00:06:01

*Entrevistada 2:* Religião... Eu penso isso. É... "Sem religião" é: Não há intermediários sacerdotais entre a minha relação e Deus. Por ser cristã, não faz sentido a minha religião ir além de acudir órfãos e viúvas, que é a religião verdadeira. Não faz sentido pra mim, nada além disso. Então basicamente é: Sou contra CNPJ's.

00:06:30

*Entrevistador:* Certo. Interessante. E qual que você acredita ser o impacto dessa autodeclaração na forma de você expressar fé? Alguma coisa você já falou, mas... Como que você identifica isso? Essa ausência do CNPJ, como você falou...

00:06:46

*Entrevistada 2:* O impacto? Eu acho que são dois: O primeiro é uma receptividade de compreensão. Maior abertura pra pessoa de Jesus. E o segundo impacto é a perseguição religiosa.

00:07:07

*Entrevistador:* É mesmo? Por quê?

00:07:09

*Entrevistada 2:* É, porque... Basicamente, quando você... Basicamente, se você é um seguidor de Cristo, você vai acabar sofrendo um pouquinho do que ele sofreu, pelo menos, né? E se tem uma classe que perseguia Jesus Cristo, eram as pessoas que ele revelava as incongruências, basicamente. Porque na prática, eu tenho uma atuação forte contra o abuso religioso. Converso com muita gente sobre isso, em todos os aspectos assim... Tento passar a verdade de Jesus sem passar pano para abuso religioso. E isso não me faz uma pessoa querida, pelas instituições religiosas, né? Porque basicamente, você dá... Conhecer a verdade, você vai libertar a pessoa, e você vai, basicamente, diminuir os dízimos, você vai diminuir o poder de influência... As instituições não incentivam transparência em relação a grana, abuso... É... Na verdade eu estou atendendo completamente contra... Estou indo completamente contra. Fora, as igrejas que reivindicam... Que dizem, que só é salvo quem é da igreja. Então, basicamente, se você chega "eu sou cristão, e eu não... E eu fui batizada na praia"... Eles vão dizer que você é Jezabel, entendeu? Então, eu já fui chamada de bruxa... Já ouvi boato que tem caldeirão no meu apartamento... Tipo, toda igreja que eu piso, ou eu saio... Ou a igreja vira a minha casa, e a gente é família, ou eu sou extremamente perseguida... Como uma meretriz...

00:08:54

*Entrevistador:* Então, quando você diz ter essa perseguição, por se declarar sem religião... As igrejas organizadas que você tem algum tipo de contato, muitas delas, de alguma maneira, passam a tentar, sei lá... Te impedir de continuar falando, alguma coisa nesse sentido, essa perseguição...

00:09:18

*Entrevistada 2:* É. Porque quando você é uma pessoa que não é batizada, e você entra numa instituição, você é extremamente bem tratado, porque você será batizado. Se você deixa bem claro que você não está lá pra ser batizado, mas para repartir o pão, você é uma ameaça. Entende? Então basicamente as implicações, eu disse: Quando eu falo que eu sou cristã, meus amigos, as pessoas que eu conheço, o Uber fazem: "Você é de igreja?" E eu falo: "Não". Aí eles se abrem para entender o que é isso, entendeu? Então tem uma implicação boa, e tem um custo. Que é gerar, enfim... Esse burburinho aí, quando eu chego nas igrejas.

00:10:08

*Entrevistador:* Interessante. Interessante os pontos colocados aqui... Eu vou te levar para uma segunda pergunta então, resgatando um pouquinho mais... Ou conhecendo um pouquinho mais do seu contexto, essa segunda pergunta, tá? O que eu queria saber nessa segunda pergunta é: O que te levou a se declarar como sem religião? Então eu vou desmembrar essa pergunta em outras pequenas. O que você acredita expressar a partir desta autodefinição? Que a gente falou num campo mais filosófico... Agora falando da sua realidade em si. Também queria saber qual o seu histórico religioso? Você vem de uma família com um contexto... Com um contexto denominacional? Você fazia parte de alguma outra igreja? E

principalmente... Eu posso repetir depois, tá? Mas principalmente, você entende sua visão atual, como uma reação a uma experiência anterior religiosa ou como resultado de uma busca intencional? Deu pra entender o combo de perguntas aqui?

00:11:08

*Entrevistada 2:* Eu [sic] tô quase pegando um bloquinho...

00:11:08

*Entrevistador:* Vamos por partes aqui... O que te levou a se declarar como sem religião? O que você acredita... Você agora, saindo do filosófico, você... O que que você acredita expressar a partir dessa autodefinição?

00:11:22

*Entrevistada 2:* Beleza. O que que me levou a me declarar sem religião? Na minha conexão espiritual o mestre a quem eu sigo, não se declarou parte de uma religião. Então foi a minha experiência espiritual que me inibiu de me limitar a algum tipo de denominação.

00:11:47

*Entrevistador:* Ok. Então de certa forma, a experiência denominacional, ela é limitante, e a experiência sem religião, ela é mais livre, digamos assim...

00:12:02

*Entrevistada 2:* Isso. Isso... Na verdade, eu acho que é um conflito de natureza, entende? É tipo você seguir Ghandi, e ser a favor da dominação inglesa. Não faz sentido, é uma questão ontológica mesmo. Tipo, é como se a opção espiritual que fiz, me impedisse de colocar muros. Entende?

00:12:30

*Entrevistador:* Entendo. Interessante. E qual que é o seu histórico religioso? Você vem de uma família religiosa? Você pertenceu a uma denominação antes? Como que é o seu histórico religioso?

00:12:49

*Entrevistada 2:* Na real, meu pai e minha mãe me tiveram jovens... Tipo, jovens anos 80, bandas e coisas assim... E aí eu tive uma doença, e aí a minha mãe achou que eu ía morrer... E eu ía mesmo... E aí ela me consagrou, basicamente, e ela me deu Bíblia de presente... E aí eu tive um sonho... Um sonho com a pessoa de Jesus, quando era criança, e isso me marcou muito. Então eu fui ensinada a orar, e a valorizar a Bíblia pela minha mãe. É... Meus pais já tiveram contato com algumas denominações neopentecostais, assim, mas eles não se vincularam profundamente por causa da corrupção, enfim... Eu tinha... Meus pais não são religiosos. E aí, eu simplesmente tive uma experiência muito familiar e pessoal, com a pessoa de Jesus. Depois, o que aconteceu? Foi quando eu fui para faculdade, com 18 anos. Eu estagiava em presídio, porque eu fiz direito, né? E aí, eu comecei a desacreditar completamente que esse Deus existia quando eu vi, sei lá, jovens, da minha idade, presos. E aí eu tinha um período de rebeldia com a noção de Cristo. Cristão, quanto à questão mesmo. Mas depois eu comecei a voltar, depois de uns três anos. Aí... Conhecer várias religiões, tipo kardecismo, Umbanda, Taoísmo, Budismo... Comecei a tentar todas as alternativas que não

fossem cristãs. Até que de novo, aquele mesmo deus da minha infância me chamou, e eu não tive muita alternativa... Eu tive que voltar pro Cristo do sonho, assim, por um chamado pessoal. Então meu panorama é: Meus pais não são religiosos e eu sempre pesquisei muito sobre isso. Sempre me interessei muito.

00:14:50

*Entrevistador:* Tá. Só fiquei com uma dúvida: Você falou antes, que você aprendeu hábitos cristãos, digamos assim, a orar, etc... Com a sua mãe... Então seus pais não eram religiosos, mas sua mãe acabava sendo um pouco, ou não? Não entendi essa parte.

00:15:06

*Entrevistada 2:* Isso. A minha mãe... Ela tinha trajetória católica, mas ela chegou... Quando eu fiquei doente, ela fez um voto numa igreja evangélica, que depois ela mesma não conseguia ficar. Mas ela acabou se introduzindo nesse modo, me introduzindo... Mas eu não tenho conexão com a igreja. Entende? Tipo... Eu nunca...

00:15:25

*Entrevistador:* Então o que eu [sic] tô entendendo é: Seu pai nunca teve vínculo religioso nenhum. A sua mãe teve no momento da doença que você passou. Ela teve um contato com o meio denominacional mesmo, mas nunca se firmou de fato.

00:15:43

*Entrevistada 2:* Isso. Mas ela acabou não se firmando.

00:15:46

*Entrevistador:* Beleza. Então, em resumo, você já cresceu, pelo que eu [sic] tô entendendo, num contexto sem religião, digamos assim...

00:15:57

*Entrevistada 2:* É... Eu acho que seria justo dizer, que na minha infância eu tinha uma influência evangélica, e depois na adolescência já não tinha. Acho que seria mais apropriado, né?

00:16:44

*Entrevistador:* Entendi. E aí, ainda nessa segunda pergunta, a última parte... Como resultado de tudo isso, é o seguinte: Você entende que a sua visão atual, a sua declaração de fé hoje, desprendida de igreja... Até voltando na expressão que você usou antes... Sem intermediação do CNPJ, tal... Você entende que essa postura, ela é uma reação a uma experiência que você teve anteriormente, ou ela é resultado da sua busca mesmo pela religião? Então, deu pra entender aqui a diferença dos dois pontos?

00:17:22

*Entrevistada 2:* Cara, eu acho que eu poderia dar uma resposta superficial, e falar: "Não... Foi a minha iluminação... Que eu, só da minha cabeça, tive essa noção..." Mas eu acho que o fato de eu ter convivido em ambientes institucionais e religiosos, também influenciou, sabe? Sabe aquilo do ver para crer? Eu tive... Eu frequentei templos. E eu realmente não gostei. Então eu acho que teria um pouco as duas coisas. Tipo... Eu já disse que ontologicamente, pela

natureza da minha fé, ela não caberia em denominações. Que a Igreja de Cristo seria uma e [sic] tarara, tarara. Mas, então por seguir a Cristo já não poderia. Mas eu também experimentei, e o que eu costumava falar é, tipo: "Meu, se eu tiver que fazer o que vocês fazem pra ir pro céu com vocês, eu [sic] tô bem de boa... Se o céu for isso aqui... 'Morte eterna, [sic] é nós...'"

00:18:27

*Entrevistador:* Então o que eu [sic] tô entendendo é que você teve algumas experiências, embora poucas, com a igreja, mas foram experiências negativas, então... [sic] Tô entendendo que não foi o único ponto, mas de certa forma contribuiu para chegar onde está hoje.

00:18:50

*Entrevistada 2:* Isso. É...

00:18:50

*Entrevistador:* Entendi. Vou fazer uma pergunta por curiosidade própria agora. Saindo aqui um pouquinho, mas... O que que... Qual... Que tipo de experiência negativa você teve nessa frequência de um templo a outro, a ponto de não querer ir para o céu com essas pessoas, usando a tua expressão aí...

00:19:22

*Entrevistada 2:* Então... É... Como se eu sentisse que... É muito diverso, né? Falando das igrejas evangélicas... A Igreja Católica, basicamente é fúnebre. Então não preciso dizer, né? Igrejas neopentecostais... Eu tenho abominação à teologia da prosperidade. Tipo, abominação. Eu... Por conhecer a Bíblia, é um espaço de engano, sabe? É um espaço de opressão às pessoas. É um espaço de mentira. Então quando, muitas... Muitas... Uma está no rol, completamente morta e apenas velhinhos bonzinhos. Então, beleza. A Católica. Outras evangélicas, elas estão no rol "doutrinas demoníacas", que pregam Cristo, mas são os falsos profetas, né? Porque tipo assim... O falso profeta é sempre aquele que diz que vai ficar tudo bem, né? E aí, a situação tá caótica... Então, doutrina estranha. E os outros ambientes... A Igreja Adventista que eu conheci faz uns dois anos, é uma mistura das duas coisas. Tipo... Ela é morta. Eu fui na Europa, porque eu estava na Europa esse ano. Até lá... Na Europa, a Igreja Adventista é católica, basicamente a cerimônia é igual. Então entra nesse rol. E no Brasil, eu achei um ambiente onde ninguém vive aquilo ali. Tipo, é um ambiente onde as pessoas só tão lá com medo de ir pro inferno, entendeu? A doutrina é em torno de: "Olha lá, Jesus vai voltar"... Mas eu achei um ambiente muito elitista... Aquele culto é extremamente elitista... Porque, calma... Na real eu tenho duas experiências com a Igreja Adventista. A primeira é na Central de Curitiba, que é uma igreja multimilionária, onde o sábado parece um culto de casamento. A minha amiga, foi demitida da associação por ser minha... Por frequentar meu apartamento, e ela era arquiteta. Tipo, basicamente as minhas amigas sofreram perseguição, por serem minhas amigas. Aqui em Curitiba. Então eu já tenho... Segundo, que tipo, eu fui estudar a doutrina, e eles não seguem nem a profetisa que, tipo, participou da fundação desse [sic] rolê, tipo... Essa parada institucional, se você pegar, a Ellen White lá foi contra isso. Aí eles, tipo, citam a mulher mas não são coerentes com o Espírito de Profecia. Então, não gosto. Acho... Odeio coisa incoerente. E aí, lá no Piauí, que eu fui fazer uma missão, eu tive contato com uma senhorinha adventista, e ela era um amor, ela dava a vida por aquilo, sabe? Bem [sic] "adv" raiz mesmo. Come legumes, é simples, vive pra amar os outros... Só que a instituição adventista não dava nenhum tipo de suporte a ela, sabe? Ela bancava as igrejas,

com o próprio bolso. Ninguém queria ligar para as igrejas que ela plantava no sertão, porque... Enfim... Não dava dinheiro. Então, a instituição... É que a adventista não é nem pentecostal e nem [sic] católico. Acho que é um pouco católica, tipo, vou vir aqui pra não ir pro inferno, mas ninguém vive aquilo ali, sabe? É uma instituição rica, que só serve pra patrocinar o medo das pessoas de arder no fogo do inferno... Tipo, eu acho isso.

00:23:04

*Entrevistador:* Entendi. Então, a tua experiência negativa com a igreja, ela é mais assim... [sic] Tô tentando definir aqui a diferença... Eu vou ter que fazer uma comparação aqui, tá? Porque a gente escuta muito de pessoas que tiveram frustrações com a igreja, por causa de um envolvimento que acabou não dando certo, seja por questão doutrinária, ou mesmo relacional. Fazendo essa comparação, a tua experiência negativa com a igreja foi mais externa, no sentido de ao observar a igreja, não encontrar o que você buscava, e por isso tem esse... Sobe esse muro, digamos assim, né? É mais ou menos isso?

00:23:47

*Entrevistada 2:* Isso.

00:23:49

*Entrevistador:* Então vou agora para a terceira pergunta. A gente falou um pouquinho do passado, para entender o seu contexto, a sua perspectiva. Agora falar um pouquinho mais do presente. E é uma pergunta um pouco mais prática agora... As outras são um pouco mais teóricas. Como se expressa a fé desfilada de uma igreja? Isso que eu queria descobrir nessa terceira pergunta. Como que se manifesta a fé sem o contexto da denominação, sem o contexto da igreja? Por exemplo: Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade? Outro exemplo: Como você consome o produto de cunho religioso? Da onde você consome produto religioso? E como você formata os valores que constituem o seu credo, a sua fé? Qual que é o seu referencial?

00:24:37

*Entrevistada 2:* Como se manifesta, como eu consumo produtos, e quais são os valores?

00:24:41

*Entrevistador:* Como que você constrói seus valores de fé. Por exemplo... só pra explicar essa daqui... Uma igreja tem lá o corpo doutrinário, então eu sigo aquelas doutrinas. Sem a igreja, como você formata o que você acredita?

00:24:53

*Entrevistada 2:* Tá. A primeira é como eu manifesto na prática e exponho a minha fé, né? Na prática. Na minha experiência pessoal, né? Porque...

00:25:02

*Entrevistador:* Exatamente!

00:25:09

*Entrevistada 2:* Então, na prática é muito mesa. Eu acho que a grande marca do seguidor de Jesus, assim... E eu vejo que houve um avivamento, é um processo espiritual mesmo, sabe?

De despertar de gente aleatória que se encontra para algum motivo espiritual, assim. Então, o ministério de Cristo é muito da reconciliação. Então na prática, quando eu segui Cristo eu comecei um processo de ter mais tempo à mesa com pessoas. A minha fé... Quando... Eu sinto assim: "Cara, esse aqui é um momento espiritual. É um momento de comunhão." É quando eu sento para comer com alguém. Eu nunca sento só para comer. Eu sento pra ter um momento ali de repartir algo, entendeu? E ver Cristo naquela pessoa. Então, como se expõe na prática? Organizando mesas, fomentando mesas, visitando pessoas, fazendo chamadas e falando sobre a cultura da mesa. Eu falo sobre o que eu creio no Instagram, por exemplo. Então, eu poderia resumir na mesa. A experiência, pra mim, cristã está em sentar na casa de alguém comer junto e botar para fora as verdades, orar e resolver o BO's. Tá, produtos. O evangelho do reino, né? Ele já está virando uma categoria. Você consegue... Já é uma classificação... "Não, aquela pessoa ali é do reino". Tipo, Ed René é do reino. É uma noção do evangelho, assim que comunica no coração. Existe na internet, né? Um grupo de pessoas que está sendo exposta... Tá sendo exposto... E são reconhecidos como pessoas que pregam o Evangelho do Reino, né? Então, a real é que eu tenho as influências clássicas. Eu sigo, gosto muito do Lewis – C. S. Lewis –, gosto do pessoal da Missão na Íntegra, e eu acho que por enquanto é isso... São as pessoas que... E Missão na Íntegra compõe Paulo Junior, Ed René, essa galerinha aí. Entendeu? Eu sigo nas redes sociais e se tiver...

00:27:28

*Entrevistador:* Então, basicamente, seu consumo religioso vem de livros e de internet.

00:27:47

*Entrevistada 2:* Isso. Podcasts... Metanoia...

00:27:53

*Entrevistador:* E como que você formata os seus valores de fé, então? Como que você decide, isso aqui eu creio, isso aqui eu não creio. Como que funciona isso?

00:28:05

*Entrevistada 2:* Então, Danny... Isso é um processo muito dinâmico, porque eu acho que passei por várias fases nessa caminhada. No começo era muito... "[sic] Tamos livres, Jesus tá com a gente... Bora amar mais e melhor"... Mas eu passei por... O que aconteceu foi que eu, aqui no meu apartamento em Curitiba, a gente começou uma *home church*, digamos assim, e a gente começou a viver meio que Atos dos Apóstolos, assim, sabe? Tipo, juntando os recursos, se reunindo pra... Como igreja. E aí eu... A gente percebeu, depois de algumas experiências, assim, meio traumáticas, sabe? Do quão importante é o crivo da comunidade, pra que você não permita que coisas absurdas aconteçam, entende? Então, eu acho que os meus valores são formatados quando eu vejo os frutos deles na comunidade. Tipo assim, por exemplo: Cara, se eu tenho vergonha de falar que eu fiz alguma coisa... Por exemplo: Eu teria uma \*\*\*\* vergonha de falar que eu baixei o Tinder aqui, todos de zoeira com a minha comunidade, entendeu? Então eu já sei que isso aí é algo que provavelmente não deve ser tão bom. Entendeu? Então levando questões para dialogar com pessoas que eu sei que me amam, que dão a vida por mim... A gente elabora os crivos espiritualmente, assim. Tem várias práticas que a gente faz, tipo... Estudar a Bíblia juntos, ou abrir a Bíblia aleatoriamente... O movimento do Espírito Santo, sabe? Na comunhão, assim. Então eu formato me submetendo a uma comunidade, simples... Uma igreja simples e doméstica, assim. Que é aberta a visitantes,

tal... Enfim, é isso... Eu acho que eu criei uma comunidade fluida. Não acho que eu conseguiria formatar sem isso.

00:30:18

*Entrevistador:* Entendi. Então basicamente, você... Se eu entendi bem, você tem ideias ali, conclusões, enfim... Que vão surgindo de pensamentos, de leituras... Mas levar para essa comunidade à qual você pertence, te ajuda a dar baliza. Se é por aí mesmo, ou se não é.

00:30:36

*Entrevistada 2:* Sim, sim. Sempre. É porque, eu acho que também seria \*\*\*\*\* evitar a Bíblia, né? É óbvio, que eu levo em conta a Bíblia. E a Bíblia... E eu tenho o meu jeito, né? Que é o que eu acredito, que Cristo é a chave hermenêutica de tudo ali. Nada, nenhuma previsão ali se sustenta, se não for com o objetivo de não amar alguém, né? Então, basicamente, tipo assim... Vamos lá... Como eu construo meus valores? Meu valor é: amar as pessoas. E aí, eu vou tentando entregar o meu melhor para elas na prática, tentando obedecer os valores que Jesus colocou. Deus sobre todas as coisas, e o próximo como a mim mesmo. Só que aplicar isso dá um trabalhão. Por isso que eu preciso da comunidade. E aí, será que ficar nesse relacionamento é amar essa pessoa? Será que eu estou colocando o meu emprego acima de Deus? Eu construo com base na meditação do que Jesus Cristo falou, e eu aplico com a ajuda da comunidade. Acho que uma coisa não existe sem a outra.

00:31:40

*Entrevistador:* Agora, tem uma frase que você falou, que me chama muita atenção. Na... Na sua construção anterior, você falou mais ou menos assim: Que tem o crivo da comunidade, que te ajuda a sustentar, então a comunidade te dá essa baliza, etc. E aí você falou que acaba atuando como uma igreja simples, pequena, caseira. Então essa comunidade – essa parte que me chamou a atenção – você vê como uma igreja...

00:32:06

*Entrevistada 2:* É... Eu sou bem birrenta com essa palavra. Porque eu realmente acho que igreja... Igreja pra mim é a palavra pior aplicada, assim... Hoje. Porque a igreja é uma coisa única. Eu tenho que olhar, tipo, os moradores de rua repartindo o pão e dizer: isso é a igreja. Nós somos a igreja, entendeu? Mas não é uma igreja, entendeu? Então, eu vejo como a igreja se reunindo. A igreja se reunindo.

00:32:41

*Entrevistador:* Deixa eu retomar então, uma outra situação que você colocou lá no início da... Na primeira pergunta você falou que tinha muita resistência com a palavra cristianismo, com a palavra cristão... Se declarar como cristão, por entender que carrega significados, socialmente falando, que você não concorda. Até que teve um dia que você entendeu que deveria carregar esse nome, aplicando o significado correto. Certo? Então o mesmo raciocínio dá pra se aplicar aqui, nesta palavra "igreja", nesse contexto?

00:33:15

*Entrevistada 2:* Dá. Dá, e ainda estou na transição. Porque uma coisa que eu sei: Dizer que eu abri uma igreja não faz sentido. Mas dizer que eu vivo a experiência de igreja, faz sentido.

00:33:31

*Entrevistador:* Então essa frase, para mim, é muito importante pra minha pesquisa. Você, hoje não pertence a uma igreja, mas você considera que vive a experiência de igreja.

00:33:40

*Entrevistada 2:* Absolutamente. Rumo ao Pentecostes.

00:33:45

*Entrevistador:* Essa frase pra mim é super importante. Bem marcante para o tema de pesquisa. Vou migrar para a quarta pergunta, porque eu acho que ela tem uma certa relação com isso que a gente está falando agora. Pensando no futuro... A gente falou do passado, presente, agora perspectiva futura, tá? Como você projeta a sua realidade... A sua religiosidade, melhor dizendo, de uma perspectiva futura? O que eu quero dizer com isso? Você se vê, sob alguma condição, na possibilidade de filiação a alguma igreja? De alguma forma hipotética... Aliás, essa é a grande pergunta... Alguma conjuntura de fatores poderia acontecer, que você se vê em algum cenário hipotético, se unindo a alguma igreja ou não?

00:34:37

*Entrevistada 2:* Então... Eu lembro que teve uma parte do ministério de Paulo, que ele precisava cumprir uma missão, e aí alguém deu uma dica para ele, pra ele raspar a cabeça, fingir que ele tipo... Ele entrar na cidade como se ele estivesse fazendo parte de algum grupo que está fazendo um voto religioso, lá no judeu, sabe? E aí Paulo, ele raspou a cabeça, entrou com a galera e cumpriu a missão dele. Então... Eu acho que seria me limitar, falar "não, nunca". Se Deus falar pra mim: " [sic] Ranca os brinco aí... Faz o rito, para que eles entendam quem você é, e recebam a mensagem", entendeu? Mas isso num processo instrumental, jamais existencial. Entende? É como chegar lá, sentar à mesa, respeitar o deus das pessoas, e falar: "Esse deus desconhecido aqui, te apresentar, bora".

00:35:42

*Entrevistador:* Então a possibilidade de união a uma igreja, seria mais para cumprir um objetivo específico, do que necessariamente por uma crença.

00:35:50

*Entrevistada 2:* Missional. Não, por crença eu acho absolutamente impossível. Mas missionalmente eu boto até burca.

00:36:00

*Entrevistador:* Ainda dentro dessa mesma pergunta. De forma hipotética, vamos supor, um dia... Só pra construir argumento... Se um dia você tivesse filhos, você pretende colocar pros seus filhos uma criação cristã e/ou eclesial? Como você pretende passar a cultura religiosa pros seus filhos, ou pretenderia?

00:36:23

*Entrevistada 2:* É que eclesial, você está falando do CNPJ, ou a *eclesia* de forma doméstica?

00:36:31

*Entrevistador:* Como você entende...

00:36:33

*Entrevistada 2:* A igreja é parte da experiência cristã. Simplificando, eu passaria minha fé em Cristo, através de comunidades em casa.

00:36:49

*Entrevistador:* Basicamente a experiência que você está vivendo hoje, que você descreveu que está vivendo hoje.

00:36:55

*Entrevistada 2:* Sim. Daria a opção. Se quisesse, se não quisesse também... Tá ótimo. Super entendo.

00:37:04

*Entrevistador:* E você considera seu status religioso, hoje, como algo temporário ou definitivo, digamos assim? Você se considera numa transição ou você está onde você buscava?

00:37:21

*Entrevistada 2:* Eu encontrei. Eu real. É... Eu me sinto meio... Aquelas amigas assim que namoram o sétimo cara, e aí "este é pra casar", mas... É que eu realmente sinto o que eu... Eu encontrei o que eu procurava, sabe? Eu morreria por isso. Sabe por que eu sei que eu morreria por isso? Porque eu morro. Então eu acho que eu já encontrei. Sério, se eu fosse... Se alguém me encontrar negando Cristo, pode me arrancar pelo cabelo ali e me exorcizar.

00:38:01

*Entrevistador:* Ok, ok. Quinta e última pergunta. Essa pergunta, eu confesso pra você, que pessoalmente, ela acaba sendo... Ela acabou sendo, eu diria, até o motivador para essa pesquisa em si. Pra buscar esse tema, e talvez para tentar responder a essa última pergunta. Então com base em toda essa experiência que você compartilhou aqui, toda sua perspectiva de fé e assim por diante... Qual, da sua perspectiva, deveria ser o papel da religião na sociedade atual? E agora estou falando da religião formal, institucional e assim por diante. Da sua perspectiva, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? E num mundo ideal, quais são as características que você diria, que deveriam ser mudadas nas igrejas? Seja para desenvolver algo, ou para abrir mão de algo. Resumindo, como você descreveria a igreja do século XXI?

00:39:01

*Entrevistada 2:* Quem resolveu se agrupar em CNPJ... Eu creio que pra promoção da justiça. Eu acho que o único sentido de você agrupar gente, e recursos, no CNPJ, sendo que você é cristão, é distribuir esses recursos aos órfãos e viúvas, né? Eu acho que biblicamente existe essa definição: Religião sem mácula é socorrer os órfãos e viúvas, e se ver livre da corrupção do homem. Então, quem são os órfãos e viúvas desse tempo? A juventude negra, os refugiados, as mulheres que estão sendo agredidas pelo marido. Entende? As pessoas que [sic] tão sem casa. As crianças que não têm escola. Se a igreja... Se o CNPJ não debate isso, os recursos dele são parte da causa do problema. É só concentração de renda. Então, o papel para mim, é centralizado em organizar a grana, e distribuir para a justiça. Que seja um lugar onde eu posso chegar: "Gente, conheci um caso de moradores de rua. Eles querem estudar,

eles querem trabalhar... Vocês bancam a liberdade deles? Sabe? Sem o batismo, vocês me dão suporte aqui, para eu, como cristã, fazer a minha tarefa? Eu acho que se não for para dar suporte à justiça, não faz nenhum sentido... Não precisa... Ó, para reunir pessoas não precisa de CNPJ. Para, o prédio... Ele tende a gerar muito mais dissensões assim, e corrupção. Fora que lembra uma lógica do Velho Testamento, que Jesus deu [sic] mó trampo para tombar, sabe? O rasgar do véu. Confunde as pessoas no cristianismo, você ter um templo. Fora que as reuniões grandes não permitem que a experiência de igreja aconteça. Então assim, dar suporte à justiça que pequenos grupos cristãos vivem. Entendeu? Eu gostaria de ter, quando encontro uma igreja... E eu tenho amigos que são, que sentiram de fundar uma igreja, sabe? E eu respeito a opção deles, e eu gosto de contar com eles. Tipo assim: "Cara vamos levantar uma doação." Bora! Sabe? Envio de missionários e custeio de missão. Fora isso pra mim é um grande embuste assim... Que atrapalha a fé das pessoas, entendeu? Porque gera confusão, corrupção, ganância política. Não faz sentido. Até para as famílias de pastor, é extremamente cruel. Tipo, os membros não têm uma experiência cristã satisfatória, porque eles pagam para que alguém faça experiência espiritual, e quem está lá fazendo uma experiência espiritual, o filho está se suicidando... Tipo, as famílias pastorais, não acho saudáveis, entendeu? Tipo as que eu conheço... Eu acho uma... Assim, um grande desserviço. Se não for apenas para financiar a missão.

00:42:32

*Entrevistador:* Certo. Beleza. Essas eram as minhas perguntas. Você tem alguma dúvida, ou quer colocar alguma consideração final para gente poder concluir a entrevista?

00:43:05

*Entrevistada 2:* Acho que não.

## ANEXO C - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADO 3

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 21 de agosto de 2020, via plataforma Zoom

00:00:00

*Entrevistador:* Então vou começar, aqui, com um termo de autorização. São três perguntas, se você concordar, claro, é só responder afirmativamente aí, tá? Então a primeira delas, vou ler aqui: Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista, e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:21

*Entrevistado 3:* Sim, concordo plenamente.

00:00:24

*Entrevistador:* Segundo: Entendo que minha participação é voluntária, e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:00:34

*Entrevistado 3:* Concordo totalmente.

00:00:36

*Entrevistador:* Terceiro e último: Concordo em participar da entrevista, e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:00:46

*Entrevistado 3:* Sim, perfeito. Concordo.

00:00:48

*Entrevistador:* Beleza. Vou agora então para os dados gerais aqui, para a gente poder ter registrado. O primeiro é teu nome completo, por favor.

00:00:55

*Entrevistado 3:* Entrevistado 3.

00:01:22

*Entrevistador:* Seu ano de nascimento.

00:01:26

*Entrevistado 3:* 97, 1997.

00:01:28

*Entrevistador:* Seu gênero declarado.

00:01:31

*Entrevistado 3:* Masculino.

00:01:45

*Entrevistador:* Cidade de residência.

00:01:45

*Entrevistado 3:* São Paulo, capital.

00:01:51

*Entrevistador:* E a sua declaração religiosa. Qual que é a sua religião?

00:01:56

*Entrevistado 3:* Cristão é uma religião? Ser cristão? Cristianismo é uma religião?

00:01:59

*Entrevistador:* Como você declara...

00:02:00

*Entrevistado 3:* Eu me declaro cristão.

00:02:08

*Entrevistador:* Agora vou entrar nas perguntas em si. Como eu mencionei, são cinco perguntas mas bem abertas. Essa primeira pergunta é um pouco mais introdutória para... Enfim, entrar na temática, um pouco mais geral. Então, eu não sei se alguma vez você já leu sobre isso, mas existem... As últimas pesquisas do Censo no Brasil, mostram um crescimento bastante significativo desse grupo, denominado sem religião. Na verdade isso já vinha há algumas décadas, mas desde a década de 90, esse assunto se tornou tão relevante, a ponto de se tornar tema de estudo mesmo. No último Censo que a gente teve, de 2010, a informação que a gente teve é que o sem religião teve um crescimento considerável, a ponto de hoje, segundo esse Censo, ser a terceira maior religião do Brasil. Quase que ironicamente, né? O sem religião é a terceira maior religião do Brasil... Então esse crescimento chama muita atenção. E existe, inclusive, a expectativa de que no próximo Censo, nos próximos anos, esse número cresça ainda mais. Bom, mas ainda assim é um grupo muito descentralizado. Por isso a compreensão da filosofia que envolve isso, acaba sendo um desafio. Aí vem a pergunta... Na sua perspectiva, do seu ponto de vista, o que significa ser sem religião? Como você entende esse conceito? E quais são os impactos dessa declaração para a sua fé? Como que isso faz diferença na expressão da fé?

00:03:42

*Entrevistado 3:* Tá bom, então. A primeira pergunta, né? O que significa ser sem religião pra mim? Pra mim significa que a pessoa, né? Eu, por exemplo, sigo o meu próprio caminho, sem seguir uma doutrina efetivamente falando. Por exemplo, quando você se categoriza sendo de uma religião específica, obviamente você tem que seguir as doutrinas que estão dentro daquele tipo de religião. Então, por exemplo: O tipo de roupa que você usa; com quais pessoas você pode conversar; quais lugares você pode frequentar... E hoje em dia, pelo menos para mim, e eu vejo até em alguns amigos meus, que é esse sistema que você tem que ficar fechado no casulo, não serve mais, nem para mim, nem para outras pessoas. Então, às vezes, pra você não ter que seguir uma doutrina que não condiz com sua personalidade, você escolhe sair dessa doutrina e buscar uma própria. Por exemplo, se eu me considero cristão, então eu deveria seguir a Bíblia, e não uma igreja específica. No meu entendimento, as igrejas e as religiões servem para separar pessoas. Eu acredito que a Palavra de Deus vem para unificar as pessoas, para ser uma coisa ligada diretamente a ele. E não ligada a placas e nomes de igreja, por exemplo. Então, eu considero que o movimento sem religião seja isso: A busca pelo próprio caminho. E a segunda pergunta, qual que foi? O impacto que isso tem na minha vida?

00:05:19

*Entrevistador:* Exatamente. Que tem na expressão da fé como um todo... Que diferença faz se declarar como sem religião?

00:05:27

*Entrevistado 3:* Entendi. A diferença faz o seguinte: Eu percebi, na época que eu frequentava a igreja, que eu estava lá simplesmente para bater um cartão. Então, eu não exercia o cristianismo real, que é ajudar o próximo, ter compaixão, ajudar nas obras de Deus pela minha própria vontade. Eu sentia que aquilo era uma imposição social dentro da igreja, e eu não estava me sentindo livre para tomar minhas próprias escolhas. Então o impacto hoje de não estar dentro de uma igreja, é que eu me sinto livre para exercer o verdadeiro cristianismo. Na minha concepção, Cristo não veio para prender as pessoas, ele veio para libertá-las. Se você quer ser livre dentro de uma... De uma doutrina, você não pode seguir uma pessoa, você tem que seguir a filosofia em si. Então o impacto disso na minha vida é que hoje eu me sinto livre para tomar minhas decisões... Eu me sinto muito melhor do que antes. Eu não me sinto na obrigação de fazer algo, eu faço aquilo de coração. Eu considero isso muito mais importante, do que você ter que bater cartão todo domingo, no horário específico... Posso fazer isso todos os dias da minha vida, entende? Então esse é o impacto na minha vida.

00:06:46

*Entrevistador:* Perfeito. Beleza. Pensando agora um pouquinho na perspectiva passada, vou dizer assim. Eu queria entender um pouquinho do seu contexto religioso, tá? Então basicamente, o que eu queria saber é o que te levou a se declarar como sem religião, ou usando o termo que você usou, como cristão, desfiliação de uma igreja ou outra. É isso que eu queria entender. Então a partir disso, algumas perguntas para entender isso. O que você acredita expressar a partir dessa autodefinição? Quando você se declara como sem vínculo religioso, o que é que você acredita que está expressando com isso? Também queria entender qual o seu histórico religioso. Você vem de uma família, ou você mesmo já se envolveu em alguma denominação no passado? E a última parte é se você entende que a sua posição atual, na religião, é uma reação a uma experiência que você teve antes, ou é o resultado de algo que você estava buscando.

00:07:52

*Entrevistado 3:* Tá bom. Então é o meu histórico, o que eu acredito expressar, e se isso que eu expresse hoje é resultado ou consequência. Ok. Então vamos primeiro o meu histórico, né? Eu fui criado pela minha mãe, praticamente, minha infância inteira. E... Ela sofreu muito na infância dela, por conta que a vó dela cobrava ela na igreja, julgava ela de diversas formas... Às vezes ela não estava fazendo nada de errado, ela tinha que se sentir culpada, porque os avós dela impunham isso para ela... Então ela decidiu que a partir do momento que ela fosse mãe, ela não iria cobrar esse tipo de atitude de nenhum dos filhos dela. Então eu fui criado sem religião praticamente. A minha mãe, ela acredita no amor ao próximo, ela acredita no fazer o bem... Então ela me ensinou princípios morais, que hoje eu encontro dentro do cristianismo. Mas ela nunca me cobrou seguir uma igreja específica, seguir uma religião específica. Depois disso, quando eu fui ficando mais velho, um pouco depois da minha adolescência... Depois dos 18 anos. Fui apresentado a Cristo, né? Um jovem no meio da rua me abordou, a gente começou a conversar, e ele me mostrou a Bíblia... E a partir dali eu nunca mais parei. Naquele momento que eu conheci o cristianismo. Porém, quando ele estava fazendo os estudos comigo, eu percebi que ele fazia parte de uma igreja. E eu era obrigado, praticamente, a comparecer em todos os cultos... Quando eu fiquei duas semanas sem comparecer, porque eu precisava de um tempo para mim, de introspecção, eu fui excluído dos grupos de WhatsApp. E isso me fez muito mal. Teve um jogo de vôlei, por exemplo que eu

participei, que eu [sic] tava de regata, e tinha umas meninas, e parecia que não podia usar regata no jogo, e me falaram isso só no final... Então me senti envergonhado por ser eu mesmo, e por estar naquele local. Então essa vergonha, essa cobrança, sabe? Essa exclusão, caso você não siga cegamente aquilo que eles acreditam, me fez sair desse meio. Então, a partir disso... Isso foi no ano passado, comecinho do ano, né? A partir disso eu escolhi seguir meu próprio caminho. Então, o que eu acho que represento hoje é questão da liberdade, né? Eu hoje me sinto plenamente livre a seguir a Cristo por amor, e não por obrigação. A fazer o certo simplesmente porque é certo, e não porque eu sou obrigado a fazer o certo, com medo das consequências. Então, eu separei uma coisa na minha cabeça: Antes eu seguia a palavra de Deus por medo. Por medo das consequências, por medo de ser excluído do meu meio social... Hoje eu sigo a palavra de Deus por amor, porque eu considero certo. Então, eu acho que quando você não está preso a um local específico, você automaticamente representa a liberdade de ser você mesmo. Então, aquilo entra no seu coração. A moralidade, a doutrina, ela entra no seu coração, e faz você ser uma pessoa melhor. Não por medo, mas por querer algo melhor pra sua vida. Então eu represento, na minha concepção, essa questão da liberdade, de não tá num local, ou alguma pessoa específica, como algum pastor, um padre, independente disso... E a terceira pergunta que você falou, é se isso é uma consequência, certo?

00:11:20

*Entrevistador:* Dado esse contexto, isso é uma reação a algo que você viveu, ou algo que você [sic] tava buscando?

00:11:25

*Entrevistado 3:* Então, eu considero que seja um pouco das duas coisas. Eu ter saído de uma igreja, foi uma reação àquele contexto, que eu me senti um pouco preso. Entendeu? Aquele tipo de doutrina... Então eu ter saído da igreja, foi uma reação. Agora, eu continuar buscando a Deus, mesmo saindo de uma igreja, aí foi resultado de eu querer conhecer cada vez mais a Deus, de eu querer passar por uma experiência espiritual verdadeira na minha vida. Então, eu acho que as maiores transformações na minha vida ocorreram, quando eu entrei dentro da minha pessoa, e não busquei fora daquilo. Então eu busco a Palavra de Deus e eu interiorizo isso primeiro, então eu preciso desse momento de introspecção, ao invés de ficar toda semana convivendo com pessoas, e seguindo uma doutrina que eu não sei o porquê que eu estou fazendo aquilo. Deu pra entender mais ou menos?

00:12:18

*Entrevistador:* Sim, claro! Deu pra entender sim.

00:12:24

*Entrevistado 3:* Então, a terceira pergunta seria uma junção das duas coisas. Eu saí de uma situação, por causa de uma consequência negativa. Mas eu continuo buscando a Deus, pelo resultado de querer algo melhor para a minha vida.

00:12:38

*Entrevistador:* Bom, a gente falou um pouquinho desse contexto passado, né? Nessa terceira pergunta, eu queria entender um pouquinho mais do seu presente mesmo. E talvez, até seja a mais prática de todas. Como se expressa a fé desfilada de uma igreja? Isso que eu queria entender. Como que a fé cristã se manifesta, sem nenhum laço, sem nenhum... Pertencimento a uma denominação, a alguma igreja organizada? Por exemplo: Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade? Como ou o que você consome de produto de cunho religioso? Onde você busca isso? Como você formata os valores que constituem a sua fé?

Qual que é a referência que você usa para balizar aquilo que você acredita, ou que você não acredita? Como que você expressa essa fé desfilada da igreja?

00:13:36

*Entrevistado 3:* Então, eu vou dizer, então, o que eu faço no dia a dia... A primeira coisa que eu tive que mudar, foi principalmente os meus pecados de estimação. Sou um homem, jovem, eu tenho desejo... Mas eu sentia que a minha rotina anterior, do passado, não estava condizente com os princípios e a Palavra de Deus. Por exemplo: Só ter relação sexual com o casamento, por exemplo; não cobiçar a mulher do próximo... Então, depois que eu fui aprendendo esses princípios, eu vi que a minha vida não estava condizendo com isso. Então, a primeira coisa que eu tive que fazer, foi cortar pecados de estimação. Buscar uma vida de retidão real. A partir do momento que eu tomei essa decisão, eu... Minha rotina é embasada praticamente, em leitura, vídeos e músicas. Como assim leitura? Eu comprei livros cristãos... Porque eu considero que, para você fazer alguma coisa se desenvolver dentro de você, você tem que consumir aquilo, você tem que se alimentar daquilo. Então eu comprei livros o "Teleios", "O Homem Completo", "Até que Nada Mais Importe", "Como Orar". Eu gosto de pesquisar também sobre personalidades, então eu aprendi que coisas que eu considerava defeitos nas pessoas, hoje eu vejo que, na verdade, elas são como são. Então não tenho porquê julgá-las por causa disso. Então eu busquei a compreensão do cristianismo, através da experiência de alguns autores. Músicas também, de cunho pejorativo eu cortei da minha vida... Por exemplo: funk, essas coisas... Eu montei uma *playlist* de louvores... Então quando eu [sic] tô me sentindo um pouco deprimido eu tento ouvir aquilo para me aproximar mais de Deus. Oração diária, foi a principal mudança na minha vida. Antes, eu aprendia na igreja, por exemplo, a orar de um determinado formato. Hoje, não estando na igreja, eu aprendi a orar com meu coração. Então eu exponho a Deus os meus dilemas, as minhas dúvidas, alguma tomada de decisão... Oração diária. E isso transforma muito mais a minha vida, do que quando eu estava simplesmente seguindo um protocolo. Agora publicamente, você perguntou, né? Eu participo do Reset. Eu tento juntar o meu trabalho ao que eu acredito, o cristianismo. Então eu edito vídeos cristãos, ouço pregações, ouço músicas a partir disso. Freqüento... O meu círculo de amizades mudou também, agora são amizades que buscam a mesma coisa que eu. Então, eu acho que a gente não precisa estar ligado a um local específico, para fazer diferença na nossa vida. Aquilo tem que partir, primeiramente de dentro de nós. Existe uma coisa chamada conversão, que eu aprendi... Pelas experiências que eu [sic] tô vivendo, né? Então, a partir do momento que você é convertido realmente, não importa o lugar que você esteja, você vai exercer aquilo onde quer que você esteja. Então, por exemplo: "Ah, eu não posso mentir". Eu não vou parar de mentir só dentro de uma igreja, e fora da igreja eu posso voltar a mentir... Não. A conversão verdadeira, é aquela que acontece quando todos os momentos da sua vida, você pratica aquilo que você prega. Então a expressão na minha vida hoje, é essa: Acordar de manhã, orar... À tarde, se eu quiser ouvir alguma coisa, eu escuto alguma coisa... Vídeos no YouTube também, de alguma pregação... Quando eu estou me sentindo mal, eu saio com a minha família... Uma coisa que eu sinto mudança verdadeira na minha vida, foi referente à família. Hoje eu valorizo muito mais a minha mãe, o meu irmão... Antes eu brigava muito com meu irmão, agora vejo que não tem porquê fazer isso, porque ele é uma criança... Então, eu acredito que quando você se alimenta dessas coisas, dia após dia, você passa por um processo de transformação. Ser cristão não é um objetivo e fim. Na minha concepção... Ser cristão é um processo. Processo diário. É fácil? Não é fácil, você abdicar de algumas coisas da sua vida. Mas eu acho que é importante você ter mudanças, para realmente fazer algo diferente na sua vida, entende? Então... Respondi a pergunta?

00:17:54

*Entrevistador:* Sim! Com certeza. Um outro ponto que eu destaco em cima disso aqui, para

fechar essa pergunta é: Como que você baliza... Então como que você constrói a sua fé? A partir da experiência... Você mencionou leituras que você faz, você mencionou músicas, como você busca manifestar isso, e a diferença que fez... Mas como que você decide, assim: “Isso eu creio, isso eu não creio”? Como que você cria a estrutura do que é de fato a sua fé?

00:18:25

*Entrevistado 3:* Como crio a estrutura... Ah, entendi. É...

00:18:25

*Entrevistador:* Deixa eu dar um exemplo aqui, só para explicar melhor a pergunta... Ficar um pouco mais claro. Porque eu [sic] tô fazendo essa pergunta? Talvez uma pessoa que frequenta uma denominação, ela tem ali um corpo doutrinário, e é isso que nós cremos. Que nem você mencionou na sua experiência anterior, né? Cremos nisso, então ela vai seguir aquilo. Quando eu não tenho esse referencial... Como que você constrói aquilo que você acredita ou não?

00:18:55

*Entrevistado 3:* Uma coisa, assim, que aconteceu na minha vida, e acontece ainda todos os dias... Uma coisa que está dentro de mim, que eu chamo de Espírito Santo. Espírito Santo é aquele que nos convence da justiça e do juízo. Então quando eu estou perante uma situação que eu tenho dúvidas, a primeira coisa que eu faço, é buscar a Deus de verdade. Eu oro, eu peço, e não sei o que acontece, Danny... Algo acontece, assim, na minha mente, que me convence que aquilo é certo, que aquilo é errado, qual o melhor caminho a seguir... E quando eu estou com mais dúvida ainda, eu busco dentro da palavra de Deus. Então, por exemplo, logo que comecei nesse processo de cristianismo, eu estava em dúvida se outras religiões não estariam corretas. Por exemplo: o espiritismo, o budismo, entre outras. Então, poxa, se todas as religiões pregam algo bom, porque todas não são corretas, somente o cristianismo é a correta, na minha concepção? E eu vi que as outras religiões, tem sim algumas diferenças com a Palavra de Deus. Se a Palavra de Deus é algo eterno e imutável, é aquilo que você tem que tirar como base. Então, se dentro de uma igreja segue uma doutrina a partir de escritos bíblicos, a partir das Escrituras, porque eu não posso embasar minhas decisões também, a partir das Escrituras? Então, por exemplo: Ah, eu achava que espiritismo não era uma coisa boa. Aí eles consultam espíritos. Aí eu falava: “Então por que que isso está errado?” E aí do nada, eu pesquisei na internet alguma coisa assim, e aí eu fui buscar na Bíblia, e apareceu uma passagem lá, de Saul que consultou uma feiticeira, e aí todas as consequências que aconteceram na vida dele a partir disso... Então ali eu vi que consultar espíritos não é uma coisa boa. Por quê? Porque quando você consulta um espírito, você está entregando o seu coração e o seu entendimento a ele. Mas a Palavra de Deus diz que você deve buscá-lo com todo seu coração, com toda a sua alma e com todo o seu espírito. Então ao invés de consultar um espírito, eu consulto a Deus. Então a base que eu tiro as minhas conclusões? Primeiro lugar, tá na palavra dele, e também, no mesmo nível, tá o Espírito Santo. Danny, eu não consigo explicar... Ele que me convence quando algo tá errado ou não. Você tem que ser sensível a isso. E a melhor forma, na minha vida, que eu encontrei para ser sensível ao espírito dele, é buscar a retidão, é buscar a oração, é ter uma comunhão real... Se você, por exemplo, se você é casado, você tem um relacionamento com a sua esposa, eu aprendi que você não pode conversar com ela de vez em quando... Ah, só uma vez por semana, só domingo converso com minha esposa, só segunda-feira... Poxa, como que vai ser o relacionamento de vocês dois, entende? Então, se eu quero de verdade, buscar um relacionamento com Deus, é diário. E aquilo acaba transformando as nossas ações e as nossas atitudes. Nenhum homem, nenhuma igreja... Nenhuma igreja vai transformar o caráter de uma pessoa. É a palavra, e o Espírito de Deus que transforma o mundo. É ele quem nos convence do que é certo e errado. Então é nisso que eu balizo a minha fé, entende? É uma coisa muito

subjetiva, sim, porque é experiencial, não é doutrinário. Você tem que viver aquilo, pra acreditar de verdade. Entende? Então é isso...

00:22:23

*Entrevistador:* Achei interessante essa última frase, né? É uma religião, uma religiosidade, mais experiencial do que doutrinária. Cara, eu queria que você falasse um pouquinho... Você mencionou aqui nessa pergunta... Sobre o projeto, o Reset, né? Você mencionou que faz parte. Queria que você comentasse um pouquinho, o que significa isso para a sua forma de expressar a espiritualidade. Então você... Você tem uma espiritualidade desprendida de uma igreja formal, mas existe um projeto que você contribui. Como isso... Como que funciona isso? Como que isso... Enfim, corrobora para a expressão da sua fé?

00:23:06

*Entrevistado 3:* Primeiramente, o Reset, como você sabe, né? É um grupo cristão, principalmente voltado para jovens adultos, né? Que busca essa comunhão, essa troca de ideias... A gente canta a música, a gente canta louvores... Coisas que a gente poderia fazer no mundo, ir numa balada e uma coisa... A gente vai no Reset, e escuta músicas cristãs. Então o Reset para mim hoje, é aonde eu faço amigos novos, aonde eu escuto música, é aonde eu escuto uma palavra, é aonde... Quando eu estou querendo conversar com alguém, eu consigo pessoas que seguem alguma coisa próxima ao que eu sigo... Então, é diferente você querer conversar com alguém, num local que não tem nada a ver com você, e conversar com alguém em um local que as pessoas buscam o mesmo que você tá buscando, que é uma conexão maior, uma comunhão maior com Deus. Então, o Reset pra mim é: Coisas que eu poderia fazer no mundo, eu faço lá. Tendo pessoas, tendo amigos, tendo a música, tendo essa parceria real. Eu acho que lá é muito mais do que uma placa. Lá, é como se fosse uma família, é lá onde você faz amigos, entende? Então eu acho que nós, seres humanos, não fomos criados para viver sozinhos. Eu posso buscar a Deus sozinho, no meu quarto, trancado o dia inteiro, sete dias por semana, todos os dias do ano. Eu posso fazer isso. Mas eu acredito que nós, seres humanos, nós fomos criados para estar em comunhão. Então a gente busca comunhão com aqueles que estão condizentes com o que a gente pensa, com os nossos princípios, entende? Então o melhor local que eu busco comunhão com pessoas é dentro do Reset. Um local cristão, jovem, desprendido também. Se eu prego liberdade e eu encontro essa liberdade no Reset... Você não precisa ser outra pessoa para fazer parte desse movimento. Você não precisa estar lá todos os dias, no mesmo horário, por exemplo, pra fazer parte desse movimento. Hoje tá me virando pra uma parte mais digital, online. Mas a experiência de você ir lá... Então, assim, para mim Reset é como se fosse um complemento da minha vida. Um complemento daquilo que eu estou buscando diariamente. Se eu viver sozinho, ou se as pessoas começarem a viver sozinhas, as pessoas vão piorar. Elas precisam ter convívio com outras pessoas. E o melhor lugar que eu achei isso... É um lugar que não impõe uma doutrina a você, um lugar que ensina a Palavra de Deus, um lugar onde os jovens buscam a mesma coisa que você tá buscando. É questão de adaptabilidade. Você fica no local onde você se sente mais confortável, melhor e acima de tudo, sem julgamentos e sim ensinamentos. Você pode ensinar algo para uma pessoa sem julgar. E o primeiro lugar assim que eu encontrei, que existe isso de ensinamento sem julgamento, é esse movimento que eu encontrei. Pode sim, existir milhares de movimentos pelo Brasil que eu desconheço, que fazem coisas diferente, até melhores que o Reset. Mas hoje, no processo que eu [sic] tô vivendo na minha vida, lá é o melhor lugar que eu gostaria de estar, quando estou fora de casa. Por exemplo.

00:26:27

*Entrevistador:* Você considera o Reset... Vou fazer uma pergunta mais direta, aqui. Você considera o Reset como a sua igreja? Ou não tem nada a ver com uma igreja?

00:26:40

*Entrevistado 3:* Então, depende do ponto de vista, né? Se você considerar na igreja uma estrutura, lá eu não considero uma igreja. Agora, se você considerar uma igreja, a junção de pessoas que estão no corpo de Cristo, lá eu considero uma igreja. Então depende do ponto de vista, depende onde você vai buscar esse significado. Lá é uma hamburgueria. Como que uma igreja tá dentro de uma hamburgueria? Não faz sentido isso. As pessoas criaram um estereótipo da igreja muito diferente do que ela realmente é na Palavra de Deus. Agora, a partir do momento que um ou dois, mais, se juntam para falar dele, para falar do senhor, lá ele estará presente. Então, quando se juntam várias pessoas num local pra falar da Palavra Deus, eu considero que lá, o corpo de Cristo está presente. Então depende do ponto de vista do que você considera, hoje, uma igreja. Aquilo que está na Bíblia, ou aquilo que foi estereotipado com o passar dos anos? Entende?

00:27:42

*Entrevistador:* Perfeito. Bom, agora eu vou migrar para uma pergunta... A gente falou do contexto, passado, né? Falamos de como ela se manifesta agora... Então agora eu vou te perguntar de um ponto de vista mais futuro e mais hipotético aqui. Eu queria saber como você projeta sua religiosidade, numa perspectiva futura. Por exemplo: Você se vê, sob alguma condição, na possibilidade de se filiar a alguma igreja? Se algum cenário se montasse, tudo colaborasse, etc. Você vê algum cenário onde você, num futuro hipotético, se juntaria a uma igreja?

00:28:28

*Entrevistado 3:* Olha Danny... Cara, eu vou ser sincero. Quando sair da parte liberdade, e migrar para a parte doutrina, não combina comigo. Então se o Reset, ou qualquer lugar que eu esteja, ele se transformar numa coisa doutrinária, numa coisa burocrática, e tirar a liberdade individual de cada pessoa... Aí lá eu não vou estar. Pelo menos no pensamento que eu tenho hoje. Como que eu projeto minha espiritualidade no futuro? Eu acredito que através do meu trabalho, né? Eu antes... Eu fiz contabilidade, e hoje eu estou editando vídeo, sabe? Uma coisa que não tem nada a ver uma coisa com a outra. Mas eu quero que meu dia a dia, sabe? Aonde eu dependo mais tempo, esteja ligado a algo que eu acredito. Com certeza eu vou mudar algumas coisas da minha vida futuramente... Mas essa parte de se filiar a alguma igreja... De novo, se for a igreja da primeira opção, que é uma estrutura, doutrinária, que você tem que cumprir protocolo, que você tem que deixar de ser você mesmo para fazer parte daquele contexto, eu não me considero lá. Agora se for uma igreja com pessoas que têm sua própria expressão, têm seu próprio entendimento, e que juntos você... As pessoas crescem em comunhão, aí lá eu posso estar. Então, eu não gosto desse negócio de placa de igreja. Porque eu acho que as pessoas são tão únicas, tão individuais, tão especiais, que é difícil você denominar uma pessoa, ou ter um pré-conceito dela, ou julgá-la de uma forma, de acordo com uma placa. Por exemplo, se eu falasse que eu sou adventista... Eu posso concordar ou discordar de várias coisas dentro da Adventista, eu não conheço. Eu [sic] tô dando um exemplo. Igreja Católica, por exemplo, eu posso concordar e discordar. Mas a partir do momento que eu coloco aquilo como definição do que eu sou, aí eu já estou fugindo daquilo que eu acredito hoje. Entende? Então eu acredito que a igreja não pode definir as pessoas e sim as pessoas que definem uma igreja, um local, uma comunhão. Entendeu? É a individualidade de cada um que vai fazer o negócio evoluir, crescer, se expandir da melhor forma possível. E não você colocar todo mundo num funil. Entende o que eu quero dizer mais ou menos?

00:30:55

*Entrevistador:* Aham.

00:30:58

*Entrevistado 3:* Tá? Então, se virar doutrinário, eu não acredito que faria parte não.

00:31:02

*Entrevistador:* Cavando um pouquinho mais fundo... Num cenário hipotético. Vamos supor que um dia você tenha filhos. Você pretendia, nesse cenário hipotético, ensinar a seus filhos valores cristãos? E você pretende ensinar a seus filhos a cultura de uma igreja?

00:31:25

*Entrevistador:* Sim pra primeira, e não pra segunda. Valores cristãos, eu acho que são princípios universais. Se Deus nos criou à sua imagem, e ele criou um livro que nos mostra o que é certo, o que é e errado, o que que é o melhor para nós ou não, eu criaria os meus filhos através dessas doutrinas... Doutrinas não, mas através desses princípios morais. "Filho, mentir é errado. Por que é errado? Porque vai acontecer isso com você. Filho, viver uma vida de luxúria é errado. Por que é errado? Porque vai acontecer isso". Ação e consequência. Pra ele tomar suas próprias decisões. Vou dar a base necessária para ele ser uma pessoa de bem. Agora, colocá-lo dentro de uma estrutura, eu acredito que não vou fazer. Claro, se eu frequento um lugar onde a maioria é cristão, e a maioria tem filhos, e eu levo meu filho, obviamente o meu filho vai ter convívio com essas pessoas. Mas não por obrigatoriedade. Claro, se ao invés de eu colocar meu filho na rua, ele pode estar comigo em algum lugar, prefiro levar ele comigo do que deixá-lo na rua largado... Sabe o que eu quis dizer? Entendeu? Então, sim, eu mostraria princípios cristãos, pra ele ser uma pessoa de moral. Uma boa moral, um bom caráter. Mas não uma estrutura fixa, para que ele perca a identidade dele, e só faça parte daquilo. Entende o que eu quero dizer?

00:32:55

*Entrevistador:* Entendo. Então você considera, para fechar esse ponto futuro, você considera seu status religioso hoje como temporário ou como definitivo?

00:33:08

*Entrevistado 3:* Eu considero como definitivo. Porque os princípios de Cristo são imutáveis. Ele através do exemplo, ele mostrou para nós o que que nós podemos ser. Mostrou para nós qual que é a nossa melhor versão. Então quando a gente vai, realmente, a fundo dessa situação, a gente vê que aquilo é imutável. O melhor exemplo de ser humano, para mim, foi Cristo, e é até hoje. Então, por que que eu mudaria o melhor exemplo do mundo? Entende? Então hoje meu status, pra mim, seria definitivo. Mas é um definitivo que evolui. Entendeu? É um definitivo que você sempre melhora a caminho e em direção a Cristo. É um processo.

00:33:52

*Entrevistador:* Tem espaço para crescimento.

00:33:52

*Entrevistado 3:* Exatamente. O processo de evolução é definitivo. No meu ponto de vista. Entendeu? E não ficar estagnado num ponto, por muito tempo. Entende, mais ou menos, o que eu quero dizer?

00:34:07

*Entrevistador:* E só para confirmar, essa... Essa compreensão definitiva, ela se aplica também ao status do sem religião. Isso também você considera como definitivo e não temporário.

00:34:20

*Entrevistado 3:* Sim, eu considero definitivo. Status sem religião. É complicado, porque se a

gente for na fonte mesmo, né? Qual seria a religião de Cristo? Ele não era... Ele não tinha religião. Ele mostrou o caminho para chegar até Deus. Simplesmente. Essa foi a missão dele aqui na terra. Se entregar por nós, e tudo, mostrar o caminho certo a seguir... Então, se a gente for seguir o exemplo dele de uma pessoa sem religião a gente também não tem religião. Porém a gente tem princípios que nos levam a Deus. Entende o que eu [sic] tô querendo dizer? Então assim, por exemplo... O que que é cristão? Cristão é aquele ungido, né? Pequeno Cristo... Depende de qual ponto da história você vai avaliar. Então se pra seguir o caminho de Cristo, ou pra tentar, pelo menos, ser o mais próximo do que ele foi, eu tenho que ser considerado cristão, ter essa denominação... Que assim seja. Agora, se essa denominação for "sem religião", porém você busca a Deus com todas as suas forças... Que assim seja também. A questão não é o nome que você dá para o caminho que você tá seguindo, e sim a forma como você tá seguindo esse caminho. No meu ponto de vista. Eu posso colocar que eu sou o maior religioso do mundo, sabe? O melhor cristão do mundo. Mas eu pratico isso no meu dia a dia? Então para mim, mais importante do que o nome, são as ações. Muita gente se considera ateu, por exemplo, e tem práticas de compaixão, práticas de amor ao próximo, de caridade... Eu tenho um primo que se considera agnóstico, ele não acredita em nada. Mas você vê que ele é uma pessoa ótima. Sabe? Você vê que ele segue... Mesmo sem entender ou sem saber, ele segue os princípios cristãos, sendo agnóstico. Então mais importante do que esse nome que você vai se definir, são suas ações perante o próximo, perante a sua família, perante a sociedade... Eu posso ir na igreja todos os dias, eu posso me filiar àquele tipo de situação. Mas eu posso chegar em casa e maltratar minha mãe, maltratar meu irmão. Entendeu? É a prática que faz a diferença na sua vida, não o nome que você vai dar para si mesmo. Entende o que eu quero dizer? Na minha concepção é isso.

00:36:51

*Entrevistador:* Beleza. Eu vou para a quinta e última pergunta então. Eu confesso para você que essa pergunta, ela tem um lugar especial aqui nesse roteirinho... Porque essa informação talvez seja o que, particularmente, me motivou a buscar estudar esse tema. Para tentar responder a essa pergunta. Então, eu queria saber o seguinte: Da sua perspectiva, do seu ponto de vista, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Quais são as características... E agora eu [sic] tô falando da religião formal, tá? Quais são as características que deveriam ser mudadas nas igrejas, na sua opinião? Tanto para desenvolver alguma coisa ou para abrir mão de algo. Em resumo, como você descreveria, no mundo ideal, a igreja do século XXI?

00:37:39

*Entrevistado 3:* Entendi. Então no meu entendimento, o papel da religião hoje deveria ser... Primeiro ponto para mim seria a humildade, Danny. Humildade. Como assim humildade? Eu acho que quando a gente estuda muito, quando a gente entende muito sobre um assunto, a gente acha que aquilo é a verdade absoluta. E quando a gente acha que aquilo é a verdade absoluta, a gente olha pro lado, a gente olha pro próximo, e vê que aquilo que a pessoa está fazendo não está dentro daquilo que você acredita, não está dentro daquela verdade. Você está tão certo daquilo... Que aquilo que você está aprendendo, que aquilo que você está fazendo é o correto, que você acaba julgando o próximo. Então, se as religiões ou uma religião específica hoje, virasse e falasse: "Ó, eu estou em constante processo de aprendizado, sabe? A gente já aprendeu muito... Igreja X... Já aprendemos muito. Estamos evoluindo. Mas sempre temos algo a aprender de novo. A gente vai parar de julgar o próximo". Então primeiro ponto: humildade, saber que você não sabe de tudo. O único que sabe de tudo é Deus. Você pode fazer o seu melhor sempre, mas você nunca vai ser perfeito. Você pode fazer tudo certo na sua vida, mas você nunca vai ser bom de verdade, porque todo mundo tem falha. E como a religião, hoje, é formada por pessoas, e as pessoas estão... Podem falhar na sua vida, logo a religião, ela também pode falhar. Depende do lado que ela se direciona. Então se as religiões

tiverem humildade, pararem de julgar tanto as pessoas... Esses dias, Danny, eu fiz uma oração... Eu fiz uma oração, e no meio da oração eu mesmo me interrompi. Eu estava falando assim: "Senhor, oro para que as pessoas que merecem, que elas tenham seu espírito". Aí do nada eu parei e falei assim: "Que merecem? Mas como assim? A graça do Senhor não é merecimento". É por isso que fala que é graça, ele dá de graça, ele dá para todo mundo. Então eu mudei minha oração, eu falei assim: "Eu oro para que as pessoas que estão perdidas, e que não te conhecem, que elas te encontrem". Então já mudou totalmente o sentido. Então para mim as religiões, elas precisariam primeiro ser humildes. Depois, parar de julgar o próximo... Em segundo lugar... Em terceiro lugar, mostrar mais compaixão. Porque as pessoas, às vezes elas fazem coisas erradas, sem saber que aquilo é errado. Ou às vezes sabem, mas estão tão presas àquilo, tão acorrentadas àquilo, que elas não conseguem sair. Então, eu vou dar o exemplo da mãe de uma amiga minha. Ela começou a namorar com um rapaz, e o pastor da igreja dela chegou pra ela... Pra mãe da menina e começou a criticar a mãe da menina. Falar que se ela não terminasse o namoro, ou se não casasse com o rapaz, que ela ia sair da igreja. Que ela ia ser excluída da igreja. Poxa, a pessoa tá numa situação de, que ela precisa de um apoio emocional, e na necessidade desse apoio emocional ela é julgada? E falar que ela vai ser expulsa do único lugar, assim, que ela se sente bem? Entendeu? Então, parar de julgar, ter mais humildade, ter mais compaixão com o próximo... Se Cristo veio pelos perdidos, por que que a gente vai falar mal de outra pessoa, por exemplo, que tá fazendo algo que a gente não considera bom, entendeu? Porque... As religiões devem parar de tomar decisões como se elas fossem Deus: "Ah, Deus... Isso não é certo pra Deus. Você não está fazendo certo pra Deus". Como que você pode responder por alguém que sabe de todas as coisas, se você é uma pessoa limitada? Nós, seres humanos, nós somos limitados, o nosso entendimento também é limitado. Então a gente tem que ter humildade suficiente para reconhecer e para abraçar o próximo. Mesmo quando ele não está fazendo aquilo que você considera correto. Entende? Então, existe a justiça dos homens e a justiça de Deus. A partir do momento quando você mistura essas duas [sic] justiça e faz a sua justiça, e coloca uma denominação como se aquilo que é seu fosse de Deus, e aí é aquilo que... Eu acho que já foge um pouco da religião, e já entra mais no individual, entendeu? Por isso que cada... Existem milhares de [sic] igreja hoje, cada igreja tem uma característica diferente. Cada igreja que segue a mesma doutrina, a mesma denominação... Quando você vai em uma e vai na outra, é diferente. Por quê? Porque a pessoa que está no comando ela expõe as suas características, a sua personalidade. O líder daquela Igreja, ele coloca a personalidade dele naquilo. Então por isso que cada igreja, cada ponto que você vai conhecer, hoje em dia, é diferente. Então, a gente tem que ter humildade, não colocar a nossa vontade acima dele. Se a vontade dele é buscar a ovelha perdida, então por que que a gente deve fazer o contrário? Porque a gente deve ficar junto das 99? Vamos sair e ajudar a buscar aquela ovelha perdida. Entende o que eu quero dizer? A gente fica muito naquela situação de conformismo, quando a gente está ligado a alguma religião específica. "Ah, eu posso fazer isso e não posso fazer aquilo? Tá bom vou fazer o necessário". Agora a gente sempre pode dar o nosso melhor, entendeu? Então a religião hoje para mim, deveria ser isso: acolher o próximo... Hoje, muita gente, muita gente mesmo, sai de igreja por causa de julgamento, e acaba fazendo muito pior do que se ela não tivesse religião. Entendeu? Às vezes a pessoa vem de berço, sai de uma igreja, sabe o que é certo e errado... Aí quando sai de lá, faz tudo ao contrário do que ela aprendeu. Mas por quê? Por repulsa. É uma espécie de repulsa que ela criou na vida dela. Agora, se fosse uma coisa mais de... No sentido de compaixão, de um abraço, sabe? De realmente acolher aquela pessoa, eu tenho certeza que ela tomaria decisões melhores na vida dela. Entende? Então, eu acho que o sentido hoje de igreja e religião, mudou um pouco o foco. Hoje, na minha concepção, tá? Não sei o que as outras pessoas acham. Mas hoje, eu acho que uma igreja, uma religião, ela é formada para acolher pessoas e para que essas pessoas fiquem presas a elas. Ela não é formada para transformar

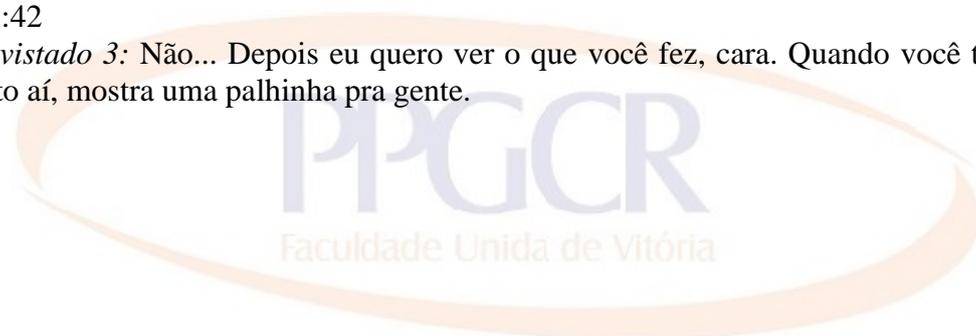
vidas. E a partir dessa transformação... Deixa as pessoas irem. Então para mim o cristianismo perfeito seria aquele que, você está no meio da rua, uma pessoa chega pra você, te mostra Cristo... Mostra através de práticas, através do exemplo dela mesma, você conhece Deus através da transformação da vida que ocorreu naquela pessoa, e aí depois disso a pessoa sai e te deixa livre, para você mudar a vida de outra pessoa. Ou se fosse esse negócio de passe a passe, seria uma coisa extraordinária. As pessoas, elas viveriam viajando, mostrando a palavra de Deus através do exemplo. Poxa, vivemos uma vida de pecado, eu vivia triste, deprimido. E hoje eu estou feliz, estou completo, com a vida que eu vivo. Aí a pessoa vê aquilo e fala: "Não, eu quero isso pra mim também". Mas hoje a gente não vê isso. Hoje a gente vê as pessoas indo pra algum lugar por obrigação. As pessoas fazendo porque os pais dizem que tem que fazer, ou que não tem que fazer. Cadê a individualidade de cada um? Cadê a transformação real de cada um? Eu falei demais... Espero que esteja... Tenha um contexto o que eu [sic] tô falando, né? Eu [sic] tô abrindo o jogo aqui... Mas religião para mim, igreja, seria para transformar vidas e não para prender pessoas. Entende? Pra mim é isso.

00:45:29

*Entrevistador:* Cara, muito obrigado por tudo que você compartilhou aí da sua experiência. As perguntas que eu tinha eram essas... Você tem alguma dúvida, alguma consideração que você queira fazer para finalizar a entrevista?

00:45:42

*Entrevistado 3:* Não... Depois eu quero ver o que você fez, cara. Quando você terminar esse projeto aí, mostra uma palhinha pra gente.



## ANEXO D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADO 4

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 24 de agosto de 2020, via plataforma Zoom

00:00:00

*Entrevistador:* Vamos por partes aqui. Vou começar com o termo de autorização. São três perguntinhas que se você concordar você responde afirmativamente, tá?

00:00:10

*Entrevistador:* A primeira delas, eu vou ler aqui... Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:21

*Entrevistado 4:* Sim.

00:00:51

*Entrevistador:* A segunda pergunta: Entendo que minha participação é voluntária, e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:01:07

*Entrevistado 4:* Ok.

00:01:09

*Entrevistador:* Terceiro: Concordo em participar da entrevista, e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:01:21

*Entrevistado 4:* Aceito.

00:01:21

*Entrevistador:* Beleza. Então agora eu vou perguntar os dados gerais, tá bom? Só pra o registro aqui. Teu nome completo, por favor?

00:01:28

*Entrevistado 4:* Entrevistado 4.

00:01:28

*Entrevistador:* Beleza. Seu ano de nascimento.

00:01:32

*Entrevistado 4:* 2001

00:01:49

*Entrevistador:* Gênero com o qual você se identifica.

00:01:51

*Entrevistado 4:* Masculino.

00:01:55

*Entrevistador:* Cidade de residência. Onde você mora?

00:01:57

*Entrevistado 4:* São Paulo.

00:01:59

*Entrevistador:* Qual a religião que você declara?

00:02:18

*Entrevistado 4:* Católico.

00:02:25

*Entrevistador:* Então *Entrevistado 4*, vou para as perguntas aqui agora em si. E é aquilo que eu falei: São poucas perguntas, mas quanto mais você conversar, melhor vai ser para o diálogo aqui, tá? Eu não sei se você alguma vez já leu sobre o tema, mas as últimas pesquisas do Censo no Brasil, elas mostram que tem crescido no Brasil um movimento, aí... Dos adeptos à tal da espiritualidade sem religião. Ou seja, são pessoas que têm algum tipo de religiosidade, algum tipo de fé, mas elas não se vinculam a nenhuma igreja formal, nenhuma organização. Inclusive, isso já vem crescendo já há algumas décadas, mas a partir da década de 90 esse número ficou tão expressivo, que ele se tornou um campo de estudo. Só para você ter uma ideia, no último Censo que a gente teve, que é o de 2010, esse grupo já aparece como a terceira maior religião do Brasil. Ironicamente a terceira maior religião do Brasil são os sem religião. E existe a expectativa de que isso cresça ainda mais nas próximas pesquisas. Porém por ser um grupo completamente descentralizado a compreensão da filosofia acaba sendo um desafio, né? Então eu queria saber do seu ponto de vista, da sua opinião. O que significa na sua perspectiva ser alguém sem religião? E quais são os impactos dessa autodeclaração na expressão da fé? Como você enxerga isso?

00:03:55

*Entrevistado 4:* Pode repetir a pergunta?

00:03:56

*Entrevistador:* Na sua perspectiva o que significa ser sem religião? Qual que é a filosofia do cara sem religião? Que que significa isso? Que que muda na fé de uma pessoa sem religião?

00:04:13

*Entrevistado 4:* Ela construir os seus próprios... Construir seus próprios ideais, construir seu próprio vínculo com a realização, com o bem ao outro, ao próximo. Eu tenho amigos ateístas que acreditam que não precisa de uma religião pra ajudar o próximo. Não acredita que a igreja, uma outra entidade maior, seja necessário pra isso. E só... Bastando ter humildade e sendo capaz de ajudar os outros. Vontade própria sem mostrar aos outros que também têm religião, que você é bom o suficiente... Mostrar status. Eles acham que normalmente a igreja ou pessoas que têm religião, fazem o bem por status, para mostrar que têm condições e fazem porque é obrigação por causa da fé. Alguns amigos meus, que são poucos que são ateístas, falam isso. Então eu meio que penso mesmo desse jeito. Penso que isso é como uma forma de mensagem também, entendeu? Porque vejo isso na igreja, às vezes.

00:05:46

*Entrevistador:* E você enxerga isso na igreja acontecendo?

00:05:53

*Entrevistado 4:* Às vezes, principalmente quando o padre fala, e algumas pessoas não prestam

atenção. Eu sempre sentei no fundo. Em todo local, eu sempre sentei no fundo. Na igreja sempre no fundo também... E quando o padre fala sobre prestar atenção, ajudar o próximo, a igreja não presta muita atenção. Ficam conversando... Entendeu? Então não faz muito sentido a pessoa ir pra igreja pra confessar. Você tá indo pra igreja pra prestar atenção e aprender um pouco, ter um certo conhecimento. E não é o que as pessoas ultimamente vêm fazendo. Então acho que seria mais ou menos isso, entendeu? Não é só acreditar.

00:06:40

*Entrevistador:* É uma religião de mais iniciativa, e não de fazer do que é falado pela igreja, né?

00:06:57

*Entrevistado 4:* Isso.

00:07:02

*Entrevistador:* Deixa eu te perguntar... Você se considera uma pessoa religiosa ou você se considera... Apesar de declarar católico, você se considera adepto dessa ideia sem religião? Como você se vê nesse cenário?

00:07:12

*Entrevistado 4:* Com a ideia sem religião.

00:07:18

*Entrevistador:* Você se identifica mais com essa ideia sem religião? Interessante. Então eu vou aproveitar e já migrar pra segunda pergunta, que ela vai mexer um pouquinho nesse ponto curioso. Quer dizer... Você declara a religião católica, mas você se identifica mais com a ideia sem religião. Então eu queria poder entender um pouquinho mais isso nessa segunda pergunta, tá? Então a pergunta é o seguinte: O quê que te levou a se declarar como um sem religião? É isso que eu quero saber nessa pergunta. Aí pra isso, eu vou te fazer outras perguntas. O que é que você acredita expressar quando você se diz como sem religião? Você tá querendo dizer o quê com isso? Outra coisa, qual que é seu histórico religioso? Por você se declarar católico, imagino que você tenha um contexto anterior de pertencer... Talvez a família pertence a uma igreja, ou uma denominação. Então eu queria conhecer um pouquinho desse seu contexto religioso. E o que te levou a então se declarar sem religião?

00:08:18

*Entrevistado 4:* A minha família é católica, e ela vem passando de geração em geração. A mãe da minha avó, a minha avó, minha mãe e eu somos católicos. A gente aprendeu, a gente teve uma aprendizagem, não da religião católica, mas de escutar o próximo. O que me levou a não me considerar católico atualmente, é o caráter e o momento atual que a igreja vem passando. Eu não aceito, não acredito. Em alguns momentos me dá uma certa vergonha, né? De pensar que em algum momento a minha família ou eu... A minha família ainda é mas eu não.

00:09:13

*Entrevistador:* [sic] Peraí, mas tem uma palavra me chamou a atenção, e picou um pouquinho, então eu queria que você destacasse um pouquinho mais. Você usou a expressão que o caráter e o momento atual da igreja te fez não se declarar mais como católico. É isso?

00:09:33

*Entrevistado 4:* Sim.

00:09:36

*Entrevistador:* E o que você quer dizer com isso? Que que é exatamente o caráter e o momento?

00:09:53

*Entrevistado 4:* A igreja fala muito de ajudar o próximo... Você tem que ajudar o próximo. Ser mais... De humanizar, entendeu? Ajudar sempre que possível. Mas é irônico, porque na igreja você gasta dinheiro com um sino muito caro. Você gasta dinheiro dentro da igreja, com umas reformas desnecessárias. No caso da minha, não sei as outras... Da minha, entendeu? Tanto é que... A reportagem... Não sei se você viu a reportagem do fantástico, ontem.

00:10:33

*Entrevistador:* Não, não vi.

00:10:33

*Entrevistado 4:* O dinheiro do hospital foi pro sino importado. Desnecessário. Uma igreja que nem existe ainda... O dinheiro... Eu acho que o caráter tá no negócio de investir, entendeu? Você é um fiel, você dá o dinheiro na hóstia, e a igreja não usa, teoricamente, para ajudar os outros, e sim pra se ajudar. Pra manter a igreja... Sabe? Cuidar de coisas que, não necessariamente, são importantes para o momento. Que na verdade são mais necessárias para as pessoas que são mais necessitadas. Entendeu? Pra mim é nisso que entra o caráter. Pra mim é hipocrisia, né? É irônico. Então, pra mim isso que é o caráter. Pra mim não existe um certo da Igreja Católica sobre isso, ou em qualquer outra religião. Porque na minha religião, entendeu? Sou católico mas eu falo isso.

00:11:46

*Entrevistador:* Você usou a expressão "hipocrisia", né? Só pra ver se entendi bem: Essa hipocrisia, pelos exemplos que você deu, se... Assim... Se resumem, digamos assim, ao uso do dinheiro. É isso ou tem mais coisas?

00:12:05

*Entrevistado 4:* Acho... Tem um fator que as pessoas se acharem superiores. Algumas, né? Não todas... Por causa do dinheiro se acharem superiores às outras. Ou seja, mostra aquele status de superior ao coletivo. Seria mais ou menos assim, mas que acaba sendo um problema com o dinheiro também.

00:12:27

*Entrevistador:* Ok. Perfeito. Então a sua família, ela continua no contexto católico. Você hoje já não... Já não se identifica mais. Então vou ter que te fazer uma pergunta, que não é provocativa, mas uma pergunta um pouquinho mais [sic] direto aqui, tá? Por que que você respondeu... Quando eu perguntei a religião, por que é que você respondeu ainda como católico, se você se identifica mais como sem religião? Como que funciona isso?

00:12:56

*Entrevistado 4:* Eu vou responder um pouco baixo essa. O fato de que... É que antes da pandemia eu ía à Igreja... Mas, eu não ía porque eu quero. E sim porque é um dever. Entende? Vou por causa da minha mãe, por causa do meu pai. Desde o início eu ía ficar no católico.

00:13:33

*Entrevistador:* Então, de certa forma, eu entendo que você tá aguardando seu momento de independência, digamos assim, para poder assumir de fato aquilo que você acredita. É isso, mais ou menos?

00:13:48

*Entrevistado 4:* Isso mesmo.

00:13:49

*Entrevistador:* Ok. E aí vem uma outra pergunta em cima disso, então. Você hoje se declara como sem religião, por causa desses motivos que você pontuou, embora você vem de um contexto religioso. Então a minha pergunta é: Você entende que a sua visão atual, ela é uma reação à experiência anterior, ou ela é o resultado de uma busca intencional? Ou seja, você hoje é sem religião por causa da igreja, por causa dessas frustrações com a igreja, ou você é sem religião porque você acredita que essa é a forma, de fato, que você [sic] tava buscando de servir a Deus. Deu pra entender?

00:14:29

*Entrevistado 4:* Deu. Na verdade... Não é um fator atual. É só a ponta do *iceberg*. Eu acredito em Deus, mas não que ele tenha uma religião. Entendeu? Então, eu não acho que católico ou evangélico, este é o fator principal. Só que... Pra mim, o que eu acho é apenas acreditar em Deus. Que Deus nos ajuda... Esse é o fator principal, e não uma religião que tenha esse papel principal. Não é isso. Basta você acreditar, ter fé, e ele vai te ajudar nos momentos fáceis e difíceis. Principalmente nos difíceis. O fato é que é um pouco mais longo... É que nunca falei com meus pais. São contextos antigos que eu não acho que seria necessário. O fato atual e só a ponta do *iceberg*, porque tem outros... Tem outro passado na igreja católica que eu também não acho muito legal, e que eu aprendi na escola. Apesar de a escola ser uma escola sem religião, mas a gente... Na filosofia a gente aprende, na sociologia a gente aprende sobre a religião de todos, e acabei aprendendo sobre coisas que não são muito [sic] legal, como matar, forçar uma pessoa a acreditar na sua fé, porque a sua é superior do que à das outras. Contextos que pra mim... É tipo, gente que eu não acho correto, se a gente parar pra pensar no momento atual. Então seria mais ou menos isso. Tá claro?

00:16:32

*Entrevistador:* Tá claro. Então... Então pelo que eu entendi, quer dizer, já era uma busca que você vinha tendo, e essa frustração que você listou foi a gota d'água, digamos assim, né?

00:16:46

*Entrevistado 4:* Sim, sim. Realmente. Agora que estou mais velho, mais consciente dos atos, das consequências... Entendeu? Fica bem mais claro.

00:17:01

*Entrevistador:* Anotando aqui algumas coisas. Só um minutinho...

00:17:19

*Entrevistador:* Ok. Eu vou então para a terceira pergunta agora. A gente... A pergunta anterior falava mais do passado, né? O contexto, e tudo mais... Então, agora eu queria falar um pouquinho mais do presente, de forma até um pouquinho mais prática agora, tá? Saindo um pouquinho do campo das ideias, aí. É... Eu queria saber como que se expressa a fé que é desfilada de uma igreja. É isso que eu quero saber. Como é que é o dia a dia, digamos assim, de uma fé sem uma igreja em si. Então, por exemplo: Quais são os momentos que você expressa publicamente sua fé? Outra coisa, como que você consome produto religioso? Da onde que você encontra conteúdo religioso para poder consumir? E como que você constrói a sua fé? Se não há uma igreja dizendo o que crer e o que não crer, como que você decide o que você crê ou o que não crê?

00:18:17

*Entrevistado 4:* Como ainda tenho uma certa influência com o catolicismo, pra mim ainda tem uma interferência, né? Então ainda tenho... Eu ainda busco um pouco na Igreja Católica, mesmo discordando de muitas coisas, e não achando coisas legais... Do passado e do presente dela. Mas a forma que eu busco... É uma pergunta interessante, eu nunca parei pra pensar... Como busco a fé? Não sei... É... Eu poderia pensar um pouco? Porque eu realmente nunca parei pra pensar...

00:18:52

*Entrevistador:* Pode, pode! Não tem problema, não... É porque, querendo ou não, são coisas que envolvem o seu dia a dia, mas [sic] numa forma mais sistemática que a gente não está preocupado de ficar sempre organizando isso, né? Então é normal, fica tranquilo. Mas enquanto você vai pensando... Pelo que eu [sic] tô entendendo... Então você, apesar de não se declarar católico, o catolicismo ainda é a maior fonte de conteúdo. Quer dizer, quando... Agora, isso é através... Por exemplo: Como que você consome conteúdo católico hoje? É na missa, é de longe? Como que você faz na prática para ter esse conteúdo católico?

00:19:33

*Entrevistado 4:* Vou na igreja. Antigamente eu assistia na TV com a minha vó, mas... Eu acabo dormindo, então não dá não. Então eu vou na igreja. É mais fácil, né? Não tem a possibilidade de ter isso... Mas as influências religiosas que eu tenho... É até... É um pouco... Como é que chama a palavra? Desinteresse? Quando eu mais preciso... Desinteresse. Quanto mais... No momento que eu mais preciso, eu vou e lembro dele, entendeu? Às vezes esqueço que ele tá ali em cima... Então... Sempre do nosso lado... Mas sempre quando tem um certo interesse, tipo apresentações de trabalhos, ou quando está num momento difícil, momento que eu geralmente lembro... E fico \*\*\*\*, né? É um momento muito difícil. Você fica \*\*\*\*, revoltado, mas... Há outros momentos que eu rezo, paro pra refletir... Eu vou falar uma coisa, mas... Eu [sic] tô falando só pra você mesmo, porque se eu falar pra minha mãe, fica revoltada! Eu tive sonhos e pensamentos com Deus, mas sempre junto com Lúcifer. Sempre com Deus, cantando juntos, entendeu? Porque para mim, Lúcifer é um anjo e Satanás é outro, né? Pra mim... Eu não divido isso, é uma opinião minha... Lúcifer é o anjo antes dele cair, e Satanás é outro. Tal, o maldoso e tal... Eu sou o único da família que fala isso, né? Ninguém fala sobre o inferno. E acredito que... Eu penso... Eu penso nele, nesse momento que eu [sic] tô deitado na cama, [sic] tô cansado, vou fazer alguma coisa... Aí eu penso: Vou pensar um pouco em Deus, pra ver se, né? Fico mais calmo, ou ter alguma coisa [sic] mais boa pra pensar, ao invés de pensar em coisa negativa... Acabo... E acabo pensando nos dois juntos. Que é um pouco irônico, talvez, para algumas pessoas, né? Quando se fala em... O povo associa a Demônio, né? Então... Por isso que eu acabo não contando isso para algumas pessoas. Mas é mais ou menos desse jeito... Eu não tenho o costume de rezar porque eu não lembro das letras da reza, né? Não lembro de cor como que se reza. Eu... Quando eu rezo na igreja é uma coisa, porque eu sei que as pessoas estão cantando... Eu praticamente repito o que escuta. Mas rezar eu não rezo porque eu não memorizo as coisas, as coisas escritas. Mas eu penso em Deus e mentalizo coisas positivas. Eu... Quando eu vou na rua, ajudo as pessoas, eu ajudo por minha vontade. Não porque eu vou dar o dízimo, vou dar oferta na igreja, pra ajudar por causa da igreja. Eu vou.. Eu vou ajudar o próximo pensando: Vou ajudar porque... “Ah, você tá precisando e eu acho que como um cidadão podemos ajudar”. Como cidadão. Uma pessoa para a sociedade, tem uma obrigação de ajudar que tá precisando. Mais ou menos assim... Nesse momento é a fé que eu penso. Será que Deus vai me perdoar se eu não fizer contato pra ele? É mais ou menos assim.

00:24:08

*Entrevistador:* Bom, na quarta pergunta, eu vou agora migrar... A gente falou do passado, presente, e a gente vai falar um pouquinho do futuro agora, tá? É... Eu quero fazer, assim... Fazendo uma projeção, aqui. Como [sic] tamo falando de futuro é um pouco mais hipotético, né? Mas como que você projeta, como que você imagina... Como que você projeta a sua religiosidade de uma perspectiva futura? Vou explicar o que eu quero saber aqui. Existe alguma condição, onde você se imaginaria se filiando a uma igreja novamente? Seja de novo à Igreja Católica, ou uma outra igreja? Outra pergunta aqui pensando nisso: De uma forma hipotética, vamos supor que um dia você tenha filhos, você pretenderia passar para seus filhos os valores cristãos? Ou você pretenderia passar pelos seus filhos o hábito de frequentar uma igreja, fazer parte de uma igreja ou não? Como que você projeta isso?

00:25:19

*Entrevistado 4:* Acho que no futuro... O futuro é muito incerto, né? Mas se a gente parar pra pensar não é mau. Pensando de uma forma, no momento atual, eu acho que não ensinaria meus filhos a frequentar. Eu ensinaria meus filhos em outro aspecto, de outra forma. Não com a ajuda da religião. Eu iria pra forma prática e menos censurada. A minha avó é religiosa e me ensinou de um jeito um pouco rígido, com um pouco de censura também... Então se eu não... Não que seja obrigatório ou necessário, mas que sem a influência da religião, eu acho interessante. Porque eu não vou ter a censura e o comentário dos outros, ao comentar sobre isso. Então acho que não seria necessário a influência da religião e levar meus filhos até a igreja. Não seria necessário. A outra eu não lembro...

00:26:36

*Entrevistador:* E os valores cristãos em si, você passaria para seus filhos, mesmo sem a igreja? Ou os valores cristãos também não?

00:26:45

*Entrevistado 4:* Ah... Toda forma de ensinamento é interessante abordar, né? Então acho que alguns princípios da religião seria interessante, ensinar, pegar... Outras religiões... Meus amigos têm outras religiões, então acabei aprendendo um pouco sobre a religião deles... Alguma coisa específica sobre a religião deles, como igualdade... Coisas do tipo. Então...

00:26:51

*Entrevistador:* A outra pergunta é se você se imaginaria, em alguma condição, voltando a se unir a uma igreja. Seja a Igreja Católica, de onde você veio, ou uma outra igreja. Você se veria, ou você acredita que não?

00:27:34

*Entrevistado 4:* Eu acredito que não. Jamais.

00:27:34

*Entrevistador:* É?

00:27:34

*Entrevistado 4:* É... Se não fosse a Igreja Católica, jamais.

00:27:43

*Entrevistador:* Então jamais, no caso, é com igreja que não a Católica...

00:27:49

*Entrevistado 4:* Se fosse... Se fosse a Católica seria uma porcentagem pequena, muito pequena. Se eu sair e não voltar...

00:27:54

*Entrevistador:* E se não fosse a Católica...

00:27:54

*Entrevistado 4:* É... Então, tipo... Se eu não me considerar mais católico... Se eu voltar a me considerar com alguma religião, no máximo a Católica com uma porcentagem muito pequena. Porque eu já estou acostumado com os hábitos intolerantes, ridículos, desnecessários da Igreja Católica. Já estou acostumado. Mas seria uma possibilidade muito pequena. Se eu parar pra pensar... Então na maior parte não.

00:28:25

*Entrevistador:* Aí eu vou fazer uma última pergunta aqui, que junta tudo isso que a gente fez nessa quarta pergunta... Você considera seu status religioso atual como temporário ou definitivo? Ou seja, ser sem religião pra você é um status temporário ou não, é algo que meio fixo agora?

00:28:53

*Entrevistado 4:* É fixo. Só [sic] tô esperando o momento certo.

00:28:59

*Entrevistador:* Pra poder declarar publicamente...

00:29:00

*Entrevistado 4:* Isso.

00:29:05

*Entrevistador:* Qual você acredita... Vou aproveitar e perguntar sobre isso... Qual que você considera seu momento certo? O que é que você tá esperando?

00:29:31

*Entrevistado 4:* Ah, um... Sair da casa dos pais, ter uma condição financeira estável... O principal fato é sair da baía da calça dos pais. Entendeu? É o motivo maior.

00:29:51

*Entrevistador:* Eu vou então agora, para a quinta e última pergunta, tá bom? Essa pergunta, eu confesso para você, que ela... Eu considero, particularmente, como a mais importante delas, porque no fundo no fundo é a pergunta que me motivou a fazer essa pesquisa, tá? É tentar descobrir essa resposta. Então a minha pergunta é a seguinte: Da sua perspectiva, do seu ponto de vista, na sua opinião, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Ou seja, quais são as características que você acredita que a igreja precisa mudar? Ou para desenvolver ou para abandonar algum hábito... Como você descreveria a igreja do século XXI, num mundo ideal?

00:30:48

*Entrevistado 4:* Eu diria como... Um pouco de humana, talvez. Porque ela fala as coisas e nem sempre ela faz... Mente em alguns aspectos... No momento atual, no caso da minha igreja. Fica aqui perto. Ela deveria mudar suas atitudes. Parar um pouco pra pensar no que de fato, ela precisa fazer... Refletir no que ela faz ou pode alcançar. Principalmente a minha religião que é mais pessoas adeptas no nosso país, se eu não me engano. Então ela deveria parar um pouco para refletir sobre seus atos, no momento presente, não remoendo o passado. Mas rever seus conceitos do momento presente, e ver [sic] qual outras pessoas ela pode ajudar, e sobre como ela poderia rever essas coisas que vêm acontecendo. Porque normal eu não acho que ela vem cumprindo o que ela fala. Eu não acho que ela vem cumprindo o papel dela, muitas

vezes. Ela vem cumprimenta, mas não 100% como ela diz que fala. Então seria mais ou menos isso. Acho que ela deveria parar e refletir como muitas pessoas fazem no cotidiano. Porque ela tem influência... A igreja tem que parar e refletir antes. Tem que ajudar, o que eu não acho que ela vem fazendo direito atualmente. É mais ou menos assim minha opinião.

00:33:04

*Entrevistador:* Perfeito. Essas eram minhas perguntas, *Entrevistado 4*. Você tem alguma dúvida, ou alguma consideração final que você queira fazer pra gente concluir?

00:33:10

*Entrevistado 4:* Não, acho que tá bom, não tenho dúvida nenhuma. Acho que consideração eu já falei demais, né? Então tá ótimo.



## ANEXO E - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADA 5

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 19 de setembro de 2020, via plataforma Zoom

00:00:08

*Entrevistador:* Então vamos lá. Vou começar então, pela parte do termo de autorização. Então são três frases... Eu vou ler elas bem, é... *Ipsis litteris* aqui, para ficar certinho.

00:00:21

*Entrevistador:* Bom, primeiro: Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:29

*Entrevistador:* Sim.

00:00:30

*Entrevistador:* Segundo: Entendo que minha participação é voluntária, e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar de dar explicações, e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:00:43

*Entrevistada 5:* Sim.

00:00:45

*Entrevistador:* E terceiro e último: Concordo em participar da entrevista, e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:00:55

*Entrevistada 5:* Sim.

00:00:57

*Entrevistador:* Beleza. Então agora vou para as perguntas de dados gerais, aqui para registro, tá? Então me fala teu nome completo.

00:01:05

*Entrevistada 5:* Entrevistada 5.

00:01:14

*Entrevistador:* Seu ano de nascimento?

00:01:20

*Entrevistada 5:* Data ou ano?

00:01:21

*Entrevistador:* Só o ano mesmo.

00:01:28

*Entrevistada 5:* 99.

00:01:47

*Entrevistador:* Gênero.

00:01:54

*Entrevistada 5:* Feminino.

00:01:56

*Entrevistador:* Cidade de residência.

00:01:56

*Entrevistada 5:* Vila Velha.

00:01:56

*Entrevistador:* Declaração religiosa?

00:01:56

*Entrevistada 5:* Cristã.

00:01:56

*Entrevistador:* Cristã?

00:01:56

*Entrevistada 5:* Isso.

00:01:56

*Entrevistador:* Então vamos lá... Então agora a gente entra na parte das perguntas em si. Lembrando, são só cinco perguntas, mas bem abertas. Quanto mais você falar melhor. Eu não sei quanto que você já leu sobre *Entrevistada 5*, a gente até já conversou um momento ou outro sobre isso... Mas as pesquisas aí, do Censo no Brasil, elas mostram um significativo crescimento dos adeptos à espiritualidade sem religião. Inclusive existe a expectativa de que esse grupo cresça ainda mais, nos próximos anos, nos próximos Censos. Só para você ter uma ideia, no último Censo que a gente teve em 2010, o número do sem religião se tornou tão expressivo, que hoje o sem religião é a terceira maior religião do Brasil. Ironicamente, né? Só que o problema para o estudo desse grupo, é que é um grupo plenamente descentralizado, o que dificulta a compreensão dessa filosofia. Então aí vem a minha pergunta: Eu queria saber o que significa, da sua perspectiva, ser sem religião. Quais são os impactos dessa autodeclaração na expressão da fé?

00:03:08

*Entrevistada 5:* Sim. Primeiramente, que na minha visão, ser sem religião... Primeiro me vem à cabeça, que é o senso comum, né? Que seria o ateísmo. Que eu acho que muita gente deve confundir isso. Sem religião é ser ateu. Só que na verdade, o ateísmo não acredita em nada, né? Acredito que ser sem religião, seja você não se enquadrar em algum... Em algum... Como... Em algum padrão de instituição, talvez. Tipo, é... Quanto à Igreja Católica, quanto uma instituição que segue o catolicismo, que seria uma religião, a Igreja Evangélica como um todo, que já se separou muito, né? Mas acho que você não se... Não fazer parte de um desses grupos de pessoas. Não necessariamente, você não acreditar no que elas acreditam. Mas você não estar unido ali, eu acho, e seguindo é... Dogmas e tradições específicas ali. Algumas regras e coisas assim. Ser sem religião, não necessariamente, você não acredita em nada. Você escolhe o que acreditar, teoricamente.

00:04:50

*Entrevistador:* Me chamou a atenção essa tua última fala. Porque então, no teu ponto de vista,

é possível que você creia as mesmas coisas que até uma determinada instituição, mas ainda assim você decide não fazer parte dela. Isso te faz sem religião. É isso?

00:05:04

*Entrevistada 5:* Sim.

00:05:04

*Entrevistador:* Legal. Só um comentário em cima... Você falou sobre a questão do ateísmo, né? Você sabe que até a década de 90, o item "sem religião", ele englobava os ateus, agnósticos e assim por diante, né? A partir do de 2000 eles se separaram, porque perceberam que cresceu muito. Então hoje, a partir do censo de 2000, e no caso hoje, quem afirmar sem religião é uma coisa, quem se coloca ateu, agnóstico, entra noutra categoria. Porque realmente havia essa mistura das coisas.

00:05:41

*Entrevistador:* Bom, a segunda pergunta, então, que eu te faço... Essa primeira é mais geral, mais introdutória... Nessa segunda pergunta eu queria entender um pouco do teu contexto, do teu passado, certo? Então basicamente, eu queria entender o que te levou a se entender, se declarar, digamos assim, como sem religião. Então algumas perguntas pra entender isso: O que é que você acredita, você *Entrevistada 5*, expressar a partir dessa autodefinição? Também, queria conhecer o seu histórico religioso. Você vem de um contexto familiar, ou pessoal mesmo, pertencente a uma denominação? Enfim, como é o seu contexto do passado, o que te levou a ser sem religião?

00:06:22

*Entrevistada 5:* Bom, eu me declaro hoje sem religião. Eu tenho fé em Jesus e na Bíblia. Teoricamente, somos... Cristã, né? O que é... Meu passado: Eu nasci num lar católico, em Ouro Preto, não praticante. Porém, desde pequena eu tive sempre um relacionamento com Jesus. Sempre. Eu me lembro de quando eu era realmente pequena, assim, Jesus sendo meu melhor amigo, o que me salvava em várias situações que eu passei. Então, se eu não tivesse a prática de orar, não... Por mais que... Minha vó tentava me ensinar as formas de rezar, e tal... Eu nunca achei que aquilo que fazia sentido, pra mim. Então eu me desenquadrei de católico, né? Que eu falei: "Isso aqui não tá fazendo sentido pra mim". Ter reza pronta e eu bater todo domingo ali na missa, mas, né? Não levar realmente a sério, não ler a Bíblia, sempre foi algo que... Nos exemplos que eu tinha lá em casa, que era a Bíblia ficar no armário... Aquilo que não fazia sentido para mim, porque se eu tinha uma amizade com Jesus, eu queria saber quem mais ele era... Mais dele. Então eu desenquadrei do católico, do catolicismo. Minha avó, por parte de mãe, se converteu para evangélica. Ela era católica, se converteu, se tornou evangélica. E aí eu comecei a ir na igreja com ela, e ali eu me identifiquei muito. A partir dali eu cresci, ali, né? Indo com minha avó. Com a influência da minha avó, mas meus pais ainda eram católicos. Até quando me mudei para Belo Horizonte... Meus pais se converteram à Igreja Batista... Se tornaram evangélicos, né? Começaram a frequentar a Batista da Lagoinha. E aí, ali... Começou a ir completamente pro lado evangélico. Então nos associamos à Igreja da Lagoinha... Quando foi... E ali praticante, né? E eu assim, convicta, né? Sou evangélica, sigo ali aquelas coisas que a Igreja Batista diz que eu tenho que fazer. Que não necessariamente estão na Bíblia, mas que eles acreditam que é o certo. Aí beleza, fui... Me mudei pra Vitória. Quando eu me mudei pra Vitória, fiquei sete anos aqui, e nesses sete anos eu fui membro da presbiteriana renovada. E ali, foi... Eu passei a maior parte da minha adolescência, onde eu fui muito praticante, e uma defensora mesmo, da importância de... Como é que fala? Congregar numa igreja, né? Fui praticante assim, absurdamente, em todos os ministérios possíveis. E achava, assim, aquilo... Tipo: "Cara, você fala que você crê em Jesus, mas se você não vai à

igreja, você não tá salvo". Entendeu? Tipo... "Você tem que ir para a igreja, senão você não tem um relacionamento com Jesus? Que que você tá falando?" E aí, vi muita coisa acontecendo que não [sic] faziam sentido, muitas vezes... Porque sempre, desde pequeno, eu tinha o hábito de ler a Bíblia, tudo mais... E vi coisas acontecendo na igreja, tipo: Certa vez um filho duma irmã lá da igreja, ele... Ele... Ele era... Ele é gay. E ele foi à igreja algumas vezes. E eu vi, assim, até mesmo pastor... A cúpula, né? Da igreja... Assim, ridicularizando aquilo, fazendo piada... Vi muitas vezes, quando ele ía dentro da igreja todo mundo olhando torto para ele, durante o culto todo. Como eu sempre fui do ministério de louvor, eu via aquilo... E aquilo me indignava muito. Porque eu falava: "Cara, isso não faz sentido, isso não é o que Jesus fez"... Sabe? Beleza... Por mais que isso acontecia... Tinha algumas coisas que me deixavam chateada... Tipo, o pastor pesar em cima da questão dos dízimos, e, tipo assim... Se você, sei lá... Você não dar dízimo, você vai pro inferno, e você não pode participar de nenhuma função na igreja. Tipo isso... A questão de, tipo assim, só o pastor ou as pessoas mais espirituais que podem ter a palavra, que podem pregar, que podem... Sei lá, dirigir algo. Isso para mim não fazia sentido também, porque da mesma forma... O mesmo Jesus, que ministrava ali, ministrava em mim, ministrava nos meus amigos, e nas outras pessoas. Por que isso? Por que essa... Essa... É... Como é que fala? Tipo...

00:12:41

*Entrevistador:* Monopólio...

00:12:42

*Entrevistada 5:* É, esse monopólio, assim... Para algumas pessoas específicas. E isso não fazia sentido, sabe? Vi muita gente entrar e sair da igreja porque... Por maus tratos mesmo, sabe? Das pessoas... E isso, assim, eu falei: "Não, não é isso". E aí, voltei para Belo Horizonte. Nisso que eu fui pra Belo Horizonte, voltei para a Igreja Batista da Lagoinha. Lá eu fui meu ministério de jovens, muito grande. Que é o Club, né? Que até, tipo... Foi de lá que eu tirei essa ideia do Terraço. Mas não de ser uma... Tipo... De nenhuma igreja, né? Porque lá eu era da Lagoinha. Então lá, assim, foi um ministério que foi crescendo muito rápido. Saiu do nada e foi crescendo muito rápido... E vários jovens, onde tinha uma abertura maior, que qualquer um era bem-vindo. E tinha... As missões e entendia que todo mundo era bem-vindo, e isso sempre foi algo que me marcou muito, e me indignou. Só que eu tive uma certa decepção com o pastor de lá, por conta de interesse mesmo, sabe? De dinheiro? Eu estava numa igreja onde tinha alto valor aquisitivo, as [sic] pessoas íam tinham alto valor... Tinham muita grana... E aí eu... Não foi caso de roubar, nem nada, mais foi algo tipo assim... No início todos podiam ir, todos eram bem-vindos, mas no final ficou algo muito fechado ali na... Onde.. É porque é sempre assim, né? Tem a Igreja, mas tem ali os conselhos, tipo... Pastores e amiguinhos dos pastores, e ali, e a igreja, tipo... Povão, e tal... Aquilo ali me decepcionou um pouco. E foi aí que eu conheci a ONG, que eu faço parte em missão. Onde a gente não se declara como igreja. A gente é igreja um com o outro, mas não igreja fixa. Onde nós somos evangélicos, nós temos uma instituição e tudo o mais, não... Onde o nosso motivo é ir e trabalhar com as igrejas locais, porque a gente entende a importância das igrejas, sabe? Entendo a importância de uma igreja no local, porque é onde as pessoas são ensinadas e tudo mais. Só que eu acho que, na minha visão, muitas vezes as pessoas colocam isso... Colocam isso de igreja, tipo, colocam muito o eu delas, sabe? E aí isso, é algo que me... Eu não consigo continuar muito, sabe? Tipo... E aí... Só que eu vi muito... Mesmo nessa ONG eu tive um... Uma decepção muito grande, quando eu me assumi para os "pastores", né? Seriam os líderes espirituais. E aí eu fiquei muito decepcionada com isso... Não porque eles não falaram, tipo: "Nossa, parabéns, vem pra cá, e tal... Nós achamos... Nós te apoiamos nisso". Eu sei que... Eu não queria que eles me apoiassem nisso, porque cada um tem de ter sua, realmente, opinião. Até porque eu entendo que é um pecado, e ninguém te apoia, tipo assim, na mentira... Tipo, não é

correto alguém falar: "Você está mentindo, e eu te apoio a continuar na mentira"... Tipo, não. Não gostaria disso. Mas foi algo muito pesado que envolveu, tipo... Meio, como se fosse, uma internação, num local isolado de pessoas e... Pra como se eu fosse ter uma cura disso, entende? E aí foi algo que foi me desgastando, desgastando... Quando aí eu vinha... Eu vim morar aqui. Continuo me considerando parte da Live to Love, que eu me considero uma missionária, porém...

00:17:26

*Entrevistador:* Desculpa... Continua se considerando parte da ONG?

00:17:37

*Entrevistada 5:* Da Live to Love, sim. Porque eu me considero uma missionária. Que faz missões junto com eles, mas não necessariamente... Tipo assim... Eu me intitulo a Live to Love, sabe? Eu entendo que a minha vida é à parte... Eu entendo, meu objetivo, ministério de fazer missões... Eu entendo os meus defeitos e mesmo assim eu sei que Jesus não me abandona e que ele conta comigo, sabe? Que ele pode contar comigo.

00:18:10

*Entrevistador:* Então mesmo com relação à ONG, você teve algumas frustrações semelhantes à experiência que você teve na igreja em si.

00:18:18

*Entrevistada 5:* Sim. Acredito que no final a [sic] insti... Instituições, sabe? Não me... Não consigo mais me encaixar, sabe?

00:18:33

*Entrevistador:* Eu conheço... Logicamente eu conheço bastante da sua história, mas só pra ficar registrado aqui... Quando você diz que a sua frustração com a ONG foi ao se assumir, tem que ver com a questão da sexualidade, certo?

00:18:46

*Entrevistada 5:* Sim, me assumir homossexual.

00:18:49

*Entrevistador:* Só para o registro aqui.

00:18:50

*Entrevistador:* Maravilha. Agora que a gente pôde entender um pouquinho do teu contexto, *Entrevistada 5*, eu queria conhecer um pouquinho, agora então, do teu presente, no caso aqui. A terceira pergunta tem que ver com seu presente. Eu queria... Já conheci o passado, entender um pouquinho de como funciona, isso que eu queria saber, como se expressa a fé desfilada de uma igreja. Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade? Como que você consome o produto de cunho religioso? E principalmente, talvez a mais interessante, como que você formata os valores que constituem a sua fé?

00:19:37

*Entrevistada 5:* Ah... Calma, primeiro... Qual que foi a primeira pergunta? Vamos por partes.

00:19:44

*Entrevistador:* Quais são os momentos de expressão pública da sua espiritualidade?

00:19:47

*Entrevistada 5:* De expressão pública... Eu uso muito a plataforma do Instagram, da rede

social, que eu acho que é uma forma de, assim, compartilhar o que eu vivo, sabe? O que eu acredito, e talvez influenciar alguém, sabe? A... A mostrar pra muitas pessoas que possam estar passando pelo que eu passei, tipo assim... De desilusão, de tudo e mostrar que, tipo... "Cara, tá tudo bem. Você pode sim, continuar com seu melhor amigo, Jesus, e permanecer com ele, independente se você não se enquadra numa igreja". E que também, para mostrar também, talvez ser relevante para alguém que esteja na igreja, também. Que seja evangélica, católica, qualquer que seja. Sabe por quê? No final, a gente acredita no mesmo Deus, sabe? No final a gente... Eu posso ser relevante num aspecto, sabe? De amor, de... Qualquer que seja, sabe? De importância do próximo, na minha vida ou de... Sei lá, um tema que eu já passei que foi depressão. A minha espiritualidade foi muito importante para mim, e eu já publiquei isso através do Instagram. E muitas pessoas vieram... Trouxe ao público isso, e muitas pessoas vieram até mim, pedir ajuda por algo que eu firmei minha fé em Cristo e por dizer que aquilo me salvou, entende? Outra forma de trazer alguma expressão pública, e que... Eu no meu dia a dia, eu faço pequenas missões também. Por mim mesma. Muitas vezes, é... Igual... Eu mobilizei uma vez, num curso que eu fazia, a forma das pessoas ajudarem o próximo. E aí eu fiz uma campanha de roupas e doações, lá, durante uma semana, muitas pessoas ajudaram. E aí, eu, desde o início eu mostrei pra que quem quisesse ajudar outras pessoas, o próximo, que era para o pessoal do centro, podia vim. Mesmo quem não tinha doado, mas que queria fazer essa atitude, que queria ter essa atitude de amor, poderia ir comigo. E eu juntei uma equipe grande, e foi uma missão de um dia. Depois do nosso curso, a gente pegou aquilo e foi andando. Foi um grande grupo de jovens, onde tinham umbandistas, tinham espíritas, tinham católicos, evangélicos, ateus. Só que eu [sic] tava liderando aquilo, e eu influenciei o amor. Sabe? Eu pude, tipo, compartilhar com eles um amor que [sic] tava sendo gerado dentro de mim e através de mim, e através deles foi impactado ali. E desde o início eu mostrei que a minha espiritualidade, eu estava fazendo aquilo por causa de Jesus. Então, são exemplos assim, que eu faço, assim, no meu dia a dia mesmo. Muitas vezes eu pego pessoas que estão ao meu redor e falo: "Ah, gente, vamos fazer isso? [sic] Vamo lá no mercado, comprar algumas coisas, vamos ajudar alguém? Vamos..." Sei lá. O que já aconteceu? Sei lá, eu tá andando no shopping e eu ver que alguém estava triste... Sentar e conversar. E aí, ali manifestar a minha fé. Sabe?

00:23:52

*Entrevistador:* Você... A partir disso que você contou agora... Você se consideraria uma líder religiosa, mesmo sem religião?

00:23:59

*Entrevistada 5:* Não. Não.

00:24:07

*Entrevistador:* Porque você contou o poder de mobilização, né?

00:24:07

*Entrevistada 5:* Seria líder de mim. É... Eu acredito no poder da movimentação, mas que todos podem participar. Sabe? Tipo, mas não me considero uma líder.

00:24:23

*Entrevistador:* Como que você formata os valores que constituem a sua fé. Essa pergunta é mais ou menos o seguinte: Uma pessoa que segue uma igreja, ela tem ali a igreja, no caso, o líder, enfim. Tem o uso das doutrinas, tem as suas crenças que dizem "isso nós cremos, isso não". Quando você é independente, digamos assim, como você decide o que você crê, o que não crê... Como você formata sua crença?

00:24:50

*Entrevistada 5:* Então, eu tenho como chave a Palavra, a Bíblia. É algo que eu creio, que eu me alimento todos os dias, e a oração. Eu uso essas duas ferramentas... O que que eu formato... Como que eu formato o que eu acredito ou não? Eu entendo que o que está na Bíblia, tá na Bíblia, e é o correto. É o meu ponto, e tipo assim, é o meu norte. Sabe? Eu sei que muitas vezes eu posso não praticar tudo que está ali, mas o meu alvo é praticar tudo que está ali. Sabe? O que a Bíblia diz que tá certo, tá certo, o que a Bíblia diz que tá errado, tá errado. Mas não necessariamente... O que ficou mais fácil, foi tirar essa culpa, que muitas vezes a instituição colocou em cima de mim e de outras pessoas ao meu redor, pelo pecado delas, ou pela não obediência sempre do que está ali. Sabe? Eu consegui entender que ali é um norte, é um manual de instrução, e que nem sempre a gente vai conseguir fazer tudo que tá ali. Mas o que está certo, tá certo, e o que tá errado, tá errado. Isso é um fato, sabe?

00:26:29

*Entrevistador:* Beleza. Baseado no que você respondeu na pergunta anterior, o que você está vivendo hoje... Você considera a sua visão atual como uma reação a experiências que você teve no passado, ou como resultado de uma busca intencional. Você é sem religião como resultado ou como busca? Como reação ou busca, melhor dizendo, né?

00:26:53

*Entrevistada 5:* Eu acho que foi uma reação, talvez, porque... Foi um *mix* dos dois, acredito. Porque, obviamente, eu cheguei nessa busca e cheguei nesse resultado, num resultado através da busca, por conta de uma reação. Do que eu... O que eu fiz foi durante a minha formação de opinião, de ideias, que foi a minha infância, minha adolescência e hoje a minha juventude. Então, eu acredito que é sim um período de formação de ideias, do que a pessoa quer pra vida dela. Sabe? O que ela quer seguir e o que ela não quer seguir. O que faz sentido pra ela e o que não faz. Então, através de uma reação de situações que eu passei, eu comecei a ver que aquilo... Eu não me encaixava em tal situação, depois eu não me encaixava em tal situação... Através disso, eu busquei... Eu comecei a ter uma busca de entender o que é que eu quero para minha vida... "Vou sentar aqui, não vou", e tal... E acabei chegando nesse resultado. Foi... Acho que é uma consequência, assim. São passos: Reação, depois uma busca, depois do resultado.

00:28:10

*Entrevistador:* Teve uma provocação, que gerou outras coisas, né?

00:28:15

*Entrevistada 5:* É.

00:28:15

*Entrevistador:* Beleza. Bom, nessa quarta pergunta, eu queria então agora... Falamos do passado, presente, vamos falar agora um pouquinho do futuro. Claro que do ponto de vista mais hipotético, né? O que eu queria saber, é como que você projeta a sua religiosidade de uma perspectiva futura. Por exemplo: Você se vê, sob alguma condição, algum cenário hipotético, na possibilidade de filiação novamente a alguma igreja? Existe algum cenário que se acontecesse você se filiaria, ou essa possibilidade não existe mais?

00:28:53

*Entrevistada 5:* Acredito, sim, que há essa possibilidade. Eu acho que o que está acontecendo muito – que é o que, na verdade, está sendo um pouco o meu presente – é participar, sim, filiar a alguma igreja, porém tendo a minha vida, sabe? Não fazer daquilo a minha vida, sabe? Filtrando. Porque eu entendo a importância de uma igreja, sabe? Só que não colocando o meu

nome na igreja, tipo... A igreja teve uma atitude X... Então quando eu era membro, tipo, eu acreditava que por a igreja ter tido aquela atitude, conseqüentemente nome [sic] taria ali também, assinando embaixo. E não. Então, por exemplo, sei lá... Se eu for ter um relacionamento homoafetivo. Eu sei que a igreja não vai me aceitar, infelizmente. Não, não apoiar, mas... Aceitar que eu faça daquilo, sabe? Que eu faça parte do corpo, mesmo tendo um relacionamento. Assim como outras pessoas têm outras... Fazem coisas na vida delas que diante da Bíblia está errado, e que são aceitas, sabe? Então a única forma que eu me vejo, talvez me filiando, seja separando a minha vida da igreja, a minha vida pessoal. Provavelmente, se eu for ter um relacionamento, e eu não vou poder... Ninguém vai poder saber, porque aquilo... A minha vontade de participar da igreja é maior do que... Participar da igreja e não contar, é maior do que contar e não participar da igreja, sabe? Que eu entendo que é importante, sabe? Eu sinto falta, por exemplo, de tocar em um ministério de louvor. Eu sinto falta de ter, ali, jovens e mobilizar eles para fazer várias coisas e... Coisas para aproveitar a juventude, porque eu sei o quanto é ruim um jovem estar perdido, sabe? Porque hoje, na minha geração [sic] é apresentado muitas coisas, que o jovem pode jogar a sua vida fora, sabe? Assim como eu, um dia, quase joguei. Sabe? Então, eu acredito que o ambiente da igreja, por mais que aconteçam essas coisas ruins, eu acredito que é um ambiente saudável... Para um adolescente crescer, para um jovem crescer. Porque ali é saudável, é puro, muitas vezes, sabe? Os jovens, sei lá, se juntarem e ir pra uma praia jogar bola num domingo. Ao invés de estar ou depressivo em casa, que é muito da minha geração, ou se drogando, tá tendo interesse em outras coisas, sabe? Eu acho importante igreja. Então talvez eu me filiaria...

00:32:01

*Entrevistador:* Então você arranhou agora a pergunta que eu ia te fazer... Justamente, ainda nessa consideração hipotética, se você... Na possibilidade de ter filhos no futuro, se você buscaria desenvolver neles valores cristãos e até a prática de frequentar uma igreja ou não?

00:32:24

*Entrevistada 5:* Com toda certeza. Com toda certeza, porque é algo que eu creio, sabe? É algo que me norteou, pra eu... Tipo assim, pra eu ser construída, assim, e ter princípios de caráter. Meu caráter, sim, foi formado, muitas vezes, pela igreja também. Parte dele. Princípios que nunca saíram de mim. O amor, eu conheci, muitas vezes, dentro da igreja. Então, com toda certeza eu pretendo, por exemplo, ter filhos e ensinar eles num caminho cristão, ensinar princípios assim... E muitas vezes também... Muitas vezes não, provavelmente isso vai acontecer, que é ensinar o caminho dentro de uma igreja, sabe? Só que tendo essa visão de que todos são bem-vindos e que ninguém é diferente de ninguém.

00:33:24

*Entrevistador:* Entendi. Só pra... Só para ver se ficou claro o que você falou no início dessa pergunta... Você falou que há possibilidade de filiação, mas você notou que talvez não conseguiria ser parte da relação de membros, digamos assim... Então basicamente o que eu estou entendendo, me corrige se eu estiver errado, tá? Porque eu entendi...

00:33:43

*Entrevistada 5:* Como é que é? Você falou, tipo, que eu poderia me filiar mas não ser membro?

00:33:43

*Entrevistador:* É isso que eu ia te perguntar... O que eu entendi, me corrige se eu estiver errado... É que você vê a possibilidade de filiação, mas não se inscrevendo como um membro, nome registrado. Você vê a possibilidade de filiação como participação, e não como filiado... É isso ou eu entendi errado?

00:34:06

*Entrevistada 5:* Não, eu... Eu vejo a possibilidade sim, muitas vezes, de me inscrever ali. Escrever o meu nome ali. Porém tendo a minha vida pessoal, e entendendo que, infelizmente... Como é uma situação que sempre vem à tona, que é a da sexualidade... Uma situação dessa não vai poder ser pública na igreja, muitas vezes. Porque se não, vão me chutar de lado, se eu não largar isso, por exemplo.

00:34:37

*Entrevistador:* Na segunda pergunta você comentou algumas frustrações que você teve. Mas pelo que eu [sic] tô entendendo agora, então, o que hoje te separa... Realmente a gota d'água, digamos assim, que realmente te separa de uma instituição é a questão da sexualidade, acima de todas as outras frustrações, ou não?

00:34:56

*Entrevistada 5:* Sim, sim é... A igreja tratar isso como um pecado diferente, e que... E a não possibilidade de você atuar no ministério, sendo assim. Porque acredito que uma igreja, ela é formada por ministérios. Ou seja, todos atuam em algo. E se você tem essa prática... "Não cara, isso não é... Aqui não é o seu lugar", sabe? Você pode até frequentar, mas você não pode atuar. Sabe? Como se todos os atuantes fossem santos.

00:35:42

*Entrevistador:* Então você considera seu status religioso atual como temporário ou definitivo?

00:35:49

*Entrevistada 5:* Acredito que nada é definitivo. Se tiver essas duas alternativas, pode ser temporário. Porque... Pode ser que eu volte, poder ser que eu não volte, sabe? Tem a possibilidade de eu voltar... De eu me filiar a alguma igreja, tem... Grande, inclusive, a possibilidade. Mas não é definitivo. Pode ser que sim, pode ser que não.

00:36:23

*Entrevistador:* Beleza. A quinta e última pergunta, ela... Eu confesso... Tenho falado em todas as entrevistas, que ela tem um lugar especial nessa pesquisa aqui. Porque no fundo no fundo, foi a busca dessa resposta, que particularmente me motivou a iniciar essa pesquisa e as entrevistas... Encontrar essa resposta. Você mencionou, ao longo da nossa conversa aqui, diversas vezes que a igreja, ela tem importância. Apesar de todas as frustrações, ela é um elemento muito importante. Você frisou isso algumas vezes, né? Mas tem as questões de frustração que, inclusive, hoje te separaram dessa filiação, né? Então o que eu queria saber é o seguinte, *Entrevistada 5:* Da sua perspectiva, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Quais são as características que deveriam ser mudadas, tanto no sentido de desenvolver ou abdicar? Ou seja se você pudesse dar um conselho para as igrejas formais, como você descreveria a igreja do século XXI?

00:37:42

*Entrevistada 5:* Como eu descreveria ou como se eu pudesse dar um conselho?

00:37:45

*Entrevistador:* No mundo ideal.

00:37:46

*Entrevistada 5:* Ah tá! Cara, acredito que seja um lugar para todos. Onde todos podem atuar. Porque acredito que ao você atuar, você cresce ali, e você é moldado, sabe? Acho que a igreja espera pessoas já... Status já formadas, esculpidas e não um bloco inteiro, sabe? Acho que ali

seria o local onde as pessoas seriam esculpidas, e muitas vezes aquela pedrinha ali, não era para ser retirada. Sabe? Porque é a opinião da pessoa. Acho que a igreja marca muito, do tipo: "Você só fica aqui caso você seguir... Caso você siga os meus.... Essas regras aqui. Se você não seguir, desculpa, vai achar outro lugar. Porque aqui não é o seu lugar". Acho que da forma que Jesus falou, a igreja é um lugar para todos, onde todos se ajudam, se apoiam, sabe? Seria um grande refúgio e não um julgamento. Acho que sim. Como é que fala? Quando a pessoa, tipo... Poxa, você vai lá, e aí você fez uma coisa errada... Aí você tem ali um amigo, ou um líder, alguém que está ali para se apoiar, para te apoiar... Ela fala: "Cara, isso não está certo. Olha aqui porque que isso não tá certo, tal... Mas eu te amo mesmo assim. Você tá aqui caminhando comigo. Se você decidir fazer isso, mas tudo bem." E ali é uma comunidade para se apoiar e não um local de julgamento, onde tá só chutando as pessoas pra fora, e as pessoas estão ficando machucadas. Sendo que era para ser um hospital, sabe? Pra pessoas doentes, que todos são e não um local onde querem apenas pessoas perfeitas. Acho que... Estátuas já esculpidas, sabe?

00:40:08

*Entrevistador:* Perfeito. Essas eram minhas perguntas. Você tem alguma dúvida ou alguma consideração extra que você queira fazer para concluir?

00:40:18

*Entrevistada 5:* Acho que é isso... Eu falei bastante, precisava até molhar o meu bico.



## ANEXO F - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTADO 6

## TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE ENTREVISTA

Realizada em 02 de setembro de 2020, via plataforma Zoom

00:00:00

*Entrevistador:* Então beleza, vamos começar pelo termo de autorização. Eu vou ler aqui. São três sentenças, eu vou ler aqui para ficar certinho. Tá?

00:00:10

*Entrevistador:* Confirmando que entendi as informações sobre a participação na entrevista e tive a oportunidade de fazer perguntas ao pesquisador.

00:00:20

*Entrevistado 6:* Ok

00:00:20

*Entrevistador:* Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar de dar explicações e sem que meus direitos legais sejam afetados.

00:00:33

*Entrevistado 6:* Ok.

00:00:33

*Entrevistador:* Concordo em participar da entrevista e permito o uso e divulgação dos dados por parte do pesquisador, preservando o anonimato.

00:00:40

*Entrevistado 6:* Concordo.

00:00:43

*Entrevistador:* Me diz teu nome completo, por favor.

00:00:48

*Entrevistado 6:* Entrevistado 6.

00:01:00

*Entrevistador:* Seu ano de nascimento.

00:01:03

*Entrevistado 6:* 13 do 3 de 1994.

00:01:10

*Entrevistador:* Seu gênero.

00:01:14

*Entrevistado 6:* Eu sou masculino.

00:01:17

*Entrevistador:* Cidade que você mora.

00:01:19

*Entrevistado 6:* Eu moro em Diadema, ABC paulista.

00:01:27

*Entrevistador:* A declaração religiosa.

00:01:30

*Entrevistado 6:* Sem religião.

00:01:35

*Entrevistador:* Então vamos agora para a parte das perguntas em si. Lembrando que são só cinco perguntas, mas bem abertas. Quanto mais você dividir, melhor vai ser para os dados.

00:01:46

*Entrevistador:* Então, eu não sei quanto que você... Pra gente poder abrir o diálogo, eu não sei quanto que você já leu sobre a temática, mas as pesquisas do Censo no Brasil, elas têm mostrado um aumento significativo dos adeptos dessa espiritualidade sem religião. Isso já vem há algumas décadas, e desde a década de 90 esse número se tornou tão expressivo a ponto de ser digno de estudo, né? Pra você ter uma ideia, no último Censo que a gente teve, em 2010, o sem religião cresceu a tal ponto que hoje o *sem religião*, ironicamente, é a terceira maior religião do Brasil. Existe, inclusive, a expectativa de que esse grupo cresça ainda mais nos próximos anos. Mas é um grupo completamente descentralizado, o que dificulta um pouco a compreensão dessa filosofia. A partir disso, eu queria saber o seu ponto de vista. Da sua perspectiva, o que significa ser sem religião? Quais são os impactos dessa autodeclaração na expressão da fé de uma pessoa?

00:02:49

*Entrevistado 6:* Primeiramente, eu acho que religião é um grupo de pessoas que acredita na mesma coisa, que fazem a mesma coisa. Que não necessariamente no mesmo deus, mas todo mundo que faz a mesma... Que [sic] faz os mesmos princípios, as mesmas doutrinas. E aí eles se juntam nisso. Eu não consigo... Eu não me vejo me encaixando em nenhuma dessas religiões, porque o que eu acredito, ou o que eu... O que eu quero seguir, o que eu quero fazer, o que eu quero praticar, não se adequa a nenhuma religião. Então eu acho que é uma coisa, também que não me falta. Prefiro fazer, seguir alguma espiritualidade... Crer em algo, do que seguir alguma religião. Eu acho muito pequeno, ao meu ver, ficar preso em um grupo de pessoas que pensam mais ou menos em doutrinas. E... Eu acho, eu digo mais na questão de doutrinas mesmo, do que na minha religião. Quando eu penso em religião, eu penso mais em doutrinas mesmo... Mais ou menos isso...

00:04:21

*Entrevistador:* Você falou uma frase que me chamou a atenção, você disse: "Prefiro seguir uma espiritualidade do que uma religião". Você definiu no início o que você chama de religião. Como você definiria o que você chama de espiritualidade, para dar essa diferença dos dois pontos? Por que que um é positivo e o outro é negativo?

00:04:41

*Entrevistado 6:* O que eu vejo espiritualidade, é você se conectar com algo maior. Com um ser criador, com seres criadores. Eu acho que é o acreditar, e querer me conectar com esse ser maior. Eu vejo como espiritualidade ter um relacionamento ou uma conexão, mas não dedicado a uma religião. Entendeu? Eu... Por exemplo, no meu caso, eu acredito em Deus... Só que não dessa maneira que as igrejas ou que algumas religiões... elas... O que algumas religiões pintam como ser Deus, entendeu? Então eu me relaciono com um ser maior, mas não

dentro de uma religião, entendeu? É isso que eu vejo como espiritualidade: Eu me conectar e ter um relacionamento com um ser maior, só eu e ele. Entendeu?

00:06:03

*Entrevistador:* Você... Você falou antes que religião envolve doutrinas, né? Então seria essa a busca por conexão com algo maior mas sem esse corpo doutrinário, digamos assim...

00:06:14

*Entrevistado 6:* Sim, sim... Eu fui criado em uma igreja Adventista, né? Hoje em dia eu não... Eu não acredito, muita coisa que eu aprendi... Que eu cresci, que eu aprendi desde que eu nasci... Eu vejo que algumas coisas se encaixam, mas hoje em dia não é pra mim, entendeu? Não vejo pra eu seguir. Pra eu acreditar em Deus, pra eu orar e coisa assim, não preciso estar dentro da igreja, não preciso seguir aquela igreja, aquela doutrina que eles pedem pra ser feito, e tudo mais.

00:06:58

*Entrevistador:* Você cutucou agora num ponto, que é exatamente o meu interesse na segunda pergunta. Então eu vou cutucar um pouquinho mais fundo aí. Eu queria saber um pouquinho do teu contexto. O que te levou a se declarar como sem religião? É isso que eu queria saber. Então por exemplo: O que é que você acredita expressar a partir dessa autodefinição? Você já até falou um pouquinho... Qual o seu histórico religioso? Você vem de um contexto familiar, ou individual mesmo, que era denominacional? E você entende sua visão atual como uma reação a uma experiência anterior, ou como resultado de uma busca intencional? Conta um pouquinho pra mim do teu contexto.

00:07:42

*Entrevistado 6:* Então, como eu disse eu fui criado... Minha família até hoje, tios, avós, primos... Todo mundo é da Igreja Adventista. Eu cresci nisso. Participava, cantava... Nunca cheguei a pregar...

00:07:58

*Entrevistador:* Desculpa te interromper... Só para o registro, Adventista do Sétimo Dia, certo?

00:08:01

*Entrevistado 6:* Adventista do Sétimo Dia, exato. Mas eu... Cheguei numa idade em que eu me descobri homossexual, e comecei a analisar a situação toda. Quando eu cheguei... Quando tinha vinte e três anos, eu olhei e falei: "Gente, eu não me encaixo aqui". Só que e ao mesmo tempo eu acredito em Deus, né? Acredito... Na verdade, eu acredito em várias coisas. Eu acredito naquilo que me faz bem, né? Só que Deus, eu acho que regia a tudo isso. Então eu cresci, e quando cheguei nessa determinada idade, eu cheguei pros meus pais e falei: "Olha, eu não pretendo mais seguir essa religião, não me faz mais sentido... Eu olho para tudo o que eu vivo, não sou... Não me sinto aceito, não me sinto bem aqui, é... Mas... Só que assim, meus pais reagiram um pouco [sic] ruim... Só que o que minha mãe sempre dizia foi que... Me diz até hoje... "Sempre ore, sempre fale com Deus. Busque a Deus e fale com ele. Independente do que você segue, e da religião que você segue. Se você errou, se você... Mas fale com Deus que é o importante, ele tá ali". Então isso é o que eu tenho mais marcado, assim, na minha mente até hoje.

00:09:51

*Entrevistador:* Você mencionou que o ponto de partida para o desligamento, do seu contexto religioso, foi a descoberta da homossexualidade. Você considera esse que foi um fator, digamos... O pontapé inicial, ou foi o fator decisivo para o abandono da denominação?

00:10:14

*Entrevistado 6:* Acho que... Acho que foi, talvez, decisivo. Quando eu... Na verdade, na verdade acho que foi o pontapé, sim. Quando eu comecei a olhar, assim... Quando eu me descobri gay, eu olhei e comecei a observar direito como é que funciona e a situação toda. Aí quando eu me assumi, e não me sentia mais aceito, eu falei: "Não, não quero". Aí foi quando eu me senti, que eu não queria mais seguir aquela religião. Hoje em dia, é engraçado que, hoje em dia eu meio que procuro um lugar para mim, para me colocar, né? Uma religião para seguir... Eu estava até conversando com uns colegas meus de trabalho, esses dias, e eu falei: "Meu, eu me sinto... Eu me identifico um pouco com a Umbanda, com o Espiritismo no geral, né?" Eu vejo coisas em que eu me sinto bem ali, só que ficar preso em uma religião, e toda essa questão de sacrifício por algo que eu não consigo ter totalmente uma fé, talvez... Não sei se essa é a palavra, mas... Não me faz querer. Já fui na Umbanda, eu já fui em várias igrejas diferentes, também dentro do cristianismo... Mas nada consegue me pegar de jeito, entendeu? Eu já estive nessa procura, mas hoje em dia eu prefiro ficar na minha aqui, nesse meu relacionamento... Ou quando eu sinto alguma necessidade... Outra coisa também que eu acho que me incomoda muito nessa crença em Deus, ou em qualquer tipo de espiritualidade... Parece que a gente só procura quando está precisando, e aí eu me sinto culpado em procurar só quando preciso. Aí eu falo: "Meu, eu vou ficar quieto na minha aqui... Se ele tiver, se quem tá lá em cima, ou quem tá aqui, não sei... Se ele quiser me ajudar, ele vem me ajudar". Entendeu? Mas essa procura de uma religião, eu já tive esse interesse... Ainda tenho, às vezes... Não sei... É de momentos.

00:12:47

*Entrevistador:* Você considera então, a sua visão atual, o seu posicionamento, como uma reação ou como resultado da busca intencional? Você é sem religião, porque você estava buscando isso, ou na verdade é uma reação ao que aconteceu na denominação?

00:13:06

*Entrevistado 6:* Foi uma reação, sim. Não [sic] tava... Nunca quis, assim... Foi tipo... Eu meio que descobri. Foi tudo o que rolou, que eu comecei a pensar sobre, então: "Ah, deixa quieto, não vou querer"...

00:13:26

*Entrevistador:* Eu queria conhecer então um pouquinho mais sobre... A gente falou do passado, né? Agora vamos falar sobre o presente mesmo. Eu queria entender como se expressa a fé, na prática, desfilhada de uma igreja. Então por exemplo: Quais são os seus momentos de expressão pública da espiritualidade? Da onde você consome produtos de cunho religioso? Da onde você tira coisa? Como você formata... Se você não tem uma igreja para dizer "isso é certo ou errado", como você formata os valores da sua fé? Como é que... Como que você expressa sua fé?

00:14:03

*Entrevistado 6:* Olha, eu acho que de mim mesmo, ou talvez do que eu me baseio... No que sempre me baseei durante a minha vida, da minha infância... Os meus princípios, os meus valores, eu continuo o mesmo desde quando eu nasci, e fui criado... Mas a distinção do que é certo do que é errado... Me baseio bastante nas leis humanas, e que ao meu ver também é baseado nas leis divinas. Ali os Dez Mandamentos: Não matarás; não furtarás; não adulterarás... Para mim isso tudo é válido, né? Principalmente a segunda parte dos Dez Mandamentos. Agora, eu vou muito de mim... O que eu sinto que é certo, o que eu sinto que é errado. E muitas discussões também, com alguns amigos que pensam como eu. Então eu tenho um grupo de amigos, que a gente gosta muito de discutir isso. Que até... Por exemplo:

Na questão de relacionamentos, em questão de... Por exemplo: Vamos falar sobre traição. Até que ponto é uma traição? Até que ponto eu posso levar esse relacionamento? Então eu vou conversando, discutindo com outras pessoas que pensam como eu, ou que pensam diferente de mim. A gente vai discutindo e eu vou criando novas percepções do que é certo e errado.

00:15:52

*Entrevistador:* E você consome seu produto religioso... Você consome informação religiosa de onde? Uma parte eu imagino que seja pelos amigos, como você já mencionou, né? Da onde mais você tira produto de cunho religioso?

00:16:11

*Entrevistado 6:* Você diz, é... Como assim?

00:16:15

*Entrevistador:* Por exemplo: Na sua busca pela espiritualidade, para saber mais de Deus, etc... Talvez uma pessoa... Vou dar um exemplo aqui de comparação, tá? Uma pessoa que frequenta uma igreja, ela consome produto religioso como? Ela vai na missa, ela vai no culto, ela assiste à pregação do *não sei quem*, ela lê o livro que é usado na igreja... Deu pra entender? Desprendido de uma igreja, da onde você tira a sua fonte de informação religiosa?

00:16:45

*Entrevistado 6:* Então, eu não... Acho que não... Não tenho essa fonte. Eu vou... Tipo, às vezes eu... Já fui, já passei dessa fase de ler a Bíblia. Não gosto muito do que tem lá dentro... Já... Eu vou mais do que eu vivo, do que eu sinto, do que eu vou vivendo, do que vai acontecendo na minha vida... Eu acho que se existe alguém maior... Porque de alguma forma existe alguém maior, existe um ser maior. Existe um Deus, existe algo que Deus criou. Então eu vou sentindo isso na minha vida. No cuidado, quando eu olho a vida acontecendo... Eu acho que isso é o que... Agora, saber quem é e da onde [sic] vinham, eu já tive várias discussões e nunca consegui chegar a um denominador comum, entendeu? Não tenho esse... É... Essa busca contínua. Até porque eu acho que essa busca contínua e essas grandes discussões entre pessoas, eu acho que daí que surgiu as denominações, onde as pessoas que pensam igual, e pensam que seguem a mesma coisa, né? Que [sic] surgiu as denominações.

00:18:17

*Entrevistador:* Então a... Tanto a prática religiosa, que eu [sic] tô entendendo... Inclusive, me corrige se eu tiver errado... Tanto a prática religiosa, quanto a fonte de informação para o desenvolvimento, etc., vem muito de percepções individuais mesmo, leituras individuais e leituras do mundo, né? Individuais e pensamentos...

00:18:37

*Entrevistado 6:* Exato. Isso.

00:18:41

*Entrevistador:* Falamos do passado, falamos do presente. Nessa quarta pergunta, queria falar um pouquinho do teu futuro, tá? Logicamente aqui a gente entra numa área especulativa, hipotética. Mas você mencionou... Eu queria entender como você projeta a sua realidade, de uma perspectiva futura. Você mencionou antes – acho que foi na segunda pergunta – que de vez em quando... Que você buscava outras denominações e talvez, de vez em quando, você ainda tem essa vontade, digamos assim, mas não é uma coisa bem definida. Então, a minha pergunta é em cima disso. Você se vê sob alguma condição, na possibilidade de filiação a alguma igreja ou denominação? Se alguma coisa acontecer, se alguma adaptação ocorresse... Tem algum cenário, onde você se vê se filiando a uma igreja, ou em hipótese alguma? Outra

pergunta em cima disso: Vamos supor, hipoteticamente, que você tenha filhos no futuro. Você procuraria desenvolver nesses filhos valores cristãos, ou você procuraria desenvolver neles o hábito de frequentar ou pertencer a uma igreja? Como você vê isso?

00:19:53

*Entrevistado 6:* Na primeira pergunta... Eu... Talvez sim. Eu acho que... Como eu às vezes procuro isso... Quando eu vejo que estou precisando de algum conselho, de alguma coisa, é... De alguma coisa, assim, que toque meu coração, de alguma resposta, que é muito importante. Quando eu não falo, comigo mesmo, me ligando a Deus, ou um ser maior, eu gosto muito de ir no Centro Espírita, no terreiro de Umbanda, alguma coisa assim... E eu vejo que esse é o caminho que eu vou... Que eu vou mais, sabe? Que eu acredito mais. Eu vou, e eu converso lá, e é isso. Talvez se eu for com mais frequência, talvez eu possa me firmar nessa. Mas como eu disse anteriormente, essa questão do extremo sacrifício que a gente tem que ter por algo, que eu não consigo... É só pela base da fé mesmo, né? Que você tem que ter por aquilo. Então parece que esse sacrifício todo: "Ah, eu tenho que fazer tal coisa. Eu tenho que raspar minha cabeça para conseguir fazer o que eu quero. Ah, eu preciso fazer uma oferenda para conseguir que o santo me ajude". Ou numa religião cristã, eu preciso seguir aquelas coisas. Eu não posso fazer tal coisa, não posso ser de tal jeito, ou eu tenho que ser de tal jeito, pra conseguir que Deus me ouça, ou me ajude, ou me faça alguma coisa. Por exemplo: Jejuns, e enfim... Essas coisas para mim... Talvez, isso que eu não compreenda tanto das religiões em si. Sobre... Se eu tiver um filho um dia... Eu acho que não. Eu não diria nada pra ele. Eu acho que se ele vai vendo, ele vai se descobrindo, e ele vai sentindo o que ele prefere seguir, a religião que ele prefira seguir, o Deus que ele prefere acreditar... Acho que essa liberdade de escolher o que a gente vai querer e o que a gente quer acreditar, eu acho muito... Muito mais importante. Eu acho que isso ajuda até a moldar quem nós somos, né? Até porque, quando eu resolvi sair da igreja – quando eu resolvi não frequentar mais a Igreja Adventista do Sétimo Dia – foi uma decisão muito forte para a minha família. Foi um choque muito grande, para os meus avós principalmente. Meu avô até hoje vem me falar: "Ai, acredito que você vá pro céu. Eu acredito que você..." "Show, vô, lindo, só que seguir a igreja..." Aí: "Ah, quando que você vai voltar na igreja pra cantar?" Eu falo: "Vô, eu não preciso ir pra igreja para acreditar em Deus. Eu não preciso ir à igreja... Eu preciso ter a mesma religião que você, ou ter que fazer, ou acreditar nas mesmas coisas que você, para eu ter essa mesma conexão com Deus. Ou, quem sabe, talvez eu vá mesmo pro céu, sem... Porque quando eu era da igreja, sempre ouvi aquilo... Que no céu teriam até espíritas lá. Então acho que... Falando na religião que eu sempre tive, né? Eu acho que pra conseguir o que... Pra ir para o céu, eu só preciso de ser uma boa pessoa, né? Eu só preciso ter... Amar ao próximo, fazer o bem às pessoas... Eu acho que isso que talvez me levaria para o céu... Se isso realmente existir, né? Eu acho que... Então ter essa liberdade... Eu dar essa liberdade para o meu filho ou minha filha um dia, é muito bom para ela, né? Até para um relacionamento meu, para a formação da pessoa que ela é, saber fazer as escolhas dela, entendeu? Então é meio que isso.

00:24:14

*Entrevistador:* Você considera então, ainda na perspectiva do futuro, seu status religioso atual, como temporário ou definitivo?

00:24:27

*Entrevistado 6:* De sem religião?

00:24:27

*Entrevistador:* Isso.

00:24:27

*Entrevistado 6:* No momento definitivo, mas pode ser que seja temporário. Eu não sei, o amanhã é muito escuro. Eu não sei o que pode acontecer. Mas pode ser que uma hora eu encaixe dentro...

00:24:43

*Entrevistador:* Não é fechado, digamos assim...

00:24:46

*Entrevistado 6:* Exato, exato. Eu sou muito aberto pro que pode acontecer na minha vida. Qualquer coisa que pode acontecer na minha vida, eu vou aprender a lidar com isto. Se de repente eu sentir uma coisa muito absurda dentro de uma religião, pode ser que eu siga ela. Mas no momento, eu estou bem aqui, na minha quietinho, sem precisar de nada.

00:25:10

*Entrevistador:* Beleza. Bom, a quinta e última pergunta, eu tenho dito nas entrevistas que ela tem um lugar especial, particularmente. Porque a busca da resposta dessa pergunta, de certa forma, que me motivou a iniciar essa pesquisa, em si. Então, eu queria saber o seguinte: Da sua perspectiva, qual deveria ser o papel da religião na sociedade atual? Quais são as características que a igreja formal deveria mudar seja para desenvolver algo para abrir mão de algo? Ou seja, no mundo ideal, se você pudesse formatar uma igreja ideal, como você descreveria a igreja do século XXI?

00:25:53

*Entrevistado 6:* Mais difícil essa questão... Eu acho que... Porque assim... Aí eu gostaria de fazer uma pergunta para você, que é uma dúvida que eu tenho agora: Qual é a necessidade da religião para os seres humanos, para o mundo? Porque eu não... Eu não vejo necessidade. Pra mim não tem necessidade. Eu acho que se a gente quer... Talvez seja para encontrar as pessoas, pra ver... Pra conseguir discutir alguns assuntos... Mas isso precisa ser algo formal? Precisa ter essa religião? Eu acho que as pessoas deveriam seguir aquilo que elas querem acreditar, naquilo que elas querem, entendeu? Eu acho que ter... No futuro, se alguém tiver necessidade de criar um grupo para discutir esses assuntos, pra pregar esses assuntos, legal. Mas eu acho que o problema é não impor isso, e não fazer com que os outros acreditem nisso. Então, não que tenha uma religião que exista, uma religião... Não sei... Eu acho que muito... É muito subjetivo, assim. Entendeu? As pessoas não precisam ter essa religião. Eu acho que a pessoa precisa sentir e seguir... Porque é algo que eu vivo e é algo que eu sinto. Eu acho que não tem essa necessidade de ter uma religião, entendeu?

00:27:41

*Entrevistador:* Então basicamente, não dá para descrever uma igreja perfeita, porque na verdade não... Não precisaria existir.

00:27:51

*Entrevistado 6:* Não existe igreja perfeita, né? Na verdade existe... Assim, pelo que eu vi na igreja, Deus fala na Bíblia, que existe a igreja dele e não a religião dele. É uma coisa que eu carrego muito isso pra mim, até hoje. Eu sei que quando se fala em igreja, eu vejo como um povo. Um grupo de pessoas, que pode ser o evangélico, o batista, o espírita, o umbandista, o budista... Então eu acho que nesse grupo de pessoas que faz o bem, que os faz... Que ama o próximo, que sempre pensa nas coisas boas, que procura sempre ter esse tipo de atitude... Eu acho que é esse povo que é o povo de Deus, que é a igreja de Deus. Então eu acho que... A religião... Quando a gente desprende isso de uma religião, eu acho que fica muito mais fácil

da gente ver que o que é o... O que é preciso, o que é necessário pra gente conseguir algo maior, ou até mesmo essa conexão muito mais próxima do que tá lá em cima.

00:29:12

*Entrevistador:* Então *Entrevistado 6*, essas eram as perguntas que eu tinha separado. Você tem alguma dúvida, ou alguma consideração final que você queira fazer para poder concluir?

00:29:24

*Entrevistado 6:* Não, só... Muito profundas suas perguntas mesmo... Me fez até refletir em coisas que eu vou continuar pensando o resto do dia... Eu acho que só... Isso que eu falei no final agora, gostaria de deixar bem claro... Que eu realmente não tenho preconceito com nenhuma religião, não me importo com ninguém... Mas eu acho que a gente tem que procurar mesmo é ser bom para as pessoas, e fazer o bem. Eu acho que se a gente ficar focado... Tem que desprender espiritualidade de religião, porque as pessoas... Quando você perguntou pra mim se eu procuro ter alguma religião algum dia, se eu quero ter alguma religião algum dia... Eu acho que... Eu me preocupo mais em fazer o bem, em ser uma pessoa boa e uma pessoa correta. Tem tudo aquilo... Dentro de tudo aquilo que eu acredito, que eu sinto que seja bom, e também dentro das leis humanas, né? Eu acho que isso já é mais do que o suficiente para a gente conseguir ter um alcance maior na vida, né? Para ter uma espiritualidade mais correta... Eu acho que ser bom na vida, eu acho que é isso.

